



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UnB

INSTITUTO DE LETRAS - IL

DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO - LET

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA TRADUÇÃO -
POSTRAD

MANUELA MARIA REBELLO FONSECA

**A TRADUÇÃO DA LITERATURA PÓS-COLONIAL DE
KEHINDE DE BUCHI EMECHETA PARA O PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Brasília - DF

2023

MANUELA MARIA REBELLO FONSECA

**A TRADUÇÃO DA LITERATURA PÓS-COLONIAL DE
KEHINDE DE BUCHI EMECHETA PARA O PORTUGUÊS
BRASILEIRO**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade de Brasília – POSTRAD/UnB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos da Tradução.

Orientador: Prof. Dr. Eclair de Almeida Filho.

Brasília - DF

2023

**Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

Rebello Fonseca, Manuela Maria

RF676t A tradução da literatura pós colonial de Kehinde de Buchi Emecheta para o português brasileiro. / Manuela Maria Rebello Fonseca; orientador Prof. Dr. Eclair de Almeida Filho. -- Brasília, 2023.

121 p.

Dissertação(Mestrado em Estudos de Tradução) --
Universidade de Brasília, 2023.

1. Buchi Emecheta. 2. tradução comentada. 3. Literatura pós-colonial. 4. escritoras nigerianas. 5. Estudos descritivos. I. de Almeida Filho, Prof. Dr. Eclair, orient.

Agradecimentos

A Deus.

Aos meus pais, com todo amor, por tudo e por tanto.

À minha família, aos meus irmãos, pela torcida e pelo apoio incondicional durante a caminhada.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Eclair de Almeida Filho, pela orientação, pelo apoio e pela tranquilidade.

À amiga Paula Dutra, pela amizade e por todo incentivo desde o início da faculdade.

À Profa. Dra. Alba Elena Escalante Alvarez e à Profa. Dra. Alice Maria de Araújo Ferreira, pela generosidade e pelos ensinamentos durante as aulas.

À Profa. Dra. Eliana Paes Franco, pelos primeiros ensinamentos sobre os Estudos da Tradução.

À Profa. Dra. Elizabeth S. Ramos, por ter me apresentado *Kehinde*.

Ao Prof. Dr. Gustavo Gama, pela disponibilidade para colaborar.

À Profa. Dra. Célia Marques Telles, pelas palavras sensatas no momento oportuno.

Ao Prof. Dr. Dante Lucchesi, pela oportunidade ímpar de ter feito parte do “Projeto Vertentes”.

Aos os colegas do Postrad/UnB.

Às secretarias do Postrad e do Instituto de Letras da UnB.

A todos que, de alguma forma, em algum momento, contribuíram para a realização deste trabalho.

O correr da vida embrulha
tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

(GUIMARÃES ROSA, 1984, p. 297)

RESUMO

A imposição da língua inglesa como norma de prestígio durante a colonização britânica desencadeou significativas variações e mudanças no inglês falado nas regiões colonizadas, originando novos usos da língua. A versão normativa foi, então, substituída por um discurso adaptado ao espaço onde as colônias foram estabelecidas, como forma de reconhecimento e valorização de suas próprias culturas e identidades. Do desejo de libertação de valores e conceitos metropolitanos surge a *literatura pós-colonial*, com o intuito de questionar e negar conceitos impostos pelo poder central, tais como a existência de um código linguístico padrão que deva ser privilegiado. Dentre os escritores pós-coloniais está a escritora nigeriana Buchi Emecheta (1944-2017). Em seu livro *Kehinde* (1994), a trama desenrola-se através de uma língua desconstruída, permeada pelos ideais pós-coloniais. Este trabalho tem por objetivo apresentar uma tradução comentada da obra, inédita para o português brasileiro, investigar e responder que estratégias características da literatura pós-colonial são de fato utilizadas pela autora e como poderiam ser traduzidos os aspectos linguísticos e culturais presentes no livro em questão. Para tanto, serão apresentados exemplos com trechos da tradução em comparação a trechos do texto-fonte, com o intuito de oferecer alternativas tradutórias para *Kehinde*, no contexto brasileiro. Então serão apresentadas as teorias de tradução que orientam a pesquisa, posto que a análise a ser elaborada evolui num âmbito não-prescritivo, será apresentada a Teoria dos Polissistemas, elaborada por Itamar Even-Zohar (1990), e os Estudos Descritivos, desenvolvidos por Gideon Toury (1995). O contexto cultural, histórico e literário e a prática tradutória serão discutidos a partir de teóricos como Bill Ashcroft, Jane Tutikian, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Susan Bassnet, Tejaswini Niranjana, Anthony Pym, entre outros. Desta forma, visto que ainda são poucas as traduções de literatura pós-colonial, principalmente para o português brasileiro, pretende-se contribuir com informações para futuras traduções de textos pós-coloniais.

Palavras-chave: Buchi Emecheta, tradução comentada, literatura pós-colonial, escritoras nigerianas, estudos descritivos.

ABSTRACT

The imposition of the English language as norm of prestige during the British settling resulted in significant variations and changes in the English spoken in the colonized regions, originating new uses of the language. Therefore, the normative version was replaced by a discourse adapted to the places where the colonies had been established, as a recognition and appreciation of their own cultures and identities. The post-colonial literature emerged to question and deny concepts imposed by the imperial power, such as a standard linguistic code that should be privileged. One example of post-colonial literature is *Kehinde* (1994), written by the Nigerian writer Buchi Emecheta (1944-2017). This work intends to present a commented translation of *Kehinde*, unpublished for Brazilian Portuguese, investigate and answer which strategies of post-colonial literature are used by the author and how the linguistic and cultural aspects in the text could be translated. Therefore, examples will be presented with excerpts from the translation compared to excerpts from the source text, with the aim of offering translation alternatives for *Kehinde*, in the Brazilian context. Furthermore, the translation theories that guide the research will be presented, since the analysis to be elaborated evolves in a non-prescriptive scope, the Polysystem Theory, developed by Itamar Even-Zohar (1990), and the Descriptive Studies, developed by Gideon Toury (1995). The cultural, historical and literary context and translation practice will be discussed from theorists such as Bill Ashcroft, Jane Tutikian, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Susan Bassnet, Tejaswini Niranjana, Anthony Pym, among others. Still, since post-colonial literature is not so translated, especially to Brazilian Portuguese, this work can contribute for future translations of postcolonial texts.

Keywords: Buchi Emecheta, commented translation, post-colonial literature, Nigerian writers, descriptive studies.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 A QUÍMICA PARA UMA TRADUÇÃO COMENTADA	13
1.1 A TEORIA DOS POLISSISTEMAS	13
1.1.1 “Even-Zohar tinha sua hipótese polissistêmica”	13
1.2 OS ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO	23
1.2.1 “Toury, sua ênfase empírica”	23
1.2.2 “Lefevere, uma preocupação com a filosofia da ciência”	27
1.2.3 “Lambert, um projeto de pesquisa em larga escala sobre a história da tradução”	30
1.2.4 “Holmes, uma visão sintética abrangendo a teoria e a prática da tradução”	31
1.2.5	
1.3 “A QUÍMICA FUNCIONOU.”	32
2 PÓS-COLONIALISMO, LITERATURA E TRADUÇÃO	36
2.1 O PERCURSO DO INGLÊS NA NIGÉRIA (PÓS-) COLONIAL	36
2.2 A ESCRITA PÓS-COLONIAL: MAIS DO QUE UMA LITERATURA COM SOTAQUE	41
2.3 “QUEM ELEGEU A BUSCA NÃO PODE RECUSAR A TRAVESSIA”	48
2.3.1 “Feminista com ‘F’ minúsculo”	56
2.3.2 <i>Kehinde</i>	59
3 O PROJETO DE TRADUÇÃO EM PRÁTICA	73
3.1 KEHINDE E A CELEBRAÇÃO DOS FALARES NUM ESPAÇO MULTICULTURAL	76
3.1.1 A Tradução do capítulo 1	76
3.1.2 A Tradução do capítulo 2	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS	114

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo geral elaborar uma tradução comentada de parte do livro *Kehinde* (1994), da escritora nigeriana Buchi Emecheta (1944-2017), do inglês para o português brasileiro. Para tanto, no sentido de apresentar uma análise descritiva e comparativa da tradução, tem-se em vista: (a) observar que estratégias características da literatura pós-colonial são de fato utilizadas pela autora em *Kehinde* (1994); (b) propor alternativas de tradução dos aspectos estilísticos e culturais apresentados no livro em questão; (c) analisar e descrever as estratégias utilizadas para a tradução, considerando tratar-se de uma obra da literatura pós-colonial e, portanto, os desafios que o texto pós-colonial apresenta à sua tradução.

Com este trabalho pretende-se, então, investigar e responder o seguinte questionamento: Como poderiam ser traduzidos os aspectos linguísticos e culturais presentes na obra a ser trabalhada para o português brasileiro?

O romance em questão, que encerra o *corpus* do estudo proposto, consiste em mais um exemplo onde a trama se desenrola através de uma língua desconstruída, permeada pelos ideais pós-coloniais. Nele, é contada a história da personagem-título Kehinde, uma mulher nigeriana que mora há 18 anos em Londres com seu marido, Albert, e seus dois filhos. No entanto, quando surge a oportunidade de voltarem para sua terra natal, ela percebe que não gostaria de deixar Londres, pois descobre que está grávida e, além disso, porque acredita que voltar para a Nigéria significaria deixar, também, a independência da qual parecia desfrutar na capital inglesa.

Buchi Emecheta, autora de *Kehinde* (1994), foi uma romancista da segunda geração de escritores pós-coloniais nigerianos. Filha de pais igbo, residiu em Londres de 1960, ano de independência da Nigéria, até o seu falecimento em 2017. De forma recorrente, sua obra carrega um tom autobiográfico, abordando temas que lhe são bastante próximos, como preconceito racial sofrido no ambiente diaspórico e o papel da mulher na sociedade nigeriana.

Para a realização de uma tradução comentada do romance *Kehinde* (1994), as estratégias utilizadas pela literatura pós-colonial representam desafios para o tradutor e exigem dele uma ampla pesquisa, necessária para a tradução dos aspectos linguísticos e culturais presentes na obra a ser traduzida.

O *corpus* a ser trabalhado apresenta uma narrativa desenvolvida em inglês *standard*. Entretanto, a fim de elucidar as características estilísticas e as referências que exprimem as raízes culturais da autora, a escrita exhibe também realizações linguísticas que divergem e, por conseguinte, instigam o cânone ocidental, principalmente, através dos diálogos. Portanto, diante dos desafios que o texto pós-colonial apresenta ao tradutor, trabalhos deste tipo fazem-se necessários, pois poderão contribuir com informações para futuras traduções de textos pós-coloniais. Como concluem Anchieta e Pereira (2015), ainda há espaço para estudos voltados à riqueza linguística das obras nigerianas e suas diversas possibilidades de tradução para o português brasileiro.

A partir da fundamentação teórica na qual se esteia a presente pesquisa, observa-se que os elementos de um dado sistema literário estão sempre envolvidos em uma multiplicidade de relações com elementos de outros sistemas, tanto no centro quanto na margem de um todo cultural, como teoriza Even-Zohar (1990). Logo, torna-se pertinente ponderar que as produções nigerianas, inseridas no sistema literário brasileiro, através de suas traduções, ocupam uma posição periférica em tal sistema.

Nesse sentido, Anchieta e Pereira (2015), ao investigarem a recepção de um possível sistema literário nigeriano pelo mercado editorial no Brasil, chamam a atenção para o fato de que a Nigéria, hoje, já possui um sistema literário expressivo, resultante de uma tradição já consolidada. No entanto, percebem que as obras literárias africanas não ocupam um lugar central, de prestígio, no sistema literário brasileiro, como as literaturas oriundas de sistemas culturais hegemônicos, como EUA e Inglaterra.

Contudo, ainda de acordo com Anchieta e Pereira (2015), nas últimas décadas, nota-se um fomento às traduções de textos pós-coloniais por parte do mercado brasileiro, com uma maior abertura às obras das literaturas africanas, inclusive, nigerianas. Entretanto, tal impulso recebido por publicações de literaturas de ex-colônias anglófonas, a partir do século XXI, não encerra a necessidade de uma maior investigação a respeito da literatura pós-colonial traduzida no Brasil. Muito pelo contrário, ainda há um terreno bastante fértil a ser explorado, justamente, para dar conta desse crescente movimento de recepção de tais traduções para o âmbito do português brasileiro, ampliando, assim, o alcance dos Estudos pós-coloniais em língua portuguesa.

Ademais, visto que *Kehinde* (1994) ainda não foi traduzido para o português do Brasil, e que ainda são poucas as traduções de literatura pós-colonial para o português brasileiro, vale ressaltar que trabalhos como este favorecem uma pluralidade cultural,

trazendo outras vozes para o cenário dos estudos literários e de tradução literária no Brasil.

Desta forma, a presente pesquisa almeja contribuir para uma maior visibilidade da obra de Buchi Emecheta e abrir caminhos para uma maior investigação acerca do legado de uma escritora pós-colonial tão emblemática, uma das mais influentes escritoras nigerianas, tão relevante, inclusive, para as gerações seguintes de escritoras pós-coloniais.

Língua e cultura estão intrinsecamente ligadas. Mesmo enfrentando resistências condizentes com o caráter conservador e unitário das línguas de prestígio, o que leva inevitavelmente à ideia de “superioridade” de determinadas variantes em detrimento de outras, é patente a necessidade de mais estudos acerca da literatura pós-colonial, assim como da tradução de literatura pós-colonial, tanto por seu caráter político quanto por seu valor literário.

Por fim, vale lembrar que, conforme pontua Rodrigues (1999, p.209), “uma tradução não é marginal ou secundária em relação a um todo, pois é necessária para a sobrevivência do original”. Sendo assim, a importância deste trabalho reside ainda na oportunidade que uma tradução sempre oferece de perpetuar uma obra através das suas releituras.

Visando à apresentação de uma tradução comentada e contrapondo-se ao caráter prescritivista dos estudos mais tradicionais, o presente trabalho propõe a descrição das soluções e estratégias utilizadas ao longo do processo tradutório de aspectos linguísticos e culturais, presentes no texto-fonte, o livro *Kehinde* (1994), de Buchi Emecheta. Portanto, no que tange à metodologia a ser utilizada para a análise e a discussão das escolhas feitas ao longo da tradução literária a ser desenvolvida, utilizaremos o modelo descritivo proposto por Toury (1995). O modelo sugerido divide-se em três etapas:

1) Análise do texto a ser traduzido, considerando questões de aceitabilidade e relevância, a partir do contexto cultural receptor;

2) Análise comparativa entre o texto-fonte e a tradução elaborada, observando as escolhas feitas, no tocante às mudanças sintáticas, obrigatórias ou não, e ao vocabulário utilizado para substituição no texto traduzido, a partir da investigação da relação construída entre eles em trechos correspondentes;

3) Elaboração de inferências acerca do processo tradutório, a partir das estratégias e decisões observadas no texto, durante o estudo descritivo e suas contribuições para traduções posteriores.

O desenvolvimento da dissertação a ser apresentada está dividido em seis partes: Introdução, três capítulos, Considerações Finais e Referências Bibliográficas.

No primeiro capítulo, intitulado “A Química para uma Tradução Comentada”, serão apresentadas as teorias de tradução que orientam a pesquisa, visando à promoção de um maior entendimento acerca dos aspectos que circundam o processo tradutório em questão. Para tanto, posto que a análise a ser elaborada evolui num âmbito não-prescritivo, será apresentada a Teoria dos Polissistemas, elaborada por Itamar Even-Zohar (1990), e os Estudos Descritivos, desenvolvidos por Gideon Toury (1995). Nesse sentido, serão apresentadas, também, as contribuições de André Lefevere (1945-1996), José Lambert (1941-) e James S. Holmes (1924 -1986), para as teorias em questão.

No segundo capítulo, intitulado “Pós-colonialismo, Literatura e Tradução”, será apresentado o contexto cultural, histórico e literário no qual este projeto se insere. Portanto, primeiramente, será traçado um panorama histórico dos estudos pós-coloniais e do papel da literatura no discurso pós-colonial. Por conseguinte, será localizada a prática tradutória neste âmbito. Para tanto, serão discutidos conceitos elaborados por teóricos como Bill Ashcroft, Gareth Griffiths, Helen Tiffin, Jane Tutikian, Homi Bhabha, Gayatri Spivak, Susan Bassnet, Tejaswini Niranjana, Anthony Pym, entre outros. Em seguida, a partir de trabalhos de Katherine Fishburn, Susan Arndt, Theodora A. Ezeibo, Marie Umeh, Christine W. Sizemore, Tom Spencer-Walters e Shalini Nadaswaran, entre outros, o foco do texto será direcionado para a romancista nigeriana Buchi Emecheta, abordando seus aspectos biográficos e sua escrita literária, assim como, elementos pertinentes à concepção de *Kehinde* (1994), o texto-fonte desta pesquisa.

No terceiro capítulo, a partir de uma análise comparativa e descritiva, será apresentada a tradução comentada de parte do romance *Kehinde* (1994), escrito pela autora nigeriana Buchi Emecheta, proposta no presente trabalho. Também serão discutidos, de forma mais detalhada, os aspectos linguísticos, estilísticos, culturais e tradutórios que envolvem o texto de partida, em inglês, e a tradução, para o português brasileiro, e dizem respeito ao projeto em questão, tomando como base teóricos nas diversas áreas citadas, como Chantal Zabus, Maria Tymoczko, Henri Meschonnic, Lawrence Venuti, Paul Bandia, Nei Lopes, Dante Luchesi, entre outros. Nesse capítulo, serão apresentados exemplos com trechos da tradução em comparação a trechos do texto-fonte, com o intuito de oferecer alternativas tradutórias para *Kehinde*, no contexto brasileiro. Tais escolhas serão analisadas e discutidas ao longo desta etapa, seguindo uma perspectiva não-prescritiva.

1 A QUÍMICA PARA UMA TRADUÇÃO COMENTADA

Com o propósito de viabilizar a compreensão dos princípios que guiam o presente trabalho, primeiramente, serão abordados os conceitos que figuram o arcabouço teórico necessário para embasar este estudo. Para tanto, posto que a análise a ser apresentada evolui num âmbito não-prescritivo, serão elencadas as teorias de tradução utilizadas, visando à promoção de um maior entendimento acerca do panorama cultural e literário no qual este projeto se insere e dos aspectos que circundam o processo tradutório em questão.

1.1 A TEORIA DOS POLISSISTEMAS

1.1.1 “Even-Zohar tinha sua hipótese polissistêmica”

As pesquisas para respaldar o trabalho a ser desenvolvido partem, inicialmente, da Teoria dos Polissistemas (*Polysystem Theory* ou *Polysystem Studies*), elaborada em trabalhos escritos pelo teórico israelense, nascido em Tel Aviv, Itamar Even-Zohar, durante os anos 70, a partir, sobretudo, do Formalismo Russo e do Estruturalismo Tcheco, desenvolvidos durante as décadas de 1920 e 1930, respectivamente. Seu objetivo consistia em dar conta do funcionamento dos sistemas literários, a fim de resolver certas questões relacionadas à estrutura histórica da literatura hebraica e à teoria da tradução.

Even-Zohar (1990) observou um movimento de grande parte das ciências humanas e sociais, orientadas por uma perspectiva respaldada na análise de relações, para compreender os fenômenos semióticos, como língua, literatura, cultura e sociedade enquanto sistemas. Ou seja, segundo o próprio autor, entende-se então que, para abranger uma forma de investigação de dados mais consistente, faz-se necessário substituir a ideia de sistema como sendo uma rede estática de cunho “sincronístico”, que dá conta de explicar mudanças e variações em um dado momento, mas desconsidera o aspecto temporal (“diacronia”) como um elemento atuante no sistema, impossibilitando, assim, uma análise adequada. Consequentemente, partindo de um prisma funcional, as pesquisas desenvolvidas, ao invés de direcionar esforços para apenas categorizar tais fenômenos, admitiram o aspecto histórico envolvido na formação dos sistemas, passaram a considerar

sua complexidade diversa e, assim, puderam analisar de que forma os diferentes elementos semióticos operam num dado contexto.

No que tange aos estudos literários e culturais, Even-Zohar (1990) postulou que um sistema semiótico deve ser interpretado como um “polissistema”, pois estrutura-se de forma não-homogênea, integrando vários sistemas interdependentes que funcionam em razão da manutenção de um todo cultural, o que evidencia as várias relações existentes, diante da heterogeneidade da cultura. Isto é, “(...) um sistema múltiplo, um sistema que engloba vários sistemas que se intersectam e que, parcialmente, se sobrepõem, utilizando, simultaneamente, diferentes opções, mas que funcionam como um todo estruturado, cujos membros são interdependentes.” (EVEN-ZOHAR, 1990, p. 11, tradução nossa)¹. Sendo assim, o termo “polissistema” refere-se a toda a malha sistêmica que abarca uma multiplicidade de interseções entre sistemas literários e extraliterários que se correlacionam no ambiente sociocultural.

O trabalho teórico de Even-Zohar encontrou raízes em uma série de conceitos formulados nas diversas pesquisas desenvolvidas na segunda fase do formalismo russo, nos anos 20 do século passado, a fim de lidar, principalmente, com problemas referentes à literatura. Com base em uma concepção de literatura como sendo parte do todo cultural, e partindo do pressuposto de que métodos científicos podem ser aplicados a produtos culturais, tais estudiosos chegaram a um aparato teórico que Even-Zohar (1990) classificou como “Funcionalismo Dinâmico”.

Como mostra Edwin Gentzler (2009), entre os formalistas russos, Yuri Tynianov (1894-1943), na esfera dos estudos da literatura, inseriu o componente diacrônico e propôs um modelo de sistema sob uma perspectiva histórica e social. De acordo com Even-Zohar (1990), a compreensão do caráter histórico de um sistema é relevante para a construção de modelos mais próximos ao “mundo real”, que englobam objetos históricos, ao invés de acontecimentos a-históricos e desconexos entre si.

Nesse sentido, Tynianov (2019, p.288) postula que a literatura, enquanto um sistema ligado a outros sistemas, é regida por leis estruturais específicas. Posto isto, para que as inter-relações entre o mecanismo literário e outros mecanismos históricos sejam estabelecidas, atendendo às leis estruturais inerentes a cada, tais leis devem ser esclarecidas. O conhecimento de tais leis, segundo Tynianov (2019, p.288), viabiliza a

¹ (...) a polysystem--a multiple system, a system of various systems which intersect with each other and partly overlap, using concurrently different options, yet functioning as one structured whole, whose members are interdependent.

descrição das mudanças específicas dos sistemas literários. Entretanto, a mera nomeação e classificação dos fenômenos semióticos traz resultados limitados, pois não elucidam questões concernentes ao processo evolutivo de tais sistemas. Então, Tynianov (2019, p.288) ponderou que, para uma elaboração científica mais precisa a respeito de como se dá a evolução do sistema literário, faz-se necessário analisar a influência de elementos literários e extraliterários a partir de um ponto de vista funcional.

Para pesquisar e discutir as estruturas internas, e a função dos sistemas literários, e tentar explicar a aplicabilidade dos diferentes textos numa dada cultura, Even-Zohar (1990) adotou o conceito de sistema literário hierárquico de Tynianov, e propôs o termo “polissistema” para a união dos sistemas literários, enfatizando a natureza dinâmica de sua própria concepção de “sistema” e ressaltando a importância das correlações entre literaturas “centrais” e “periféricas”.

Pressupondo que as estruturas sociais, assim como os seus produtos culturais, desenvolvem-se de forma estratificada, Even-Zohar (1990) constatou a hierarquização dos sistemas dentro do polissistema e, em contrapartida, reconheceu não apenas a legitimidade das formas canonizadas, detentoras de importância central, e aceitas pelos círculos dominantes numa cultura, como reconheceu a legitimidade das formas não-canonizadas, ou marginais, posicionadas na base da hierarquia cultural, e de importância "secundária", tais como a literatura infantil, a ficção popular e as traduções. Entendeu que o cânone literário é resultado da aceitação e da preservação garantida pelo arbítrio de uma dada comunidade. Portanto, a canonicidade não é inerente às atividades literárias. Conseqüentemente, essas posições ocupadas por elementos de um sistema podem ser temporárias e variar com o tempo, devido à natureza dinâmica que coloca o polissistema em constante movimento de transformação.

O conceito de “polissistema” foi construído em oposição à concepção de sistema representada por um “(uni-) sistema”, já que, neste caso, a estrutura sistêmica, segundo Even-Zohar (1990), coincide, exclusivamente, com um estrato central, corroborado pelos padrões e anseios da consciência social predominante, que escolhe e legitima as atividades canonizadas como detentoras de prestígio, para ocupar sempre a posição medular do polissistema e ignora as periferias como parte constitutiva do corpo sistêmico.

Uma vez que a cultura, enquanto fenômeno semiótico, constitui um sistema regulado por leis próprias, ao passo que abarca uma série de subsistemas que se inter-relacionam e contribuem para sua constante evolução, a teoria formulada por Even-Zohar pretende encarregar-se de estruturas mais abrangentes do que o sistema literário

isoladamente. Pois, a literatura, enquanto um dos principais componentes da cultura humana, configura uma parte integrante do todo cultural, refletindo as interações que mantém com os elementos coexistentes neste polissistema e, muitas vezes, exercendo um papel central.

Even-Zohar (1990), seguindo o exemplo de Tynianov, pontuou que a natureza dinâmica do polissistema advém dos enfrentamentos entre os vários elementos que o compõem, através de um processo contínuo de movimento centro-periferia. Estes embates entre os diferentes estratos, canonizados e não-canonizados, que ocorrem no sentido de ocupar uma posição dominante num sistema, representam, de fato, o coeficiente gerador que possibilita o avanço do polissistema. Isto é, a Teoria dos Polissistemas destaca a importância das correlações entre literaturas centrais e periféricas, pois, considera que a evolução do polissistema é motivada por esse fluxo de antagonismo.

Nas palavras de Hermans (1985), o polissistema literário consiste em um conglomerado de sistemas, caracterizado por oposições entre modelos “primários” (ou inovadores) e modelos “secundários” (ou conservadores), entre o centro do sistema e sua periferia, entre estratos canonizados e não-canonizados, entre formas mais ou menos fortemente codificadas, entre vários gêneros, etc. O teórico também observa a instabilidade da estrutura sistêmica que, graças a um estado de fluidez permanente, garante mudanças contínuas.

Even-Zohar (1990) enfatiza ainda que essas tensões dinâmicas operam como agentes reguladores das forças que se opõem num polissistema, trazendo o equilíbrio necessário para garantir sua longevidade. Entretanto, afirma que a eleição de uma norma cultural de prestígio como a única aceitável, consolidada por uma formação educacional centralizadora, inviabiliza uma análise acerca de como funcionam os confrontos entre estratos divergentes, responsáveis pela manutenção da cultura, numa dada estrutura social. Entende que os repertórios que ocupam uma posição de prestígio na hierarquia cultural polissistêmica, inclusive, são beneficiados pelo estímulo de mudança que tais confrontos despertam, a partir do caráter inovador das subculturas, o que impede o esgotamento crescente, a estagnação e, por fim, a substituição ou o possível desaparecimento desses elementos centrais.

A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, ao discorrer sobre literatura, cultura e “o perigo de uma história única”, chama a atenção para o poder que se revela ao se contar a história de alguém e transformá-la em definitiva. Em sua argumentação, sugere: “Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação

colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente.”² (ADICHIE, 2019, p. 12. Trad. Júlia Romeu). Adichie pondera que o perigo de se contar uma história por um único viés reside nos estereótipos que se criam, pois, ainda que verdadeiros, são incompletos.

Décadas antes, tomando como premissa a heterogeneidade promovida pela integração entre sistemas semióticos, e entre seus subsistemas, Even-Zohar (1990) sublinhou a pluralidade de vozes que emergem de tais relações. Pontuou que, assim como a História não deve escolher as vidas que serão contadas, nem os vieses pelos quais serão narradas, para que se faça um trabalho historiográfico no âmbito da literatura, com o intuito de desvendar seus mecanismos, é inviável limitar-se apenas à observação de modelos canônicos, ou “obras-primas”.

Even-Zohar (1990) descartou, numa investigação “científica” apurada, à luz da Teoria dos Polissistemas, a possibilidade de delimitação dos objetos de estudo a partir de juízo de valor. Nesse sentido, a língua *standard*, por exemplo, deve ser analisada a partir de suas relações com variedades não-*standard*. Isto porque, a compreensão de uma unidade semiótica sob uma abordagem polissistêmica, inevitavelmente, em algum momento, perpassa pela proposição “em relação a”.

Assim, para Even-Zohar (1990), um texto não configura um objeto independente, constitui-se a partir de uma profusão de relações com outros elementos do sistema do qual fazem parte e de outros sistemas, em diferentes posições na hierarquia do polissistema cultural. Faz-se vital para a teoria em foco, portanto, que tanto os elementos de um sistema, quanto os sistemas em si, sejam estudados a partir de suas relações na ordem polissistêmica.

O teórico dos polissistemas reconheceu a literatura traduzida como um sistema literário específico e buscou compreender tanto sua função quanto sua posição no polissistema literário, a partir das relações culturais e verbais que as traduções estabelecem com outros sistemas coexistentes. A natureza de tais relações são perceptíveis, segundo Even-Zohar (1990), na escolha dos textos-fonte a serem traduzidos e na adoção de normas, comportamentos e políticas específicas, que dão conta do processo tradutório.

Ademais, visto que o polissistema literário resulta das relações com elementos de outros sistemas, tanto no centro quanto na margem de um todo sociocultural, e que

² Start the story with the failure of the African state, and not with the colonial creation of the African state, and you have an entirely different story. (TED, 2009).

interagem para produzir sua evolução contínua numa dada cultura, Even-Zohar (1990) definiu a tradução como um sistema em si e, em vista disso, sujeita às associações firmadas num conjunto cultural maior. Então, para uma visão mais apurada sobre a natureza dos polissistemas, investigou a relação entre a literatura traduzida e a “original.” Concluiu que o status dessa relação entre a literatura traduzida e o polissistema literário de partida não segue uma ordem de hierarquização estanque, é classificada como “primária” ou “secundária” de acordo com as especificidades que atuam em concordância com o contexto do sistema literário no qual se insere.

Apesar da literatura traduzida ser, tradicionalmente, encarada como uma atividade marginal e, assim, ocupar uma posição periférica no domínio dos estudos literários, em suas pesquisas, Even-Zohar (1990) julgou imperativo o seu reconhecimento como pertinente para o entendimento do polissistema literário, assim como, de qualquer sistema propulsor de cultura. Inovou, ao incorporar a tradução como parte integrante do modelo polissistêmico e, portanto, como um elemento atuante no processo evolutivo, em diferentes esferas do polissistema cultural.

Os estudos polissistêmicos de Even-Zohar (1990) indicaram a relevância do impacto das traduções literárias em diferentes culturas. Perceberam que as literaturas traduzidas tendem a ocupar uma posição “secundária” em polissistemas tradicionais, já consolidados. Neste caso, tendem a acompanhar normas mais conservadoras e, conseqüentemente, atuar, muitas vezes, como um meio de manter modelos já cristalizados, ao passo que, em polissistemas de nações mais jovens ou menores, as traduções têm um papel mais crucial.

Todavia, diante da plasticidade dinâmica dos sistemas, a posição da literatura traduzida no polissistema literário não, necessariamente, configura um fator determinante para o incremento de línguas e culturas receptoras. Ou seja, ainda que haja um status periférico, geralmente, atribuído às traduções no estudo da literatura, ela não ocupa permanentemente tal posição no polissistema literário. Portanto,

A teoria dos polissistemas vê a tradução literária como um elemento entre muitos na luta constante pelo domínio, entre as várias camadas e subdivisões do sistema. Numa dada literatura, as traduções podem, em determinados momentos, constituir um subsistema separado, com características e modelos próprios. (...).³ (HERMANS, 1985, p.11, tradução nossa.).

³ The theory of the polysystem sees literary translation as one element among many in the constant struggle for domination between the system’s various layers and subdivisions. In a given literature, translations may at certain times constitute a separate subsystem, with its own characteristics and models (...).

De acordo com Pym (2017), os teóricos polissistêmicos atribuem a posição das traduções em um sistema cultural ao grau de prestígio conservado pela cultura de partida. Este é um dos fatores determinantes para que os textos traduzidos assumam um lugar inovador ou conservador na hierarquia de um sistema. O autor observa, porém, que as especulações polissistêmicas direcionam o olhar para as traduções como fatos de uma cultura receptora. Resultam, pois, das correlações que constroem com elementos desse contexto de chegada, o que distancia a apreciação da literatura traduzida do paradigma de equivalência em relação à cultura de partida.

Ao analisar as relações sistêmicas existentes entre textos traduzidos e a cultura-alvo, Even-Zohar (1990) postulou que tais relações se constroem a partir de princípios de seleção impostos a possíveis traduções, de acordo com a poética dominante, e também com a tendência dos textos traduzidos para se adequarem às normas literárias do polissistema receptor. Entretanto, identificou que há momentos nos quais a literatura traduzida pode ocupar uma posição central nesse polissistema, isto é, momentos em que o cenário polissistêmico articula as condições sociais propícias para que as traduções alcancem uma posição “primária”.

Nestes casos, em situações nas quais emergem novos modelos literários, a literatura traduzida tende a tornar-se um dos meios de elaboração do novo repertório. Even-Zohar (1990) separa três situações em que a literatura traduzida constitui uma força inovadora, que introduz novas realidades, linguagens e técnicas na literatura de chegada: (1) Quando uma literatura ainda está se estabelecendo em um polissistema e depende de moldes variados para desenvolver o novo repertório; (2) quando a literatura original daquele sistema é “periférica”; ou (3) quando passa por um momento de crise ou mudança na evolução de um polissistema e, conseqüentemente, a literatura traduzida preenche com novas ideias a lacuna deixada por modelos já exauridos.

A formulação polissistêmica, contrariando modelos anteriores, esteia-se no pressuposto de que há um dado cenário histórico e social da cultura alvo que permite, ou não, que uma tradução seja produzida e aceita. Rodrigues (1999) aponta que as maneiras pelas quais são realizadas as práticas tradutórias são ditadas pela posição que a literatura traduzida ocupa no polissistema da cultura receptora. Por conseguinte, como resume a autora, os textos devem ser analisados a partir de um contexto cultural, resultante de um conjunto de fatores literários e extraliterários, que governam a produção, a promoção, e a recepção desses textos. Nesse contexto, entende-se, que a literatura traduzida resulta das

várias relações num determinado polissistema literário/cultural, e que o texto traduzido deve ser examinado, não isoladamente, mas, dentro de um conjunto de traduções.

O trabalho de Even-Zohar (1990) estabelece que é o ambiente do polissistema receptor que propicia um dado perfil, apropriado para a seleção de obras a serem traduzidas, a partir de princípios estabelecidos por esse mesmo cenário polissistêmico. Os textos traduzidos são escolhidos devido ao grau de compatibilidade que partilham com as formas inovadoras, responsáveis pela renovação e funcionamento pleno do polissistema literário. Sendo assim, a escolha de um repertório passível de tradução é feita em consonância com princípios que regem o polissistema cultural receptor e propiciam o caráter dinâmico da estrutura sistêmica, com novas perspectivas trazidas por modelos inovadores para o polo de chegada.

A posição hierárquica de um texto numa determinada cultura não é estipulada por algum tipo de característica inerente ou verdade definitiva. Gentzler (2009) observa que, para Even-Zohar, além da natureza do polissistema cultural de chegada, em meio a suas circunstâncias históricas, sociais e literárias, o que determina, de fato, se um texto ocupa uma posição “primária”, associada a repertórios inovadores, ou “secundária”, associada a repertórios conservadores, num polissistema cultural é a diferença entre certos elementos textuais e normas culturais. Diante disso, os fenômenos são levados do centro para a periferia e vice-versa, ou de diferentes centros para diferentes periferias, ou seja, entre diferentes polissistemas. E são esses fatores que possibilitam que um texto alcance, ou não, um nível hierárquico mais alto numa dada cultura receptora.

Contudo, nota-se que, quando a literatura traduzida representa uma atividade “secundária” em determinado polissistema e sua função é ampliar em volume o repertório literário da cultura receptora, as traduções reproduzem as normas estéticas do texto “original”. Neste caso, não há espaço no sistema literário receptor para receber traduções de fontes que sejam muito inovadoras. No entanto, se a literatura traduzida representa uma atividade “primária” em determinado polissistema literário e sua função é “enriquecer” o repertório literário da cultura de chegada, estabelece-se então uma relação de incremento mútuo, entre os códigos da literatura original da cultura receptora e os códigos da literatura traduzida, que participa ativamente na modelagem do centro desse mesmo polissistema. Neste contexto, os exemplos da literatura-fonte e da literatura-alvo equiparam-se, deixando de existir, assim, diferenças claras entre obras “originais” e traduzidas.

Outro ponto relevante para o qual Even Zohar (1990) chama a atenção, ao falar sobre a posição da literatura traduzida no polissistema literário, é a limitação existente na habilidade de literaturas “fracas” para inovar em relação às literaturas maiores e mais centrais. Tal limitação gera uma possível relação de dependência, tanto em sistemas periféricos quanto no próprio centro dessas literaturas “fracas”.

As relações hierárquicas, afirma Even-Zohar (1990), acompanham as literaturas desde a origem. O autor observa ainda que as literaturas que ocupam uma posição periférica no panorama literário ocidental, e coincidem com literaturas de nações menores, foram moldadas a partir de referências estrangeiras de literatura. A literatura nigeriana, com a qual trabalharemos neste projeto de tradução, assim como outras literaturas africanas, figura como um exemplo desta circunstância: Uma literatura periférica, forjada a partir de modelos estrangeiros de literatura.

Diante desse cenário, a literatura traduzida pode ser o meio através do qual um repertório detentor de prestígio é importado por literaturas “fracas”, trazendo novas possibilidades literárias para o polissistema que o recebe e modelos para escritores “criativos”. Por outro lado, quando importada por literaturas “fortes”, a literatura traduzida, geralmente, mantém uma posição periférica no polissistema que a recebe e figura como um elemento transmissor de conservadorismo, sujeito às normas dominantes na literatura-alvo. No entanto, ainda assim, pode figurar como uma via de inclusão de repertório alternativo.

Susan Bassnett (2014) chama a atenção para a importância da Teoria dos Polissistemas por incluir a perspectiva ideológica da tradução em seu escopo investigativo e propor a noção de que as culturas traduzem de acordo com a necessidade. Nesse sentido, quanto mais sólida uma literatura num dado polissistema, menos dependente de traduções. A autora afirma:

(...) o que a nova abordagem conseguiu fazer foi posicionar o estudo da tradução dentro do estudo da cultura de forma mais ampla, destacando fatores políticos e socioeconômicos, enquanto continuava a insistir na importância da análise textual rigorosa; em suma, criando uma abordagem para a tradução que se ocupasse tanto da ideologia quanto dos debates filosóficos sobre significado.⁴ (BASSNETT, 2014a, p.24.).

⁴ (...) what the new approach succeeded in doing was to position the study of translation within the study of culture more broadly, highlighting political and socio-economic factors, while continuing to insist on the importance of close textual analysis; in short, creating an approach to translation that was as much concerned with ideology as with philosophical debates about meaning.

Parte significativa do trabalho de Even-Zohar discute o papel que a literatura traduzida exerce num determinado polissistema literário receptor e as implicações teóricas mais abrangentes que a teoria polissistêmica traz para a tradução em geral. De acordo com Hermans (1985), a abordagem de Even-Zohar buscou uma nova direção para os estudos de tradução, distante, muitas vezes contrária, dos conceitos promovidos pelos estudos mais tradicionais. De forma arrojada, ofereceu um aparato teórico acessível, mais adequado para o estudo sistemático da literatura traduzida, uma ferramenta cognitiva que fornece diretrizes esclarecedoras e suficientes para fundamentar uma ampla variedade de casos e situações e embasar diversas frentes de pesquisa sobre tradução.

Ao pesquisar a literatura traduzida como um sistema relacionado a um contexto cultural maior, Even-Zohar (1990), inseriu o componente diacrônico, considerando o contexto histórico, assim como a cultura-alvo, e refutou o conceito de “equivalência” presente nos modelos teóricos existentes. Dessa maneira, abriu caminho para que os estudos de tradução avançassem para além da estética prescritiva. Os teóricos dos polissistemas mudaram a perspectiva que governava as teorias tradicionais de tradução. Deixaram claro que a tradução não poderia ser encarada apenas como transporte de material semântico do texto de partida para o texto de chegada.

A teoria dos polissistemas, como aponta Vieira (1996), causou grande impacto sobre os estudos da tradução. A mudança de perspectiva provida pela teoria foi também bastante profícua no sentido de, finalmente, consolidar os estudos de tradução enquanto disciplina acadêmica. Porém, sugere que a teoria dos polissistemas é um instrumento útil à descrição do papel das traduções, apenas quando impulsiona grandes mudanças históricas e literárias. Não obstante, segundo Hermans (1985), a teoria instaurou um novo paradigma para o estudo da tradução literária, a partir de uma vasta fundamentação e de uma investigação de ordem empírica. Pois, trouxe:

uma visão da literatura como um sistema complexo e dinâmico; uma convicção de que deve haver uma contínua interação entre modelos teóricos e estudos de caso práticos; uma abordagem para a tradução literária que é descritiva, voltada para o polo receptor, funcional e sistêmica; e um interesse pelas normas e restrições que regem a produção e a recepção de traduções, pela relação entre tradução e outras formas de processamento de textos, e pelo lugar e papel das traduções, tanto numa dada literatura quanto na interação entre literaturas.⁵ (HERMANS, 1985, p. 10,11. tradução nossa.)

⁵ a view of literature as a complex and dynamic system; a conviction that there should be a continual interplay between theoretical models and practical case studies; an approach to literary translation which is descriptive, target oriented, functional and systemic; and an interest in the norms and constraints that govern the production and reception of translations, in the relation between translation and other types of text

Bassnett (2014b) afirma que “o modelo de Even-Zohar forneceu a base para uma concepção mais ampla sobre a importância da tradução na formação da história literária e cultural”.⁶ (p. 85, tradução nossa.). Genzler (2009) argumenta que, apesar de ter recebido algumas ponderações cautelosas por parte da comunidade acadêmica, a teoria de Even-Zohar representa um real avanço para estudos de tradução e para a teoria da tradução em geral. O teórico considera o trabalho pioneiro de Even-Zohar como, talvez, o mais importante até hoje na área de teoria da tradução.

Ao examinar as traduções propriamente ditas, dentro do contexto sociológico maior, ao invés de textos desprovidos de contextualização histórica e cultural, a Teoria dos Polissistemas trouxe significativa contribuição para a teoria da tradução e para a teoria literária, pois demonstra a relevância da tradução no universo dos estudos literários e na evolução da cultura. Dessa forma, oferece o embasamento necessário para amparar e direcionar tradutores e pesquisadores da tradução e da literatura, conforme favorece um maior entendimento cultural e literário.

1.2 OS ESTUDOS DESCRITIVOS DA TRADUÇÃO

1.2.1 “Toury, sua ênfase empírica”

A partir da década de 70, a Teoria dos Polissistemas foi aprimorada e ampliada por Even-Zohar e por outros teóricos, em diversos países, principalmente, em relação às pesquisas sobre tradução. Nessa época, os tais estudos começam a se distanciar de uma abordagem linguística e o fazer tradutório passa a ser cada vez mais encarado como um processo criativo, graças, segundo Martins (2002), ao trabalho de um grupo de estudiosos de Israel e dos Países Baixos, egressos da literatura comparada, que apresentaram alternativas às abordagens tradicionalmente prescritivistas, pautadas na linguística, diante de suas limitações para a análise de textos literários. Como parte desse grupo de estudiosos, que trouxeram um novo olhar para os estudos da tradução, em 1972, James S.

processing, and in the place and role of translations both within a given literature and in the interaction between literatures.

⁶ Even-Zohar’s model provided a basic starting point for further thinking about the importance of translation in shaping literary and cultural history.

Holmes propôs a criação dos “Estudos da Tradução” como disciplina acadêmica, ao publicar o ensaio intitulado “*The Name and Nature of Translation Studies*”.

Em meio a esse mesmo período, Gideon Toury, teórico da Escola de Tel Aviv, assim como Even-Zohar, começa a produzir trabalhos acerca da tradução literária, direcionando suas pesquisas ao polo receptor da tradução. Em 1980, Toury publica o livro “*In search of a theory of translation*”, seu primeiro projeto.

Após mais de uma década de investigações, iniciadas juntamente com Even-Zohar, buscando estabelecer um método teórico, passível de aferição prática, que fornecesse estudos mais sistemáticos e que arrematasse uma gama de abstrações mais abrangentes no âmbito da tradução literária, em 1995, publicou “*Descriptive Translation Studies and Beyond*”. Para esse livro, Toury adotou o conceito de estrutura polissistêmica, desenvolveu a teoria dos polissistemas e sugeriu, sob a nomenclatura cunhada por Holmes (1972), os “Estudos Descritivos da Tradução” (*Descriptive Translation Studies*), como uma maior elaboração da teoria postulada por Even-Zohar para os estudos da tradução.

Toury idealizou como projeto estabelecer uma ciência mais completa, a partir de suas pesquisas de campo, para estudar descritivamente a tradução literária, partindo do pressuposto de que a literatura é um sistema dinâmico e complexo. Fundamentou-se no conceito de “polissistema” e expandiu a teoria de Even-Zohar para os estudos de tradução. Para Toury (1995), as traduções são fatos da cultura que as acolhe. E o objetivo maior dos tradutores é formular traduções palatáveis para a cultura-alvo. Por conseguinte, sua função e identidade são constituídas, e refletem o contexto cultural para o qual os textos traduzidos tomam forma.

Propôs, então, um estudo descritivo que tivesse como ponto de partida o texto-alvo para explicar as decisões tomadas no decorrer do processo tradutório, a fim de encontrar estratégias recorrentes, utilizadas pelos tradutores em um dado ambiente cultural de chegada. Segundo Gentzler (2009), Toury almejou depreender um sistema de normas que governassem a tradução nesse polissistema.

Assim como a Teoria dos Polissistemas, os Estudos Descritivos direcionam esforços para identificar as estratégias textuais que escrevem uma tradução e como essa tradução funciona no polissistema literário receptor. Contudo, percebe-se que um ponto crucial na proposta descritivista é ter como meta primordial o detalhamento das mudanças que se manifestam ao longo da tradução e o desvendamento daquilo que as motiva. Não visa à criação de regras para como traduções devem ser feitas. Entretanto, busca a

aplicação de métodos científicos para investigar a prática tradutória, observando a natureza do processo e os fatores atuantes na elaboração de uma tradução como produto cultural. Para esse intuito, a abordagem ocupa-se dos princípios que regem a produção e a recepção de traduções.

Embora teóricos mais tradicionais, como John C. Catford (1917-2009) e Eugene Nida (1914-2011), tenham um papel fundamental na história dos Estudos da Tradução, pois foram precursores no sentido de estudar Tradução, aproximam-se pela crença na possibilidade de o texto traduzido apresentar os mesmos significados do texto de partida. Portanto, direcionaram seus esforços para a obtenção de regras que viabilizassem uma tradução enquanto “cópia” do “original”. A partir de uma visão de tradução, diretamente atrelada à linguística, como sendo, segundo Rodrigues (1999), resgate de carga semântica, ancoraram seus trabalhos em conceitos como “fidelidade”, “equivalência” e superioridade do “original”, desarticulados de um ambiente histórico, o que limitava o eixo teórico do estudo tradicional de tradução. Pois, desta forma, como aponta Ottoni (2005), a tradução seria encarada como “perda”, “traição”, já que dificilmente se atinge uma correlação cabal entre as línguas do texto de partida e da tradução, pois, haverá sempre um significado interpretável.

Theo Hermans (1985) menciona uma possível negligência para com os Estudos da Tradução, no domínio do estudo e da crítica de literatura. Atribui tal postura a uma conduta atrelada à noção restrita do que constitui uma “literatura nacional”, quando esta figura como o invólucro de um conjunto canonizado de textos, que redundava na concepção de que o texto literário de partida, a obra “original”, é permeado por uma linguagem concebida à luz de uma “aura” sagrada e intocável, que, de certa forma, glorifica tanto o texto literário em si quanto a figura do escritor, o artista literário, um gênio criativo, visto como alguém que detém o dom de manipular o idioma utilizado com maestria.

Sendo assim, fica claro, então, que a tradição da teoria da literatura renega a articulação do texto literário subjacente à atividade tradutória, em prol da fidelidade à fonte, o que indica uma concepção idealizada de tradução, subordinada às exigências do texto de partida. O estudo da tradução sob este prisma, portanto, ocupa-se apenas de ilustrar as singularidades do texto “original”, no sentido de evocá-lo como padrão prescritivo, para apontar e salientar os erros e inadequações de suas possíveis traduções. Dessa forma, a compreensão de tradução, através de uma elaboração sob uma perspectiva meramente linguística, restringiu a possibilidade da existência de um escopo útil aos estudos literários em geral.

A abordagem pautada no conceito sistêmico de literatura não é prescritiva, não engendra regras para uma boa tradução nem determina o quão “fiel” uma tradução é ao texto “original”. Ao invés de estipular regras para o esboço de modelos estanques de “traduções ideais” a serem reproduzidos, o descritivismo intenta determinar os vários aspectos que circundam o fazer tradutório, ou seja, identificar as regularidades que delineiam a tradução, para explicar a natureza da tradução em si, através da análise de textos já traduzidos, disponíveis num polissistema específico.

Toury “salienta a diferença, o fato de a tradução não ser igual ao texto de partida, e a alteridade, o fato de o texto traduzido ser ‘outro’, em outro contexto, mantendo outras relações com outros textos, em outra cultura.” (RODRIGUES, 1999, p. 169). Para Toury, segundo Rodrigues (1999), não é necessária a “equivalência”, em hierarquia ou função, entre os itens envolvidos no processo tradutório. Esta seria apenas uma das possibilidades de tradução e não, necessariamente, a única. Considera, ainda, que tais teorias mais tradicionais, atreladas à linguística, e que têm como cerne a sistematização da “equivalência”, reduzem a tradução à “tradução” que consideram “a correta”, um modelo padrão, de acordo com as exigências do texto-fonte ou da cultura produtora desse texto. Portanto, a idealização do que seria uma “tradução correta” para tais teorias representa o conceito de “traduzibilidade”, sem considerar outros fatores que influenciam e podem interferir no processo tradutório.

Contrapondo-se ao prescritivismo dos estudos mais tradicionais da tradução, Toury (1995) refutou os modelos teóricos estáticos, que desconsideram a evolução literária, e propôs um estudo descritivo, desvinculado de formulações normativas que forjam diretrizes avaliativas para traduções, com o intuito de elucidar os processos desenvolvidos durante o fazer tradutório e a função do texto traduzido no polissistema receptor. Pois, de acordo com Toury (1995), uma tradução é produzida para ocupar um dado “espaço” em um ambiente cultural específico e a elaboração do produto desse processo tradutório é também regulada por sua “função” no contexto de chegada.

Para tanto, buscou apurar os mecanismos pelos quais as traduções funcionam num dado ambiente de chegada, descobrir de que maneira os textos traduzidos se delineiam sob as circunstâncias do contexto cultural receptor e como tal procedimento é mediado por parte dos tradutores, através de suas decisões e estratégias utilizadas. E ainda, não menos importante, como o texto-fonte é impactado pela tradução. Pois, como mostram as palavras de Hermans (1985), “(...) do ponto de vista da literatura de chegada, todas as

traduções implicam um grau de manipulação da fonte para um determinado fim.”⁷ (p. 11, tradução nossa.). As normas tradutórias, propostas pelo descritivismo,

“Direta ou indiretamente, portanto, também regem as relações entre o texto traduzido e o texto de partida, ou seguimentos do mesmo; isto é, elas determinam o que, provavelmente, permaneceria intacto, apesar das transformações envolvidas na tradução e do que tenderia a ser alterado.”⁸ (TOURY, 1995[2012], p.82. tradução nossa.).

Toury argumenta que todo sistema linguístico é único, moldado por características distintas daquelas que configuram qualquer outro sistema, o que torna inviável a existência de uma tradução que deva ser eleita como “correta”, como se não houvesse alternativas para o tradutor. Contudo, tradutores são, inevitavelmente, impelidos a fazer escolhas durante o processo tradutório. Por isso, tendem a optar por determinados significados em detrimento de outros. Toury constatou em seu estudo de campo, como pontua Genzler (2009), que as “mudanças” observadas entre o texto-fonte e o texto-alvo revelam de maneira mais evidente as escolhas de cunho estético. Notou também que a escolha dos textos a serem traduzidos é definida mais por razões ideológicas do que linguísticas ou estilísticas.

Ao pretender investigar os valores que delineiam o produto textual durante o processo tradutório, ao invés de revelar as regras de tradução a serem seguidas para a reprodução “adequada” dos textos “originais”, Toury (1995), assim como Even-Zohar, postulou conceitos bastante diferentes daqueles formulados pelas abordagens mais tradicionais. Seus trabalhos, diferentemente dos anteriores, prescritivistas, direcionam os estudos de tradução para novos caminhos.

1.2.2 “Lefevere, uma preocupação com a filosofia da ciência”

O teórico belga André Lefevere (1945-1996), assim como Even-Zohar e Toury, encarou a literatura como um sistema dinâmico, construído através das relações entre elementos internos e com elementos de outros sistemas, e observou a literatura traduzida a partir do contexto cultural receptor. Definiu a prática tradutória como um ato de

⁷ From the point of view of the target literature, all translation implies a degree of manipulation of the source text for a certain purpose.

⁸ Directly or indirectly they thus also govern the relationships that would obtain between target and source texts or segments thereof; i.e., they determine what would more likely remain intact despite the transformations involved in translation, and what would tend to get changed.

reescritura, resultante de “uma complexa articulação do sistema literário com outras práticas institucionalizadas e outras formações discursivas.” (MARTINS, 2002, p.41). Verificou, portanto, que há uma relação de interdependência entre o sistema literário e o social.

Mais uma vez, ao longo desta pesquisa, as ideias apresentadas e difundidas pelos teóricos polissistêmicos e descritivistas remetem à fala da escritora nigeriana Chimamanda Adichie. Em suas palavras:

É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder. Existe uma palavra, uma palavra em Igbo, à qual me remeto sempre que considero as estruturas de poder no mundo: *nkali*. É um substantivo que, em tradução livre, significa “ser maior do que outro”. Assim como o nosso mundo econômico e político, as histórias também são definidas pelo princípio de *nkali*: como são contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de poder.⁹ (ADICHIE, 2019, p. 12. Trad. Júlia Romeu.).

Cada tradução traz uma história reescrita, recontada sob a ação reguladora de restrições dominantes em um dado momento e em uma dada cultura. Lefevere (2007), afirma que a reescritura manipula obras literárias para fins ideológicos e poetológicos diversos. Conforme sua concepção de tradução, um texto traduzido, enquanto reescrita de um texto “original”, inevitavelmente, ecoa uma certa ideologia e manipulação da literatura para exercer uma função, diante de um determinado contexto social, pois:

Reescrita é manipulação, exercida a serviço do poder, e em seu aspecto positivo pode ajudar na evolução de uma literatura e de uma sociedade. Reescritas podem introduzir novos conceitos, novos gêneros, novos dispositivos, e a história da tradução é, também, a história da inovação literária, do poder modelador de uma cultura sobre outra. Mas a reescrita pode, também, reprimir a inovação, distorcer e conter, e em uma era de manipulação cada vez maior de todos os tipos, o estudo dos processos manipulativos da literatura, a exemplo da tradução, pode nos ajudar alcançar uma maior consciência do mundo em que vivemos.¹⁰ (BASSNETT; LEFEVERE (ed.), 1992, p. xi, tradução nossa.).

⁹ It is impossible to talk about the single story without talking about power. There is a word, an Igbo word, that I think about whenever I think about the power structures of the world, and it is *nkali*. It's a noun that loosely translates to 'to be greater than another.' Like our economic and political worlds, stories too are defined by the principle of *nkali*. How they are told, who tells them, when they are told, how many stories are told, are really dependent on power. (TED, 2009).

¹⁰ Rewriting is manipulation, undertaken in the service of power, and in its positive aspect can help in the evolution of a literature and a society. Rewritings can introduce new concepts, new genres, new devices, and the history of translation is the history also of literary innovation, of the shaping power of one culture upon another. But rewriting can also repress innovation, distort and contain, and in an age of ever-increasing manipulation of all kinds, the study of the manipulative processes of literature as exemplified by translation can help us towards a greater awareness of the world in which we live.

Lefevere encarregou-se de investigar as traduções enquanto produtos talhados sob a égide da relação dialógica, estabelecida entre as culturas responsáveis pela produção textual de partida e de chegada. Para tanto, direcionou o olhar de suas pesquisas à influência do extraliterário sobre o literário, para dar conta das forças discursivas responsáveis pela manutenção das estruturas de poder no polissistema sociocultural. Em seu artigo “*Why Waste Our Time on Rewrites?*”, afirma que “a tradução opera, antes de tudo, sob a restrição do “original”, ele próprio, o produto de restrições pertencentes a um determinado tempo.”¹¹ (LEFEVERE, 1985[2014], p. 235. Tradução nossa).

(...) defendeu com veemência a integração dos estudos de tradução no estudo dos muitos tipos de 'reescrita' e 'refração' que moldam uma determinada cultura. Ao mesmo tempo, defendeu um maior esforço para incorporar, ao conceito de polissistema, a noção de um 'mecanismo de controle', que ele propõe chamar de 'patronagem' e que regula – e, muitas vezes, manipula – o sistema literário, a partir das estruturas socioeconômicas e ideológicas da sociedade.¹² (HERMANS, 1985[2014], p.14. tradução nossa).

Determinado a pesquisar tais pressões ideológicas, que podem, de fato, restringir o discurso literário, Lefevere reuniu alguns conceitos relevantes para alicerçar seu conhecimento. Em seu modelo teórico, acrescentou, aos conceitos formulados por Even-Zohar e Toury, a noção de "patronagem". Enfatizou, segundo Vieira (1996), o papel dos agentes de continuidade cultural do polo receptor, envolvidos no processo de reescrita (editores, antologistas, historiógrafos literários, etc.), e o papel da tradução na criação de cânones literários. Como mostra Martins (2002, p. 41.), “explícita, portanto, não só a dimensão da chamada “patronagem”, ou estruturas de poder, como também a relação de interdependência e influência recíproca entre as traduções e culturas receptoras”.

¹¹ Translation operates first of all under the constraint of the original, itself the product of constraints belonging to a certain time.

¹² Lefevere (1978), in recent years he has been strongly advocating the integration of translation studies into the study of the many types of 'rewriting' and 'refraction' that shape a given culture. At the same time he has argued in favour of a more determined effort to incorporate into the polysystem concept the notion of a 'control mechanism', which he proposes to call 'patronage' and which regulates - and often manipulates - the literary system from inside the socioeconomic and ideological structures of society.

1.2.3 “Lambert, um projeto de pesquisa em larga escala sobre a história da tradução”

Já nos anos 80, os estudos descritivistas permaneceram evoluindo, através de uma abordagem empírica e orientada para o alvo, no sentido de aperfeiçoar os métodos que organizam a pesquisa descritiva da tradução literária. Boa parte dos estudos produzidos nessa época tiveram origem na Universidade de Leuven, na Bélgica, onde um grupo de estudiosos desenvolveram uma série de trabalhos direcionados a estudos de caso, com o intuito de identificar as normas fundamentais que determinam as relações e os parâmetros envolvidos no processo tradutório e, posteriormente, formular novas teorias a respeito. Isto é, partindo do princípio de que o processo de tradução é conduzido por normas preliminares e operacionais, tais estudiosos reconheceram a necessidade de defini-las para compreender as tendências tradutórias utilizadas em outros textos seguintes.

Dentre os pesquisadores do grupo belga/holandês da escola de Leuven, José Lambert e Hendrik van Gorp, com base a Teoria dos Polissistemas, propuseram em 1985, no artigo “*On Describing Translations*”, um modelo de sistematização para a análise descritiva de traduções literárias. Elaboraram um esquema teórico-metodológico a fim de observar as relações que se estabelecem no processo tradutório. O modelo “mostra quais relações podem ter um papel na produção e no formato das traduções de fato e quais podem ser observadas na descrição da tradução.”¹³ (LAMBERT, 1985[2014], p. 45).

Lambert e Van Gorp (1985) salientaram a importância de programas de pesquisa em larga escala. Em suas formulações, partiram da análise de esquemas de comunicação abrangentes para investigar as normas dominantes no sistema receptor e identificar as complexidades da natureza das relações que se configuram no processo tradutório. Para uma descrição mais pormenorizada de traduções, buscaram pesquisar, descrever e discutir os aspectos funcionalmente relevantes para a prática tradutória, em situações culturais reais e de acordo com seu contexto histórico.

Dessa forma, sugeriram a observação dos fatores políticos, sociais e econômicos, próprios da tradução e relacionados à produção, publicação e recepção de textos traduzidos, em diferentes sistemas literários. “Assim, o autor, o texto, o leitor e as normas literárias em um sistema literário deveriam ser justapostos a um autor, texto, leitor e normas literárias em outro sistema literário”. (GENTZLER, 2009, p.168. trad. Marcos

¹³ (...) it shows which relations can play a part in the production and shaping of actual translations, and which ones may be observed in translation description.

Malvezzi). Enfatizaram ainda que para um estudo adequado, um texto traduzido, assim como um tradutor, não deve ser analisado isoladamente, mas num conjunto de traduções, ou tradutores, considerando as conexões que eles estabelecem com seus pares.

Diante da instabilidade do significado, das incompatibilidades entre línguas, da inoperância de conceitos como “fidelidade” e da imprecisão das escolhas que permeiam o fazer tradutório, os teóricos descritivistas da escola de Leuven dedicaram-se a fazer avançar a teoria de estudos de tradução, desenvolvida sob uma abordagem de caráter investigativo, não-prescritivo e desinteressada em modelos irrealis.

A principal vantagem do esquema é que ele nos permite ignorar um número de ideias tradicionais profundamente enraizadas relativas à “fidelidade”, e até mesmo à “qualidade” tradutória (Uma determinada tradução é boa ou ruim?), as quais essencialmente priorizam o texto-fonte e inevitavelmente são normativas.¹⁴ (LAMBERT, 1985 [2014], p. 45).

1.2.4 “Holmes, uma visão sintética abrangendo a teoria e a prática da tradução”

O teórico descritivista, poeta e tradutor, americano, professor de estudos de tradução na Universidade de Amsterdã, James S. Holmes (1924-1986) apresentou uma nova direção para a discussão sobre tradução na Europa Ocidental e foi talvez o maior responsável pela formação dessa nova área de estudos.

Conforme supracitado, em 1972, Homes propôs a criação dos “Estudos da Tradução” como disciplina acadêmica, ao publicar o ensaio intitulado “*The Name and Nature of Translation Studies*”. Neste artigo que, segundo Gentzler (2009), traz o escopo e a estrutura que alicerça a nova disciplina, Homes pavimentou um caminho para o amadurecimento dialético da teoria acerca do tema.

Dividiu os estudos da tradução em duas grandes áreas de pesquisa: os Estudos da Tradução puros, para dar conta de descrever os fenômenos da tradução, e traduções, como se manifestam na nossa experiência, e estabelecer princípios gerais para explicar e prever tais fenômenos; e os Estudos da Tradução aplicados, direcionados à prática da tradução e à formação de tradutores, a partir de dados coletados através das pesquisas descritivas e teóricas realizadas, além de informações disponíveis através de disciplinas relacionadas.

¹⁴ The main advantage of the scheme is that it enables us to bypass a number of deep-rooted traditional ideas concerning translational 'fidelity' and even 'quality' (is a given translation good or bad?), which are mainly source-oriented and inevitably normative.

Os Estudos da Tradução puros foram subdivididos em dois ramos principais: os estudos descritivos e os estudos teóricos. Os estudos descritivos detalham fenômenos empíricos de tradução, orientados sob três diferentes aspectos: o produto, ou seja, as traduções existentes; a função, exercida pelas traduções no contexto sociocultural receptor; ou o processo, a prática tradutória em si, as motivações que regem as escolhas do tradutor. Já os estudos teóricos, ou a teoria da tradução, visa a estabelecer os princípios que regem a aplicação de tais fenômenos.

Grande parte de seus trabalhos foi compilada na antologia “*Translated! Papers on Literary Translation and Translation Studies*”, em 1988. As primeiras produções de Holmes já ofereciam uma base discursiva para o desenvolvimento de uma teoria abrangente, distante da análise convencional. Propôs uma investigação pautada na descrição empírica de traduções, seguida de uma análise de *corpora* mais ampla, observando o período, a língua e o tipo de discurso específicos. Em sua obra, desde o início, Holmes descartou as noções tradicionais de “equivalência” ao descrever o processo tradutório.

No entanto, propôs o levantamento de padrões encontrados, a partir das escolhas feitas pelos tradutores, diante das possibilidades disponíveis. Esclareceu que “os estudos da tradução devem ser uma disciplina descritiva empírica, com organização hierárquica e programa de pesquisa estruturado.” (PYM, 2017, p. 134, Trad. Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri e Juliana Steil.). Reconheceu que a linguagem da tradução difere da linguagem da literatura primária e, assim como Even-Zohar e Toury, afirmou que o prestígio das traduções na cultura de partida determina a posição inovadora ou conservadora dos textos traduzidos num dado sistema cultural e interfere nas motivações que delinham a prática tradutória.

1.3 “A QUÍMICA FUNCIONOU”

Os teóricos descritivistas apresentaram um modelo científico para os estudos da tradução, reconhecendo que a atividade tradutória é regida por diretrizes culturais e históricas que orientam todos os processos que uma tradução abrange, num determinado contexto sociocultural, desde a escolha dos textos a serem traduzidos, à divulgação, e à investigação das traduções. Com este aparato teórico, propuseram a análise de uma extensa variedade de traduções, inseridas num determinado contexto receptor,

considerando-as como resultantes de um conjunto de fatores, como, por exemplo, a época em que foram produzidas, mecanismos que as fazem serem aceitas, ou não, numa dada comunidade de chegada, e a interferência do mercado editorial sobre tais traduções, além do papel do tradutor durante o processo tradutório, e diante de determinadas circunstâncias.

A prática descritiva alimenta-se de diversas áreas interdisciplinares do conhecimento, para apurar os motivos pelos quais os tradutores adotam determinadas decisões no decorrer do processo de tradução e o contexto sociocultural e histórico no qual ele ocorre. Contudo, as teorias descritivistas, “aproximam-se das abordagens do paradigma dos propósitos, no que se refere à ênfase ao contexto da cultura de chegada e à função das traduções nesse contexto” (PYM, 2017, p.170, Trad. Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri e Juliana Steil.).

Os estudos descritivos têm um papel fundamental no avanço dos estudos da tradução. A abordagem legitima as traduções como obras autênticas, tão significativas quanto seus textos-fonte. Martins (2002) ressalta que essa mudança de perspectiva nos estudos da tradução, a partir da tentativa de entender e explicar sistematicamente o processo tradutório, assim como os agentes que atuam na realização de uma dada tradução, gerou uma valorização dos textos traduzidos que, até então, de acordo com a ótica prescritivista das abordagens anteriores, detinham o status de meras “cópias”, figuravam como uma continuidade do “original”. Os teóricos descritivistas:

Motivados, assim, por um espírito de reação não só ao predomínio da linguística e às suas supostas limitações com respeito à análise de textos literários, mas também às abordagens tipicamente prescritivistas que predominavam desde os primórdios das reflexões sobre tradução, esses estudiosos se propuseram a oferecer alternativas que lhes pareciam plausíveis. Em termos teóricos, houve um deslocamento do foco das pesquisas, que deixaram de se voltar para hipotéticas traduções ideais fundadas em juízos de valor (MARTINS 2002, p.34).

Críticas feitas a eventuais lacunas teóricas dos Estudos Descritivos da Tradução questionam, principalmente, o alcance limitado da diferenciação do projeto de Toury em relação às teorias convencionais. Alegam que o modelo descritivista não foi capaz de realizar uma mudança radical no que diz respeito às teorias anteriores, como aquelas formuladas por teóricos mais tradicionais, devido à tentativa de uma formalização excessiva e a busca por universais do comportamento tradutório. Estudiosos como

Gentzler (2009) argumentam terem aguardado uma possível atualização da abordagem ao longo dos anos. Entretanto, como afirma Pym (2017), o paradigma descritivista, aparentemente, não assegurou “uma relação consistente entre a descoberta da diversidade e o desenvolvimento de novos conceitos” (p.170, Trad. Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri e Juliana Steil.).

Alguns teóricos da tradução também ponderam que tais estudos, ao considerarem as traduções como fatos apenas do sistema receptor, ou seja, que direcionam o foco da abordagem estritamente para o texto-alvo, eliminando a fonte, parecem, a princípio, bastante radicais e problemáticos, pois configuram-se como normativos e observam as traduções como se fossem fenômenos unidirecionais. Desta forma, para Vieira (1996), promovem o deslocamento de um polo a outro. No entanto, esta última via de análise parece pouco sustentar-se por exigir em uma visão bastante literal da proposta dos estudos descritivos elaborada por Toury.

Pym (2017) observa que o paradigma descritivista além de ter revelado a variedade e a vitalidade histórica da tradução, desempenhou um papel central no desenvolvimento da tradução como disciplina acadêmica e produziu conhecimento potencialmente útil a todos os campos dos estudos de tradução, a partir de teorizações de alto nível sobre possíveis universais e leis de tradução. Já Gentzler (2009) coloca que tais estudos, voltados para a análise sistemática dos textos traduzidos, inevitavelmente, contribuem para a ampliação do conhecimento na área e para o refinamento do nosso entendimento em relação aos fenômenos tradutórios.

Não há dúvida quanto à importância histórica do trabalho de Toury. Juntamente com outros teóricos que compartilham suas ideias, como Itamar Even-Zohar, André Lefevere e José Lambert, Toury ajudou a estabelecer os Estudos da Tradução como uma disciplina distinta ao definir o objeto de estudo, o texto-alvo circulando num "polissistema" de normas e fontes culturais¹⁵ (VENUTI, 1998, p.27).

Tais teóricos, ao apresentarem uma proposta descritivista, mudaram a perspectiva que governava as teorias tradutórias tradicionais. O trabalho da teoria de sistemas, afirma Gentzler (2009), ao reconhecer a importância do texto traduzido numa dada literatura, e na interação entre literaturas, permitiu aos estudos da tradução derrubar certas barreiras

¹⁵ There can be no doubt about the historical importance of Toury's. With such other like-minded theorists as Itamar Even-Zohar, André Lefevere and José Lambert, Toury helped to establish translation studies as a distinct discipline by defining the object of study, the target text circulating in a "polysystem" of cultural norms and sources.

conceituais e encontrar um método para descrever melhor as traduções produzidas. Elucidou o pensamento científico a respeito da tradução. Os dados oriundos da pesquisa descritiva sustentam uma maior investigação teórica e possibilitaram um melhor entendimento acerca do processo tradutório.

A abordagem, de acordo com Hermans (1985), instituiu um novo paradigma para o estudo da tradução literária, com base em um amplo compilado teórico, respaldado em sua relação de reciprocidade com uma pesquisa prática contínua. Trouxe em seus aspectos fundamentais, elementos distintos daqueles apresentados por grande parte dos trabalhos tradicionais em estudos de tradução.

Em 1985, Theo Hermans, publicou “*The Manipulation of Literature*”, um importante registro de produções dessa geração de teóricos polissistêmicos e descritivistas. E, em “*Translation in Systems*”, publicação de 1999, resumiu:

(...) Even-Zohar tinha sua hipótese polissistêmica, Toury, sua ênfase empírica, Lambert, um projeto de pesquisa em larga escala sobre a história da tradução, Lefevere, uma preocupação com a filosofia da ciência e Holmes, uma visão sintética abrangendo a teoria e a prática da tradução. A química funcionou.¹⁶ (HERMANS, 1999. p. 13. Tradução nossa.).

¹⁶ (...) Even-Zohar had his polysystem hypothesis, Toury his empirical emphasis, Lambert a large-scale research project on translation history, Lefevere a preoccupation with philosophy of science, and Holmes a synthetic view spanning the theory and practice of translation. The chemistry worked.

2 PÓS-COLONIALISMO, LITERATURA E TRADUÇÃO

Os trabalhos de Even-Zohar (1939-) e dos teóricos descritivistas, como Gideon Toury (1942-2016), entre outros, redirecionaram a perspectiva dos estudos de tradução para além da estética prescritiva, questionaram o conceito de equivalência que governava as teorias tradicionais e, principalmente, elucidaram a relevância dos ambientes culturais envolvidos no processo tradutório. Portanto, a partir deles, e a fim de propormos um trabalho de tradução comentada de literatura pós-colonial, faz-se pertinente, analisar o contexto em que surgiu a literatura pós-colonial e relacionar a autora e a obra a ser traduzida a esse contexto.

2.1 O PERCURSO DO INGLÊS NA NIGÉRIA (PÓS-) COLONIAL

Inicialmente, a descoberta e exploração do litoral africano, como lembra Sébille-Lopez (2005), fora uma empreitada dos navegadores portugueses, a partir da descoberta das Ilhas Madeira em 1419, Açores e Cabo Verde, e da descoberta da foz do rio Congo em 1482. No final do século XV, através do Tratado de Tordesilhas, as “terras descobertas”, na terminologia do colonizador, estavam territorialmente divididas entre os reinos de Portugal e Espanha.

Ao chegarem, os portugueses empreenderam várias tentativas frustradas de se comunicarem com os nativos. Segundo Igboanusi (2002), com o tempo a comunicação foi possível através de uma língua de contato, *Pidgin*, resultante da mistura de uma variedade portuguesa do inglês com as diversas línguas indígenas da região. Pela influência do léxico de tais línguas europeias, como se pode perceber, justamente nessa época, surgiram palavras como *wrapper*, *palaver* e *Lagos*.

Foi a partir do século XVII, de acordo com Sébille-Lopez (2005), que a coroa britânica se estabeleceu, inicialmente, na *Gold Coast*, atual Gana, em 1621. Principalmente, entre o final do século XVIII até meados do século XIX, a experiência colonial britânica perdurou, sobretudo, na África Ocidental, África Oriental e África Austral.

Na atual Nigéria, também foram os portugueses os primeiros exploradores-comerciantes que, em 1485, estabeleceram contato com os istekiri, da região do delta do Níger, e ampliaram o comércio de escravos e pimenta. Lá, os primeiros navios mercantes

britânicos chegaram no século XVI. E, ao contrário dos portugueses, que ficaram na costa, os exploradores e missionários do Reino Unido, sob o impulso da *African Society*, em Londres, já no século XVIII, expandiram-se para o interior nigeriano pelo Norte e, posteriormente, pelo Sul.

Os ingleses ampliaram seu império, levando consigo, além do grande poderio naval e econômico, uma de suas maiores marcas: a língua inglesa. Para alicerçar esta nova empreitada, nesse mesmo período, a norma do inglês considerada culta surge como disciplina acadêmica de prestígio, em lugar das línguas clássicas, marginalizando-se assim todas as suas outras variantes e consolidando a literatura inglesa como modelo canônico.

Com o deslocamento e a chegada de um número cada vez maior de missionários ingleses, a partir de 1842, a “Costa Inglesa” a expandiu para outras áreas do país a partir do século XV. E já no século XIX, havia um comércio próspero ao longo da costa do que mais tarde viria a ser a Nigéria, especialmente em torno de Lagos, a oeste, e no delta do Níger. A comunicação era feita em inglês não-padrão ou “inglês de trabalho.” Portanto, uma língua a ser adotada para a comunicação entre a população indígena e os visitantes, para ler e entender a Bíblia. Assim, muitos dos missionários estudaram línguas da África Ocidental e também traduziram a Bíblia e o Livro de Orações para essas línguas.

Embora se possa dizer que os ingleses chegaram à Igbolândia desde 1857, após a expedição de 1857 e o estabelecimento de uma nova estação missionária em Onitsha (o coração da Igbolândia), é possível que os Igbo tivessem entrado em contato com os ingleses muito antes, através de Calabar, uma comunidade vizinha dominada por comerciantes ingleses. Quando Hope Waddell chegou a Calabar em 1846, ele encontrou um comércio florescente e movimentado de óleo de palma, (...). O inglês era a única língua europeia falada pelos comerciantes de Calabar, talvez como resultado da predominância dos comerciantes ingleses. Enquanto o português era amplamente falado em Lagos, Warri e Benin, o inglês era usado em Brass, Bonny e Calabar. (...). (IGBOANUSI, 2002, p. 18. Trad. nossa.)¹⁷.

A evangelização missionária no sul da Nigéria serviu de suporte para a modernização e educação formal ocidental junto às populações. Para tanto, a princípio,

¹⁷ Although English may be said to have come into Igboland since 1857 following the expedition of 1857 and the establishment of a new mission station at Onitsha (the heart of Igboland), it was possible for the Igbo to have come in contact with English much earlier through Calabar, a neighboring community which was dominated by English traders. When Hope Waddell arrived in Calabar in 1846, he found a flourishing and busy trade in palm oil, (...). English was the only European language spoken by Calabar traders, perhaps as a result of the predominance of English traders. While Portuguese was widely spoken in Lagos, Warri and Benin, English was used in Brass, Bonny and Calabar.

tiveram que usar as línguas maternas locais, pois, num primeiro momento, os pais recusavam-se a enviar seus filhos à escola. Por isso, como aponta Sébille-Lopez (2005), os missionários pagavam recompensas àqueles que o fizessem. Por conseguinte, a primeira geração de alunos nativos era formada, principalmente, por descendentes de africanos que foram escravizados, pois, para a comunidade aldeã, eles faziam menos falta se frequentassem a escola. Isto porque, como pode ser lido em textos de Buchi Emecheta, em comunidades africanas, principalmente, durante o período colonial, fazia-se presente, o preconceito em relação a descendentes daqueles que haviam sido escravizados.

Até então, o governo não participava diretamente na educação formal. Entretanto, em 1882, o governo britânico interveio para estabelecer diretrizes no sentido de organizar o ensino e dar ênfase ao aprendizado do inglês nas escolas. Em 1897, por exemplo, uma das condições que o governo estabeleceu para conceder subsídios às escolas foi a “aprendizagem e ensino eficazes da língua inglesa”. Em 1887, o decreto educacional de 1882 promulgado na Costa do Ouro (atual Gana) foi aplicado à Nigéria. Foram, então, concedidas bolsas especiais para o ensino da língua inglesa.

Entretanto, com o intuito de atender aos interesses comerciais da elite colonial, em 1880, o governo britânico ordenou que a língua inglesa fosse ensinada nas escolas missionárias na Nigéria. E na virada do século XIX, começaram a ser criadas, pela administração colonial, escolas para atender à demanda de africanos fluentes em inglês, para trabalharem para empresas e para a administração britânica. A primeira escola do Estado britânico, na Nigéria, foi criada em 1899, em Lagos. E, paradoxalmente, ainda segundo Sébille-Lopez (2005), houve uma pressão para tal por parte dos muçumanos da região, já que, por questões religiosas, eram impedidos de frequentar as escolas missionárias. A partir de então, os governos coloniais passam a intervir no ensino com o intuito de conferir à língua inglesa um *status* de maior importância.

Com efeito, a evangelização do sul do futuro Estado nigeriano contribuirá para educar primeiramente essas populações, especialmente a efik, a igbo e a iorubá, dando-lhes assim certa ascendência, no plano educativo, sobre as etnias muçumanas que viviam ao norte do rio Níger e do Benuê que só viriam a ser colonizadas pelos britânicos em princípios do século XX. (SÉBILLE-LOPEZ, 2005, p. 98).

Diante do declínio da resistência inicial à influência missionária e à imposição cultural na Igbolândia, e do enfraquecimento dos vínculos que mantinham a sociedade igbo unida, Igboanusi (2002) aponta que surgiu uma nova geração de nigerianos que

buscou se aproximar mais das pessoas ligadas ao governo colonial, representantes, por exemplo, almejando conseguir um emprego e acesso a algum tipo de melhoria. O estudioso reforça que, ao contrário dos missionários que trabalharam para estudar e desenvolver as línguas nigerianas locais, os locais estavam ansiosos para aprender a língua inglesa, principalmente, porque desta forma teriam a garantia de um emprego remunerado, que era a melhor opção, melhor do que o trabalho agrícola onde o salário era menor e o trabalho era mais demandante. E, independentemente, da função, eles deviam ser capazes de se comunicar com o seu empregador europeu. Inclusive, na colônia, surgiram vários jornais e periódicos em língua inglesa, o que, com certeza, facilitava o aprendizado.

Igboanusi (2002) acredita que a contribuição mais importante dos missionários cristãos foi que eles forneceram aos igbos a ferramenta para preservar sua escrita, e assim ajudaram decisivamente a provocar o surgimento da escrita, da literatura igbo, seja em igbo ou em inglês. O autor acrescenta que seus “panfletos” e criatividade resultaram no que ficou conhecido como Literatura de Mercado de Onitsha. Entretanto, as questões de variação dialetal da língua Igbo e da ortografia Igbo encorajaram os Igbos a optarem pelo inglês. Contudo, “muitos pais Igbo tinham orgulho de se comunicarem com seus filhos em um inglês diferente do padrão. Aqueles que não falavam nada de inglês ficavam felizes em ouvir seus filhos falarem um pouco de inglês.” (IGBOANUSI, 2002, p.21)¹⁸.

O teórico também relata que, a partir de 1947, após a independência da Índia, o governo colonial decidiu garantir ainda mais a influência política e econômica britânica, numa iniciativa de implementação de uma política de modernização das colônias africanas em diferentes áreas, como transportes, comunicações, agricultura. Construiu escolas secundárias e um Colégio Universitário em Ibadan, assim como universidades, como o Government College, Umuahia, e o University College, Ibadan - duas instituições pelas quais passaram muitos dos pioneiros escritores ingleses Igbo. Inevitavelmente, nessa época, o inglês assumiu um *status* de prestígio.

Pode-se dizer que as relações comerciais e as atividades missionárias foram as causas remotas da implantação do inglês na Nigéria, proporcionando oportunidades de contacto precoce entre os europeus e os africanos. Mas o fator mais importante na implantação do inglês no país é a colonização. No início do século XX, a administração colonial tinha sido efetivamente estabelecida em muitos estados africanos. Os colonizadores impuseram o seu sistema de governo aos povos indígenas da Nigéria e, previsivelmente, à língua

¹⁸ Many Igbo parents were proud to communicate with their children in non-standard English. Those who spoke could not speak English were happy to hear their children speak some English.

da administração colonial. A aceitação da liderança britânica também significou a aceitação da língua inglesa. (IGBOANUSI, 2002, p.20. trad. nossa.).¹⁹

Mesmo após a independência da Nigéria, em 1960, os governos nigerianos não trabalharam no sentido de fomentarem o ensino das línguas das populações autóctones, ao passo que continuaram impondo o uso da língua inglesa como norma de prestígio e padrão linguístico, através de uma educação centralizadora. Todavia, como acontece até os dias atuais, a maioria das crianças chegavam à escola sem saber falar inglês e, portanto, inicialmente, o ensino, era realizado nas línguas nacionais. Após um período de cinco ou seis anos, geralmente, adquiria-se fluência em língua inglesa, e as línguas maternas como o efik, o hauçá, o igbo e o iorubá, tornavam-se disciplinas opcionais.

Em seu artigo sobre a difusão do inglês na África e, particularmente, na Nigéria, Sébille-Lopez (2005) dedica-se a discutir a prática da língua inglesa por parte dos igbos, etnia da qual a escritora Buchi Emecheta descendia. O autor relata que, enquanto as famílias iorubás que vivem nos EUA ou na Grã-Bretanha fazem questão de praticar sua língua materna em família, os membros da etnia igbo, na Nigéria, em função de uma busca por excelência, tendem a substituir sua língua pelo inglês. Famílias em Lagos, por exemplo, escolhem falar a língua inglesa entre si. Isto deve-se, segundo o autor, à imagem de onipotência deixada pelos colonizadores no imaginário igbo que, associada à uma busca por aprimoramento, transformou a fala, o comportamento e os hábitos dos brancos em critérios de requinte e poder. Deste modo, a elite igbo empenha-se em distanciar-se dos valores tradicionais ancestrais.

Igboanusi (2002) salienta a língua inglesa foi o veículo de implementação da política britânica de modernização. A partir de então, o inglês alcançou um enorme prestígio como a língua de modernização e chave para o sucesso.

¹⁹ Trade relations and missionary activities could be said to have been the remote causes of the implantation of English in Nigeria, by providing opportunities for early contact between Europeans and Africans. But the most important factor in the implantation of English in the country is colonization. By the beginning of the 20th century, the colonial administration had effectively established in many African states. The colonizers imposed their system of government on the indigenous people of Nigeria and, expectedly, the language of the colonial administration. The acceptance of the British leadership also meant the acceptance of the English language.

2.2 A ESCRITA PÓS-COLONIAL: MAIS DO QUE UMA LITERATURA COM SOTAQUE

O colonialismo definiu direta e indiretamente o mundo contemporâneo, reforçando, talvez, até arraigando, a tensão entre centro e periferia. Entretanto, as sociedades colonizadas pelo império britânico não foram apenas uma fonte de enriquecimento para a coroa. Foram também, em parte, responsáveis pela ampla propagação do inglês que, no atual panorama linguístico, encontra-se em largas proporções, sendo utilizado tanto por aqueles que o têm como língua materna, quanto por aqueles que necessitam dele, de alguma maneira, em sua vida diária. Robert Phillipson (1992 *apud* Zabus, 2007), chama a atenção para o fato de que o inglês deixou de ser a língua de uma comunidade ou etnia específica. Passou a ser falado por mais falantes não nativos do que por falantes nativos. Posteriormente, Rajagopalan (1996), concorda, propondo que o inglês é uma língua regularmente mais usada por pessoas que, conforme popularmente convencionado, teriam o *status* de falante nativo negado, do que por aqueles que seriam considerados seus legítimos “donos”.

Na introdução de *The African Palimpsest*, Chantal Zabus (2007) indica as consistentes mudanças ocorridas em relação ao inglês e ao francês desde o início da década de 90. A autora explica que enquanto a língua francesa trilhou um percurso de enfraquecimento, o inglês alçou um controverso *status* de língua franca internacional, através do processo de colonização, que promoveu drásticas mudanças na língua inglesa e, para o bem ou para o mal, contribuiu para a sua expansão e sua plasticidade contemporânea que remonta à sua hibridez primordial. Denomina a língua inglesa como “rolo compressor” ao, não apenas formar ideias, mas, mudar formas e visões de mundo. E, portanto, graças a essa flexibilidade característica, o inglês assumiu um uso não apenas local, mas global.

A língua representa um dos principais reflexos da cultura de um povo, sendo talvez o maior elo entre os seus indivíduos. Justamente por isso, a história tem nos mostrado que uma situação de domínio sempre implica, diretamente, a aquisição da língua do poder colonizador por parte daqueles que são dominados.

Uma das principais características da opressão imperial é o controle sobre a linguagem. O sistema de educação imperial instala uma versão ‘padrão’ de a linguagem metropolitana como norma, e marginaliza todas as ‘variantes’ como impurezas. (...) A língua torna-se o meio pelo qual uma estrutura hierárquica

de poder é perpetuada, e o meio através do qual as concepções de “verdade”, “ordem” e “realidade” se tornam estabelecido. Tal poder é rejeitado na emergência de uma efetiva voz pós-colonial. Por isso, a discussão sobre o pós-colonial A escrita que se segue é em grande parte uma discussão do processo pelo qual a linguagem, com seu poder, e a escrita, com sua significação de autoridade, foi arrancada da cultura europeia dominante. (ASHCROFT et al, 2002, p.7. trad. nossa)²⁰

Todo o processo de aquisição da língua inglesa que permeou a colonização britânica, como é comum em situações de domínio, com conseqüente imposição de uma língua estrangeira, desencadeou significativas variações e mudanças no inglês falado nas regiões colonizadas, originando novos usos da língua. Sendo assim, em muitos casos, o inglês considerado padrão, apesar de instituído em países periféricos e dominados como língua oficial, sendo usado por meios de comunicação, em documentos, entre outras instâncias, não representa a única língua nacional, falada pela grande maioria da população de sociedades pós-coloniais em seu dia-a-dia.

A partir da primeira metade do século XX, após duas grande guerras, a falta de condições por parte dos países dominantes para manterem o domínio sobre suas colônias, associada a um movimento pela independência, desencadeou um processo de descolonização dos países ainda dominados.

O nascimento de numerosos Estados africanos, entre 1960 e 1964, complicou a tarefa do pan-africanismo, como movimento de integração, contudo, incontestavelmente facilitou e acelerou o seu desenvolvimento na qualidade de movimento de libertação. Se por um lado, os novos dirigentes africanos estavam em desacordo em relação à natureza da integração política que devia ser realizada na África, era quase unânime o reconhecimento da urgente necessidade em libertar inteiramente o continente do colonialismo; (...) (KODJO; CHANAIWA, *apud* MAZRUI (ed.); 2010, p. 902).

A contraposição entre o discurso do colonizador e do colonizado ressoa outros “ingleses” e, conseqüentemente, revela os povos falantes destas tantas outras variantes da língua, evidenciando um forte sentimento nacionalista e, por outro lado, inevitavelmente,

²⁰ One of the main features of imperial oppression is control over language. The imperial education system installs a ‘standard’ version of the metropolitan language as the norm, and marginalizes all ‘variants’ as impurities. (...) Language becomes the medium through which a hierarchical structure of power is perpetuated, and the medium through which conceptions of ‘truth’, ‘order’, and ‘reality’ become established. Such power is rejected in the emergence of an effective post-colonial voice. For this reason, the discussion of post-colonial writing which follows is largely a discussion of the process by which the language, with its power, and the writing, with its signification of authority, has been wrested from the dominant European culture.

a intrínseca ligação com a cultura dominante, além de valores canônicos que, ainda hoje, continuam vigentes.

Independentemente do fato de que falantes não-nativos e quase nativos devem estar em conformidade com as regras que se aplicam aos falantes nativos, a menos que criem uma gramática própria, os novos usuários de francês e/ou inglês não são mais portadores de cultura da “civilização” francesa ou inglesa. Esse processo de desagregação da língua, cultura e identidade foi aguçada pelo processo de colonização e a concomitante introdução da quirografia europeia. No caso da África Ocidental, tal sistema de escrita estrangeiro como a escrita romana frustrou qualquer possível florescimento de escritas indígenas. (ZABUS, 2007, p. xii. Trad. nossa.).²¹

Contudo, permanece um crescente movimento de contestação à soberania da língua inglesa considerada padrão, principalmente, por parte dos descendentes daqueles que viveram um doloroso processo de imposição linguística. Como Bill Ashcroft, Gareth Griffins e Helen Tiffin apontam (2002), a maior parte das pessoas no mundo hoje tiveram suas vidas moldadas pelo colonialismo, e a literatura oferece um dos mais importantes meios para se observar as percepções de tais experiências. Sendo assim, em meio a esse contexto, desenvolveu-se a literatura pós-colonial, que surgiu para ouvir as vozes de identidades silenciadas, questionar e negar valores imperialistas, muitos deles ainda em vigor, trazendo, portanto, à tona as diversas realidades culturais que configuram o mundo em que vivemos, a fim de preservar e valorizar as identidades de diferentes povos e culturas.

Para Tutikian (1999), o discurso literário estabelece um tipo específico de relação com o discurso histórico e social em culturas de natureza diversa. Ademais, Bill Ashcroft, Gareth Griffins e Helen Tiffin (2002) observam que a literatura oferece um dos mais importantes meios para se observar o entendimento das vivências humanas. Nesse sentido, a literatura pós-colonial nasce do desejo de libertação de valores e conceitos metropolitanos, para ouvir identidades silenciadas, questionar e negar valores imperialistas, trazendo, portanto, à tona as diversas realidades culturais que configuram o mundo. Para subverter os padrões estanques e forjar sentidos de diferença, constrói-se,

²¹ Regardless of the fact that non-native and near-native speakers have to conform to the rules that apply to native speakers, unless they create a grammar of their own, the new users of French and/or English are no longer culture-bearers of French or English ‘civilization’. This process of disaggregation of language, culture and identity was sharpened by the process of colonization and the concomitant introduction of European chirography. In the case of West Africa, such an alien writing system as the Roman script thwarted any possible flourishing of indigenous scripts (...).

então, a partir da memória do período anterior ao colonialismo e do período colonial, que unidos vão produzir o pós-colonialismo, pois:

A literatura se escreve com a lembrança daquilo que é e daquilo que foi. Ela exprime, movimentando sua memória e a inscrevendo nos textos por meio de um certo número de procedimentos de retomadas, de lembranças e de reescrituras, cujo trabalho faz aparecer o intertexto. (SAMOYAULT, 2008, p. 47).

O discurso é a atividade do sujeito no encontro com a história, cultura e língua. Entretanto, como tal, o discurso não se molda à língua, mas sim, expõe a linguagem humana, através do ritmo e este, por outro lado, estabelece o discurso em um lugar de historicidade, que não se associa a nenhuma estrutura imutável ou noção estruturalista de arbitrariedade. Pelo contrário, para Meschonnic (2006), a não aceitação de uma estrutura imutável é, em si, uma premissa essencial para definir a historicidade da linguagem humana.

No que tange às escritas pós-coloniais, o termo abarca todas as literaturas nascidas em culturas que passaram por um processo de colonização sob o poderio imperial e que são, cada vez mais, influenciadas pela necessidade de diferenciação de tudo aquilo que representa a metrópole, com o intuito de questionar e negar conceitos impostos pelo poder central, tais como a existência de um código linguístico padrão que deva ser privilegiado. Em se tratando de literatura em língua inglesa, esse grupo é composto pela literatura dos países africanos, Austrália, Bangladesh, Canadá, Caribe, Índia, Malásia, Nova Zelândia, Paquistão, Ilhas do Pacífico Sul, Sri Lanka, Singapura e Malta. Os Estados Unidos, como se pode perceber, segundo Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin apontam (2002), não fazem parte desse grupo, devido ao poder que passaram a exercer no mundo, assumindo um papel de neo-colonizador.

Como observa Tutikian (1999), a transgressão dos códigos produz a negação da aculturação. Os autores pós-coloniais também utilizam a língua como sua maior aliada, posto que, o escopo pós-colonial reconhece a linguagem como principal via de poder e formulação de identidades. Neste âmbito, a prática literária incorpora a língua do centro para readaptá-la para novos usos, através do ambiente colonizado, marcando uma separação do local de privilégio colonial.

Sob a influência do vernáculo, surge, então, uma nova literatura em língua inglesa. Esta, contudo, rejeita a versão imposta do inglês, através da apreensão e da desconstrução

daquilo que até então era considerado norma de prestígio. Esta versão normativa é, então, substituída por um discurso adaptado ao espaço, onde as colônias foram estabelecidas, como forma de reconhecimento e valorização de suas próprias culturas e identidades. Desta forma, o discurso literário pós-colonial constrói-se através de dois processos distintos conforme descrevem Bill Ashcroft, Gareth Griffiths e Helen Tiffin (2002):

(1) Anulação/ Negação (*Abrogation*), isto é, orientado pelo princípio de negar “o Outro”, questionando seus conceitos e valores estabelecidos como verdade. Além disso, rejeitando o poder da metrópole sobre os meios de comunicação.

É uma recusa das categorias da cultura imperial, sua estética, seu padrão ilusório de uso normativo ou “correto”, e sua suposição de um significado tradicional e fixo ‘inscrito’ nas palavras. É um momento vital na descolonização da língua e a escrita do ‘inglês’, mas sem o processo de apropriação do momento de revogação não pode se estender além de uma inversão dos pressupostos de privilégio, a inscrição ‘normal’ e correta, todas que pode ser simplesmente assumido e mantido pelo novo uso. (ASHCROFT *at al*, 2002, p.38. trad. nossa.)²²

(2) Apropriação/ Reconstituição (*Appropriation*) que se define pela necessidade de ajustar a língua a novos usos, com o intuito de expor diferenças culturais existentes entre os dois mundos. Para isso, cinco estratégias são utilizadas: (a) recurso de explicação; (b) palavras não traduzidas; (c) interlíngua; (d) fusão sintática; e (e) mudança de código e transcrição do vernáculo.

A linguagem é adotada como uma ferramenta e utilizados de várias maneiras para expressar experiências culturais amplamente diferentes. (...) Pois, em certo sentido, todas as literaturas pós-coloniais são transculturais. porque negociam uma lacuna entre ‘mundos’, uma lacuna na qual os processos simultâneos de revogação e apropriação continuamente se esforçam para definir e determinar sua prática. (ASHCROFT *at al*, 2002, p.38. trad. nossa.)²³

²² a refusal of the categories of the imperial culture, its aesthetic, its illusory standard of normative or ‘correct’ usage, and its assumption of a traditional and fixed meaning ‘inscribed’ in the words. It is a vital moment in the de-colonizing of the language and the writing of ‘English’, but without the process of appropriation the moment of abrogation may not extend beyond a reversal of the assumptions of privilege, the ‘normal’, and correct inscription, all of which can be simply taken over and maintained by the new usage.

²³ Language is adopted as a tool and utilized in various ways to express widely differing cultural experiences. These differences may exist in cultures which appear to be quite similar. For in one sense all post-colonial literatures are cross-cultural because they negotiate a gap between ‘worlds’, a gap in which the simultaneous processes of abrogation and appropriation continually strive to define and determine their practice.

Contudo, para Zabus (2007), as escritas africanas coroam um processo através do qual a língua europeia, com os seus pressupostos coloniais e universalizantes, é rejeitada e rebaixada ao *status* de ‘língua estrangeira’ ou ‘língua nacional associada’. Entretanto, o escritor contemporâneo da África Ocidental ainda não considera a língua europeia apenas como estrangeira, continua fascinado pelo que ainda não alcançou.

Pym (2017) observa que o olhar crítico de muitas abordagens, que encaram a “tradução” como uma atividade de comunicação entre grupos culturais, formulou o conceito de “tradução cultural”, enquanto processos culturais. Segundo o teórico, tal conceito, sob uma perspectiva de interesse nos sujeitos, mostra-se adequado para abarcar as discussões pós-coloniais. Desta forma, a abordagem da tradução sob um viés cultural, pode auxiliar outros modelos de reflexão, no que tange à figura do tradutor como um mediador de culturas e ao hibridismo cultural.

Para Antoine Berman (2002), sob uma perspectiva ética, a tradução só alcança sentido ao ser “relação”, um encontro de “abertura”, “diálogo”, “mestiçagem”, “descentralização”. Paul Bandia (2020) reflete sobre a relevância das hipóteses tradutológicas levantadas por Berman (2002), no sentido de explicitar as estratégias de escrita utilizadas pelos autores pós-coloniais em sua prática tradutória num contexto de comunicação intercultural, tomando como exemplo as literaturas em línguas europeias na África. Propõe que quando a cultura passa a ser entendida como um fenômeno de tradução, deixa de ser considerada como uma entidade estável para ser entendida como texto, um processo dinâmico constituído de códigos e representações, e em constante processo de construção. Por conseguinte, a tradução assume novos contornos, deixa de ser limitada a uma oposição binária, lugar de transferência entre o Eu e o Outro cultural, passa a ser percebida como fusão cultural e fonte de novos espaços que fomentam a negociação de diferenças culturais. Sendo assim, da mediação das diferenças entre a tradição oral africana e o discurso europeu, nasce, de forma híbrida, a partir de duas culturas linguísticas, estrangeiras e distintas, a escrita euro-africana.

Os outros “ingleses” que, ainda segundo Bandia (2020), se manifestam no texto pós-colonial salientam as relações de poder entre o centro e a periferia. Essa vernacularização da literatura africana de expressão europeia se faz a partir da relação que se estabelece com a alteridade, e é, também, o elo que mantém essa relação entre um “código do Eu” e um “código do Outro.” E, justamente, pelo intuito de evidenciar essa relação com a alteridade, os escritores africanos, ao optarem pela vernacularização literária como estratégia de produção criativa, não se atêm a um literalismo radical em

sua escrita, para que a legibilidade dos textos não seja prejudicada. O texto pós-colonial traz questões cruciais no que diz respeito às escolhas do tradutor, que apenas através de uma ética séria, comprometida, e global da tradução, poderão ser esclarecidas.

Autores, assim como Berman, indicam uma reflexão ética do traduzir, visando conservar a estranheza do texto-fonte. Compartilham o conceito de uma ética da diferença na tradução. E, muito pelo trabalho desses autores, as teorias da tradução têm avançado no sentido de se estudar a diferença, mais do que a semelhança. Dentre eles, Lawrence Venuti (1998) aborda dois conceitos fundamentais em tradutologia: O conceito de “resíduo”, segundo o qual cada signo contém “rastros” de todas as significações que lhe foram atribuídas nos diferentes contextos. Tal conceito remete ao “texto/ palimpsesto”, abordado por Arrojo (1992), que se apaga em cada comunidade cultural e em cada época, para ser “reescrito”. Sendo assim, o texto, neste caso, a tradução, não configura uma entidade estática, mas um prolífico criador de significados. Venuti (1998) também aborda a noção de “suplementaridade”, ou seja, a tradução como “suplemento” do “original” para preencher uma possível lacuna do “original”.

Os tradutores pós-coloniais, segundo Gentzler (2009) tentam recuperar a tradução e usá-la como uma estratégia de resistência, que perturba e desloca a construção de imagens de culturas não ocidentais, em vez de reinterpretá-las usando conceitos e línguas tradicionais, normalizados. Em vez de usar a tradução como uma ferramenta para apoiar e estender um sistema conceitual baseado na filosofia e na religião ocidentais. Nesse sentido, “a tradução cultural dessacraliza as pressuposições transparentes da supremacia cultural e, nesse próprio ato, exige uma especificidade contextual, uma diferenciação histórica no interior das posições minoritárias” (BHABHA, 1998, p. 314. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves).

Em *Sitting Translation* (1992), de Tejaswini Niranjana, parte de uma perspectiva de que a teoria da tradução, diante de certas questões, não consegue dar conta das peculiaridades da tradução pós-colonial dos textos das ex-colônias. Sustenta que traduções são espaços de relações desiguais entre diferentes culturas. Spivak (1993 *apud* Gentzler 1993), no entanto, vê a tradução, como um elemento crucial para discussões ocidentais de textos pós-coloniais. Acredita que as exigências impostas ao tradutor como mediador de culturas devem ser altas, no sentido de estar familiarizado com os contextos históricos e culturais que envolvem a língua, o autor e o tradutor.

2.3 “QUEM ELEGEU A BUSCA NÃO PODE RECUSAR A TRAVESSIA”²⁴

Dentre os escritores pós-coloniais africanos está a romancista nigeriana, conhecida mundialmente como Buchi Emecheta. Nasceu Florence Onyebuchi Emecheta, prematura, aos sete meses, em 21 de julho de 1944, em Lagos, área metropolitana, de origem iorubá, maior cidade da Nigéria, capital até 1991. Seus pais, Alice Ogbanje Ojebeta (Okwuekwu) Emecheta e Jeremy Nwaubudike Emecheta, que eram de origem igbo, uma das três maiores etnias da Nigéria, criaram seus filhos buscando desenvolver neles os valores de sua cultura. Ambos nasceram em Ibusa, nome mais utilizado para Igbuzo, comunidade igbo no estado do Delta, onde Emecheta passou boa parte da infância.

Em sua autobiografia, o livro intitulado *Head above Water* (1986), Emecheta conta que na infância, as palavras “*United Kingdom*”, quando pronunciadas, traziam o peso do mistério. Eram palavras as quais seu pai parecia glorificar, ao pronunciá-las num tom abafado. Certamente, aprendeu com ele a reverenciá-las e, ainda bem pequena, prometeu-se que um dia visitaria o Reino Unido. Infelizmente, nunca teve a oportunidade de contá-lo a respeito.

Emecheta cresceu sem a presença de seus pais biológicos. Quando criança, com apenas oito anos, poucos meses após sua promessa, foi obrigada a enfrentar a perda de seu pai, a quem ela era muito apegada, por problemas de saúde, em consequência de ferimentos adquiridos na Birmânia, atual Myanmar, lutando em nome de Lorde Louis Mountbatten, pelo Império Britânico, durante a Segunda Guerra. Por conseguinte, após o falecimento do marido, apesar de ter-se tornado cristã, sua mãe, para garantir a própria sobrevivência, voltou para Ibusa e foi herdada pelo cunhado para ser sua esposa por direito, de acordo com a tradição da cultura igbo.

Pontua que a relação entre mãe e filha era sofrida, devido à fragilidade da mãe, diante das perdas. Retrata-a como alguém com um jeito próprio de amar e não demonstrar. Alguém que, ainda menina, fora vendida e escravizada, mas, conseguiu libertar-se. No entanto, deixou-se escravizar outras vezes, pela cultura e, posteriormente, segundo Emecheta, pelo Cristianismo. Nas palavras da autora:

²⁴ ALFREDO, Bosi, 2003, p. 45.

Minha mãe, Alice Ogbange Ojebeta Emecheta, aquela menina preta de pele acetinada, que fora escravizada, risonha e de voz alta, com um metro e oitenta de altura, que quando criança foi amamentada dos seios de sua mãe morta; a minha mãe, que perdeu os pais quando o gás nervoso explodiu na Europa, um gás que matou milhares de africanos inocentes, que nada sabiam sobre a Primeira Guerra Mundial do ocidente; a minha mãe risonha, que perdeu um irmão que a vendeu a um familiar em Onitsha para que ele pudesse usar o dinheiro para comprar *ichafo siliki* – gravatas de seda para a sua dança de maioria. Minha mãe, que provavelmente me amou à sua maneira, mas nunca expressou isso; minha mãe, aquela menina escravizada que teve a coragem de se libertar e voltar para o seu povo em Ibusa, e ainda se curvou e permitiu que a cultura do seu povo a reescravizasse, e depois permitiu que o Cristianismo apertasse o nó da escravização.”²⁵ (EMECHETA, 1986, p. 3. Trad. nossa).

Apesar de ser mais novo, seu irmão, pelo privilégio de ser menino, foi primeiro para a escola enquanto a menina Florence ficou em casa, como de costume na época. A escola não era algo para meninas, principalmente a depender da região. Entretanto, sua mãe acreditava que era importante para uma garota receber uma educação básica para conseguir um bom casamento. Então, em 1951, Emecheta começou a frequentar a escola. Todavia, sua família dispunha de poucos recursos materiais, seu pai era ferroviário. Com a morte dele, a família não teria condições de mantê-la na escola. A partir de então, conseguiu estudar com bolsas em instituições consideradas de prestígio, provavelmente, responsáveis, também, por boa parte de sua formação religiosa.

Frequentou três escolas, onde aprendeu sobre a história do império britânico. Dentre elas, uma escola batista, *Reagan Memorial Baptist School*, e uma escola metodista para garotas, a *Methodist Girls Secondary School*. Era parte de uma geração de estudantes de meados do século XX, que influenciadas pelas professoras, em geral, missionárias do Reino Unido e Austrália, acreditavam ser a expressão de uma África moderna.

Todas as escolas onde estudou localizavam-se em Yaba, região próspera no subúrbio de Lagos. Nessa época preferiu ir para o internato, na escola missionária, caso contrário, se ficasse em casa, teria que casar aos 12. Por esse mesmo motivo, durante as férias preferia não voltar para casa como suas colegas, continuava no dormitório escolar

²⁵ My mother, Alice Ogbange Ojebeta Emecheta, that laughing, loud-voiced, six-foot-tall, black glossy slave girl, who as a child suckled the breasts of her dead mother; my mother who lost her parents when the nerve gas was exploded in Europe, a gas that killed thousands of innocent Africans who knew nothing about the Western First World War; my laughing mother, who forgave a brother that sold her to a relative in Onitsha so that he could use the money to buy *ichafo siliki* – silk head ties for his coming-of-age dance. my mother, who probably loved me in her own way, but never expressed it; my mother, that slave girl who had the courage to free herself and return to her people in Ibusa, and still stooped and allowed the culture of her people to reenslave her, and then permitted Christianity to tighten the knot of enslavement.

com seus livros. E, ao fim do recesso, estava sempre cheia de histórias para contar. Emecheta ainda estava em seu primeiro ano na escola metodista quando sua mãe faleceu.

Durante os anos escolares, além das aulas nas línguas nativas, aprendeu o inglês, que era o seu quarto idioma. Foi na escola, também, que desenvolveu o gosto pela leitura. Adorava ler e encontrou na literatura o combustível para sua habilidade imaginativa, aprendeu a dar vazão à sua criatividade, forjou histórias e alimentou seus sonhos mais secretos. Começou a almejar ser uma escritora.

Certa vez na escola, quando questionada pela professora, revelou seu sonho, disse que um dia seria escritora. Foi mandada para a capela para rezar pelo perdão divino e, ainda, ouviu uma promessa de nota baixa. A Sra. Humble era inglesa, professora de Inglês, com mestrado pela Universidade de Oxford. Emecheta, diante da atitude da professora, concluiu que, para a Sra. Humble, seu idioma era bom demais para gente como ela querer usar para se expressar. Entretanto, como conta Emecheta, o inglês era sua quarta língua, a única na qual aprendera a escrever e a única que podia falar na escola, caso contrário, se falasse em alguma língua nigeriana, receberia uma nota baixa ou multa.

Em 1960, ano de independência da Nigéria, ainda muito jovem, aos 16 anos, Emecheta casou-se com Sylvester Onwordi, um estudante a quem havia sido prometida desde os onze anos de idade, e que, a princípio, considerou ser um rapaz bonito e sonhador que, apesar de ser mais velho, também teria sucesso no Reino Unido. No mesmo ano, teve sua primeira filha, Chiedu. No ano seguinte, nasceu seu primeiro filho, Ikechukwu (Sylvester Onwordi).

Arranjou um bom emprego na Embaixada Americana em Lagos, onde ganhava muito mais do que seu marido. Pode, então, juntar dinheiro suficiente para garantir a mudança deles para o Reino Unido. Sylvester viajou primeiro. Na época, não seria possível para uma mulher sozinha imigrar com duas crianças apenas. Por isso, segundo o relato da autora, sob o pretexto de acompanhar seu marido estudante, e graças às suas economias, Emecheta realizou o sonho de ir para o Reino Unido, o que deixaria seu pai orgulhoso, conforme a promessa que fizera ainda criança.

Em fevereiro de 1962, aos 18 anos, já não tinha mais sua mãe de criação por perto, pois, ela havia falecido poucos meses antes. Portanto, naquele momento, sua família limitava-se a seu irmão e seus dois filhos pequenos. Emecheta despediu-se do irmão caçula e deixou a Nigéria com suas crianças para morar em Londres, juntando-se a Sylvester, que já estava na Inglaterra para, a princípio, dar continuidade aos estudos e

trabalhar. Chegou à terra tão sonhada numa manhã cinza e úmida, numa época em que placas avisavam “de forma elegante” que inquilinos “de cor” não eram aceitos.

Conseguiu emprego e começou a trabalhar, em junho, numa biblioteca. Em dezembro do mesmo ano, deu à luz a seu terceiro filho, um menino que recebeu o nome de Chuckwuemeka (Jake Onwordi).

Em pouco tempo de casada, Emecheta descobriu que aquele belo rapaz não era nada do que ela esperava ser como marido. A decisão de unir-se a Sylvester mostrou-se uma escolha cada vez mais infeliz. E, apesar de todas as suas orações, como aprendera na escola missionária, logo, entendeu que não seria possível recuperar a personalidade débil de um homem. Segundo a própria Emecheta (1986), o milagre que ela esperava nunca aconteceu. Posteriormente, teve mais duas filhas: Em 1964, nasceu Obiajulu (Christy) e, em 1966, nasceu Chiago (Alice Emecheta).

Após o nascimento da quarta filha, Sylvester, enfim, conseguiu uma boa oportunidade de emprego. Era tudo que Emecheta queria até então: poder viver o ideal de dona de casa, cuidando da família e dando suporte ao marido enquanto ele progredia. Estava disposta a esquecer suas traições para fazer tudo dar certo e desfrutar de um casamento feliz. Mas, apesar da insistência da esposa, Sylvester recusou a oportunidade. Segundo ele, estava ali para estudar.

Ainda casada, Emecheta iniciou o hábito da escrita, dando início ao que futuramente seria uma sólida e extensa carreira como escritora. Aos 22 anos, voltou-se para o que conhecia da cultura tradicional Igbo e escreveu *The Bride Price*, sua primeira obra de ficção, como mostra Fishburn (1995). No entanto, o romance só foi nomeado e publicado dez anos mais tarde, já que seu marido, irritado com a possibilidade de independência da esposa, queimou o manuscrito original.

Deste momento em diante, Emecheta entendeu que seu casamento não poderia mais se sustentar e, a despeito dos valores tradicionais africanos, decidiu separar-se definitivamente. Em seguida, começou a trabalhar no Museu Britânico e, em silêncio, planejou sair de casa. Sua relação com Sylvester tornou-se cada vez mais problemática. Mas, não foi fácil arranjar um lugar para ficar com seus filhos. Viu-se exposta ao preconceito: era mulher, negra, africana, igbo, mãe solo. Disse ao proprietário do apartamento que conseguiu alugar que, assim como ele, ela era de origem iorubá e que seu marido havia voltado para a Nigéria para exercer um cargo de prestígio. Fez questão de pagar vários meses de aluguel adiantado.

Finalmente, em 1966, conseguiu deixar para trás o homem que um dia escolheu como esposo, mas que se tornara cada vez mais abusivo e violento. Segundo a autora, quando já viviam em casas separadas, Onwordi descobriu onde ela estava morando com os filhos e foi até lá exigir seus “direitos sexuais de marido”. Na ocasião, o médico que a atendeu denunciou o caso para a polícia.

Então, Emecheta estava grávida do quinto filho. No tribunal, Onwordi alegou que era estudante e que não poderia sustentar os cinco filhos, afirmou que eles deveriam ser entregues para adoção. Também alegou que não era casado com Emecheta, já que havia queimado todos os documentos dela: passaporte, certidão de casamento e certidões de nascimento dos filhos.

Contudo, naquele momento, a vida na Inglaterra revelava-se cada vez mais difícil: solitária, fora de “casa”, numa busca incessante por um lugar para onde quisesse, realmente, voltar. E, até que o tempo trouxesse sinais de prosperidade, Emecheta ainda passou por diferentes moradias, geralmente, precárias, enquanto lutava incansavelmente para não submergir na pobreza, conjugando estudos e trabalho com a educação dos filhos. Nesse sentido, Emecheta observou:

“Quanto à minha sobrevivência nos últimos vinte anos na Inglaterra, desde quando eu tinha pouco mais de vinte anos, arrastando comigo quatro bebês resfriados e molhados e grávida do quinto – isso é um milagre.”²⁶ (EMECHETA, 1986, p. 5. Trad. nossa).

A partir de então, começou a idealizar, de fato, uma carreira como escritora, pela necessidade de manter seus cinco filhos e pelo desejo de falar sobre as experiências vividas longe de sua terra natal. Batalhou muito para sustentar sua família e passou a dedicar-se ainda mais aos estudos, enquanto trabalhava e escrevia para jornais locais. Começou a trabalhar na Biblioteca de Londres, durante o dia, e começou a faculdade, durante a noite. Nunca deixou de estudar completamente, pois, queria obter um diploma de nível superior.

Emecheta foi uma escritora ávida, não parou mais de escrever. Essa era sua válvula de escape e sua força motriz, o que mais amava fazer além da estar com a família. Nos anos seguintes, produziu inúmeros trabalhos consecutivos. Ao todo, foram 16 romances publicados, além livros infantis, várias peças para o teatro, rádio e tv, ensaios e

²⁶ As for my survival for the past twenty years in England, from when I was a little over twenty, dragging four cold and dripping babies with me and pregnant with the fifth one – that is a miracle.

publicações em antologias, jornais e revistas científicas em vários países. Recebeu diversos prêmios, foi indicada a cargos influentes e foi membro de conselhos e associações relevantes, principalmente, no âmbito das artes, cultura e educação. Advogou pela educação como grande forma de empoderamento feminino. Ministrou cursos e palestras. Viveu uma vida efetivamente acadêmica, transitando entre universidades na Inglaterra, nos Estados Unidos e na Nigéria. Tornou-se uma referência. Seus livros já foram traduzidos para mais de quatorze línguas, incluindo francês, alemão, holandês e sueco.

Em 1974, recebeu o título de bacharel em Sociologia pela Universidade de Londres. Em 1976, recebeu o título de Mestre em filosofia, também pela Universidade de Londres e, finalmente publicou *The Bride Price* que acabou sendo sua terceira publicação. Até então, já havia publicado dois romances – *In the Ditch* em 1972, a partir de artigos escritos para uma coluna do jornal *The New Statesman*, e *Second Class Citizen*, em 1975. Neste mesmo ano, foi premiada pela primeira vez, recebeu o *Daughter of Mark Twain*, por seu trabalho, e escreveu peças para a tv britânica. Em 1977, publicou *The Slave Girl*, livro considerado polêmico, pelo qual também foi premiada.

In the Ditch trouxe-me alguma publicidade, mas, sendo o meu primeiro livro, fiquei pensando em quanto tempo demoraria até que fosse esquecido e começasse a acumular pó nas prateleiras das bibliotecas e livrarias. Falei sobre *In the Ditch* durante semanas, em parte por causa do meu orgulho pela minha modesta conquista e em parte porque estava tentando desesperadamente amortecer o outro medo: o medo de poder ser reprovada na Universidade novamente. Isso foi ainda mais forte porque eu sabia que outro fracasso significaria o fim da minha carreira como socióloga.²⁷ (EMECHETA, 1986, p. 71. Trad. nossa.).

Após uma discussão, em 1979, Chiedo saiu de casa para morar com o pai. Este episódio originou o romance *The Joys of Motherhood*, seu livro mais conhecido e aclamado. Além de escolher um título revestido de ironia, dedicou o livro à primogênita, que retornou para casa semanas depois. E, a pedido da filha, Emecheta mudou a dedicatória. Recebeu, pelo romance, o *Best British Writer's Award*, em 1980.

²⁷ *In the Ditch* brought me some modest publicity but, being my first book, I kept wondering how long it would be before it was forgotten and started to gather dust on the shelves of the libraries and book shops. I talked about *In the Ditch* for weeks, partly because of my pride in my modest achievement and partly because I was trying desperately to deaden the other fear: the fear that I could fail my examination again. This was all the stronger because I knew that another failure would mean the end of my career as a sociologist.

Em 1982, após retornar de uma temporada lecionando na Universidade de Calabar, fundou a editora *Ogwugwu Afor* em Londres e em Umuezeokolo, Ibusa, juntamente com seu filho mais velho. O nome escolhido homenageia a deusa ancestral de sua família, demonstrando sua gratidão às contadoras de histórias que, ao transmitirem sua arte, lhe possibilitaram incorporar a tradição e fazer dela seu ofício. Como observa Umeh (1996), não apenas a cultura Igbo, mas as tradições orais da cultura iorubá, Hausa e Itsekiri figuram no trabalho de Buchi Emecheta. Desta forma, ela capta as vozes do passado que ecoam em suas histórias.

Seu romance *Double Yoke* (1982) foi a primeira publicação da editora. Em seguida, no mesmo ano, publicou *Destination Biafra*. Nele, pela primeira vez, a Guerra Civil Nigeriana é contada sob a ótica de uma mulher. No ano seguinte, *The Rape of Shavi* (1983) foi o seu terceiro livro a ser publicado pela editora.

Em 1984, ainda muito jovem, sua filha, Chiedu, faleceu. Em 1985, seu romance *Double Yoke* (1982) foi transformado em filme na Holanda. Em 1986, tornou-se *fellow*, membro acadêmico, da Universidade de Londres e publicou sua autobiografia intitulada *Head Above Water*. Em 1988, ano de falecimento de seu ex-marido, Sylvester, e de seu irmão, Adolphus, publicou *A Kind of Marriage*. Em 1989, publicou *Gwendolen* em Londres e, em 1990, nos Estados Unidos sob o título de *The Family*.

Umeh (1996) observa que, além das contadoras de histórias, como sua tia (*Big Mother*), a quem aprendeu a escutar em Ibusa quando criança, Emecheta aprendeu também a escutar mulheres da diáspora. *Gwendolen* é seu décimo romance, e foi escrito a partir de relatos de abusos sofridos por mulheres, na infância, por seus pais ou responsáveis. Umeh (1996) conta que a escritora mencionou durante uma palestra, em 1991, na Faculdade de Justiça Criminal John Jay, da Universidade da Cidade de Nova York, que após uma palestra em Sussex, ouviu, da maioria das garotas, histórias pessoais de abuso.

Em 1994, dois anos após concluir o doutorado em Literatura pela Universidade Fairleigh, em Madison, New Jersey, nos Estados Unidos, publicou *Kehinde*. Foi condecorada com a Ordem do Império Britânico em 2005, semanas após ter sofrido um AVC (acidente vascular cerebral) que a deixou reclusa.

Segundo Ik, como chamava seu filho mais velho, Emecheta costumava enviar fotos que marcassem suas conquistas para os parentes em Ibusa. Entretanto, por ter vivido uma vida de prontidão, nunca conseguiu se dar ao luxo de saborear o sucesso. Na verdade, ela parecia nunca ter chegado a uma real noção de seu alcance. Numa entrevista a Oladipo

Ogundule, em 22 de julho de 1994, respondeu: “Bem, acredito que considero meu sucesso como parte do meu pão de cada dia. Escrever é algo que desejei fazer por muito tempo e o fato de ser bem sucedida é uma das graças de Deus.”²⁸ (EMECHETA, 1996. In: UMEH (ed.), p. 446. Trad. nossa). Ainda na mesma entrevista Emecheta observou a respeito de seu crescimento e desenvolvimento como uma escritora de sucesso:

Bem, meu crescimento é bastante natural. Depois de escrever um livro, você escreve outro e continua escrevendo e escrevendo. Mas o que penso que mais me ajuda é o fato de ir à Nigéria pelo menos duas vezes por ano. A Nigéria é uma terra cheia de histórias. Cada vez que estou lá, sempre entro em contato com algo novo. Voltei há alguns meses e já estou digerindo minhas experiências de lá para ver como posso adaptá-las em outra história.²⁹ (EMECHETA, 1996. In: UMEH (ed.), p. 448. Trad. nossa).

Infelizmente, em meio aos embates mais dolorosos, como a perda de duas de suas filhas, sua saúde, aos poucos, deteriorou-se. A demência, Buchi Emecheta não teve sequer a chance de vencer. Faleceu aos 72 anos, em 25 de janeiro de 2017. Estava em casa, em Londres, onde, assim como Kehinde, parecia ter encontrado seu lar.

Afinal, após tanto tempo vivendo fora, o sonho, quase pueril, de voltar para sua terra natal foi perdendo cor. As transformações trazidas pelo passar dos anos parecem ter renegado a Nigéria para a qual Emecheta, um dia, imaginou retornar. As vilas de Ibusa tornaram-se o desenho desbotado de uma terra distante, onde apenas os seus devaneios eram capazes encontrar destino.

A vida de Buchi Emecheta foi movimento, foi travessia. Com o andar do tempo, ao ocupar-se de um ofício que desconhecia fronteiras, percebeu-se como cidadã do mundo. Emecheta, assim como suas personagens, galgou uma trajetória de superação. Através de sua vida e obra. Ela mostra que, principalmente, para uma mulher, as batalhas são infinitas e que nem sempre é possível vencê-las, mas é preciso coragem e resiliência, e não há opção. Em sua autobiografia declarou:

Às vezes é muito bom conhecer pessoas como Carole, Senhorita Humble e Sylvester. Essas pessoas eram particularmente boas para mim e para o meu *Chi*, porque uma forma de me concentrar na realização de algo era outra pessoa me dizer que eu não conseguiria. Eu então colocava todos os meus

²⁸ Well, I think I take my success as part of my daily bread. Writing is something that I have been wanting to do for a long time and the fact that I am fairly successful is one of the graces of God.

²⁹ Well, my growth is quite natural. After writing a book, you write another and you keep writing and writing. But what I think helps me mostly is the fact that I go to Nigeria at least twice a year. Nigeria is a land full of stories. Every time I am there, I always come in contact with something new. I returned a few months ago and I am already digesting my experiences there to see how I can fit them in another story.

pensamentos naquilo, orava por aquilo e saía em busca do milagre.³⁰ (EMECHETA, 1986. Trad. nossa.).

Após a passagem de sua mãe, ele, Ikechukwu, fundou a editora *Omenala Press* para que seus romances permaneçam disponíveis. Criou também a “Fundação Buchi Emecheta” para promover projetos sociais, conectados aos valores transmitidos por ela, e para divulgar o seu legado.

No Brasil, as traduções de suas obras ainda são bastante recentes, seus primeiros trabalhos estão começando a serem traduzidos. Em 2017, *The Joys of Motherhood* (As alegrias da maternidade), de 1979, foi o primeiro livro da autora a ser traduzido para o português brasileiro, por Heloisa Jahn, pela editora Dublinense. Em seguida, em 2018, foi lançada a tradução de *Second-class Citizen* (Cidadã de segunda classe), também, por Heloisa Jahn, e em 2019, a tradução de *In the Ditch* (No fundo do poço), feita pela tradutora Júlia Dantas. *The Bride Price* (O preço da noiva) foi o quarto livro da autora a ser traduzido no Brasil, em 2020, publicado pela mesma editora, e traduzido por Júlia Dantas.

2.4.1 “Feminista com ‘f’ minúsculo”

Segundo Spencer-Walters (1996), a originalidade do romance africano está diretamente ligada à literatura oral. Buchi Emecheta conviveu desde cedo com a arte da contação de histórias. Adorava ouvi-las dos mais velhos, tanto em Lagos, quanto em Ibuza. Aprendeu a contar histórias na infância, principalmente, com sua avó paterna e sua tia. Estava sempre próxima a tias, mães e avós, transmissoras de memórias ancestrais.

Enquanto escritora, via-se como uma contadora de histórias, e via o *storytelling* como uma forma de empoderamento feminino. Tudo que ela sempre quis foi poder escrever à mesa da cozinha, ou em qualquer outro cômodo de sua casa, enquanto suas crianças brincavam por perto. Queria contar histórias sem precisar sair de casa, como sua tia Nwakwaluzo, irmã de seu pai, a quem chamava de *Big Mother*. Segundo Emecheta, o que as diferenciava eram as ferramentas das quais dispunham: sua tia não precisava de

³⁰ Sometimes it is very good to meet people like Carole. Miss Humble and Sylvester. Such people were particularly good for me and my *Chi*, because one way to set my mind on achieving something was for another person to tell me that I could not do it. I would then put all my thoughts into it, I would pray for it and go out for it, in search of the miracle

eletricidade, máquina de datilografar e, muito menos, da língua do colonizador. Entoava histórias para quem estivesse reunido à sua volta, sob a luz do luar, recostada numa árvore de *ukwa*, fruta pão.

Desde os seus primeiros trabalhos, Emecheta abraçou a oportunidade de revelar a cultura e recontar as vivências da mulher nigeriana, a partir do olhar da mulher nigeriana. Seu primeiro romance, *The Bride Price* (O Preço da Noiva), de acordo com Arndt (1996) é a adaptação de uma história da tradição oral igbo.

Através de suas narrativas, conectava-se com a sua ancestralidade e discutia os enfrentamentos reservados às mulheres de seu tempo. Ezeibo (1996) observa que, ao escrever sobre a realidade das mulheres no passado, Emecheta também mostra como a experiência da mulher africana contemporânea deveria ser, desconstruindo mitos acerca do contentamento das mulheres em relação às suas realidades, diante da opressão masculina, numa sociedade patriarcal.

Ezeibo (1996) também reivindica que há uma dualidade perene na obra de Emecheta. Seu texto manifesta a sua relação com suas raízes, sua história, a história da mulher nigeriana, e sua cultura. Contudo, enaltece tudo aquilo que lhe nutre culturalmente, ao passo que revela os mecanismos de opressão, os aspectos nocivos que perduram, tanto na tradição quanto na contemporaneidade.

A escrita de Emecheta, argumenta Fishburn (1995), ainda que mediada por uma prática feminista, que exalta a independência das mulheres, não afronta as tradições patriarcais nigerianas. Maneja os dilemas enfrentados por suas heroínas, para desafiar as construções de gênero, elaboradas no esboço, e sob a interferência, de um corpo social que impõe a sua visão da realidade. Portanto, em suas histórias, cabe às suas personagens lidar com o desafio de talhar a própria sorte, diante do impasse entre enfrentar tais imposições ou viver conforme as expectativas sociais.

Ao propor reflexões sobre a cultura nigeriana, a autora encarrega-se de contemplar e exaltar a solidariedade entre mulheres, reafirmar os conceitos africanos de comunidade e zelar pela transmissão dos valores fundamentais, caros à filosofia igbo. Nesse sentido, Fishburn (1995), aborda a relação de interdependência entre indivíduos e a relação entre indivíduo e sociedade na cosmologia igbo tradicional, tangíveis no trabalho de Emecheta. Portanto, ao refletir sobre a pluralidade de significados que o texto de Emecheta traz, a autora conclui que, ainda que lapidados com os instrumentos de uma prática consoante com o entendimento da escrita feminista ocidental da época, é

precipitado julgar os romances de Emecheta como críticas ao sexismo, enquanto fenômeno mundial.

Inspirada por Flora Nwapa (1931-1993), precursora de uma tradição de escritoras africanas com obra publicada em língua inglesa, e internacionalmente reconhecidas, Buchi Emecheta foi uma das primeiras escritoras proeminentes da Nigéria, considerada a romancista africana mais profícua de sua geração. Sua trajetória redirecionou os rumos da literatura feminina africana, pavimentou novas vias para que as gerações seguintes de escritoras nigerianas, influenciadas por sua obra, avançassem. Seu legado reside em ter amplificado o panorama do romance africano. Pois, ao apresentá-lo sob uma ótica feminina, trazendo vozes femininas para o cenário da literatura, como aponta Ezeibo (1996), desafiou representações errôneas, até então recorrentes na literatura, numa esfera de textos com os quais as histórias são contadas por homens, em favor do discurso patriarcal hegemônico. Em entrevista de 1994, Emecheta exprimiu:

Além de contar histórias, não tenho uma missão específica. Gosto de contar ao mundo a nossa parte da história usando as vozes das mulheres. As mulheres da nossa região são muito silenciadas. Mesmo entre os escritores, você notará que existe um preconceito em relação aos escritores do sexo masculino. Por exemplo, produzi mais livros do que a maioria dos escritores homens. Mas você ouve mais sobre os escritores homens. A minha esperança é que, no futuro, as pessoas comecem a ler mais livros de escritoras e percebam que as mulheres africanas têm voz.³¹ (EMECHETA, 1996. In: UMEH (ed.), p. 449. Trad. nossa).

Sua escrita dá vida a personagens fortes que se negam a aceitar a sina que lhes é imposta. Vão de encontro à manutenção da condição da mulher na sociedade nigeriana e à subjugação feminina. Questionam seus papéis preestabelecidos, tudo aquilo que delas é esperado como mulher, mãe e esposa. Para isso, trilham um caminho de transformação.

São mulheres tenazes que estabelecem novas responsabilidades para consigo em direção ao “eu”, transcendem. Recusam as representações de vitimismo ou fragilidade. Buscam independência, libertação pessoal, reconhecimento e valorização de si, enquanto indivíduos. Lutam pela liberdade de assumir as próprias escolhas e de ter domínio sobre a própria vida. Desta forma, promovem a reformulação de conceitos romantizados e a subversão das desigualdades nas relações de gênero na sociedade igbo. E, ainda que sob

³¹ Apart from telling stories, I don't have a particular mission. I like to tell the world our part of the story while using the voices of women. Women in our area are silenced a lot. Even amongst writers, you will notice that there is a bias towards male writers. For instance, I have produced more books than most male writers. But you hear more about the male writers. My hope is that in the future, people will start reading more books by female writers and realize that African women do have voices.

circunstâncias variadas, ambientadas em diferentes épocas, seja antes, durante ou após o regime colonial, esse é o elo que une as heroínas de Buchi Emecheta, através do tempo, na história, é o que engendra o tecido ficcional de sua obra.

Com o distanciamento cronológico do período colonial, a partir do processo de descolonização da África e do momento de independência dos países colonizados pelo império britânico, é natural que a literatura das gerações seguintes tenha se expandido, assumindo novos contornos, cada vez mais amplos, e dando espaço a uma pluralidade de temas para além dos discursos nacionalistas, pautados na dicotomia entre colônia e metrópole, versados no cerne dos movimentos por emancipação.

Bill Ashcroft, Gareth Griffins e Helen Tiffin (2002) apontam a existência de um paralelo constante e interseções entre as demandas da teoria feminista e a teoria pós-colonial, já que, em muitas sociedades, mulheres são marginalizadas como sendo o “Outro” e, em um sentido metafórico, “colonizadas”. Estes autores observam que as consonâncias entre tais discursos são cruciais, por exemplo, no trabalho de escritoras como Buchi Emecheta.

Emecheta começou a escrever nos anos 60. Suas primeiras publicações são da década de 70 do século passado, em meio aos movimentos anti-imperialistas, por descolonização e anticolonialismo em África, e logo após a independência da Nigéria. Fez parte da segunda geração de escritores nigerianos. Seus primeiros trabalhos foram produzidos numa época em que, até então, conforme Bohemer (2005), as produções de escritoras coloniais e pós-coloniais não eram valorizadas pela crítica especializada. As narrativas nacionalistas, após os movimentos por independência, eram centradas em figuras masculinas, enquanto mulheres eram colocadas à margem.

Fishburn (1995), chama a atenção para o fato de que, ao lado de outras escritoras do século XX, como parte de seu protesto social mais amplo, Emecheta empenhou-se em questionar a construção de gênero, para desnaturalizar as narrativas que definiram e oprimiram as mulheres. De fato, inspiradas por movimentos de mulheres nos Estados Unidos e no Reino Unido, e reconhecendo as semelhanças que lhes uniam ao discurso feminista ocidental, as escritoras pós-coloniais apropriaram-se de uma narrativa de busca por um espaço de autonomia e libertação.

Entretanto, entenderam que, apesar de uma experiência comum de subjugação, outras forças também confrontavam o empoderamento e a autorrealização da mulher africana. Era preciso lançar mão de uma escrita que desse conta de sua luta, que seguiu para além do prisma de gênero. Através do poder da literatura, manifestaram, então, uma

dinâmica própria, rejeitando estereótipos, num exercício de construção e expressão da própria identidade, no sentido de elucidar a identidade da mulher africana e validar suas formas de autoexpressão.

Como mostra Nadaswadan (2012), a crítica propõe que a relevância de Emecheta nos oferece a oportunidade de analisar um possível tipo específico de feminismo, um “feminismo africano”, chamado de “mulherismo” (“*womanism*”), que abarca um discurso elaborado sob a perspectiva de gênero, mas, adequado à experiência histórica, culturalmente vivenciada pela mulher africana. Nadaswadan (2012), reconhece que é preciso tempo para esclarecer tais ideologias e teorias em evolução dentro da luta feminina africana.

Em congruência com seu tempo, mesmo que exercendo o feminismo como parte de si, Buchi Emecheta não queria ser chamada de feminista, pois não se considerava como tal. Como pontua Umeh (1996), dizia-se “feminista com ‘f’ minúsculo” porque, segundo a própria escritora em entrevista, ao escrever, narrava pequenos acontecimentos na vida de mulheres igbo. Sua escrita versa sobre os problemas de uma dada sociedade, sempre sob a perspectiva feminina. Articula, desta forma, o feminismo com preocupações africanas. Emecheta promovia um feminismo mediado pelos valores e anseios da mulher nigeriana, o que nem sempre coincidia com o discurso feminista no Reino Unido e nos EUA na época. Entendia que à mulher africana cabia um espaço distinto daqueles já ocupados.

Entretanto, Sizemore (1996) observa uma mudança de perspectiva no que diz respeito ao entendimento de Emecheta sobre o feminismo. Reporta que, apesar de ter sido cautelosa em relação ao termo “feminista”, afirmando que seus romances não eram feministas, mas parte do *corpus* da literatura africana, a romancista, posteriormente, defendeu o feminismo como parte de uma concepção literária particular.

Contudo, logo após o divórcio, a vida de Buchi Emecheta na Inglaterra mostrava-se mais difícil, bem diferente daquela imagem que parecia cristalizada em sua mente, cujo vislumbre, seu pai, um dia, consagrou como a Terra Prometida. Estava longe de sua comunidade natal e alheia ao círculo de nigerianos na Inglaterra, por conta de sua separação. Figurava como um ponto de congruência à margem, sozinha para lidar com a rudeza de diferentes vertentes do preconceito, numa terra cinzenta e distante. Todavia, Fishburn (1995) acredita que essa marginalidade serviu a Emecheta como artista.

Portanto, muito de seu trabalho aborda temas que lhe são bastante próximos, baseados, muitas vezes, em experiências pessoais. O passado, a tradição, a infância vivida

na África, o papel da mulher na sociedade nigeriana, o preconceito racial e o caminho trilhado numa terra estrangeira são temas recorrentes em sua obra.

A aparente convencionalidade ou simplicidade de seus enredos, portanto, não deve nos cegar para o fato de que seu trabalho celebra uma pluralidade de protestos. Nem devemos ser enganados pela objetividade que ela é capaz de trazer para sua escrita como uma socióloga treinada. Ela pode nos dar um relato factualmente preciso de como é ser uma mulher africana, mas por ter sofrido ela mesma, obviamente, tem um interesse psicológico no destino de suas heroínas. Ela é, em resumo, claramente, uma escritora política. Sua política, é claro, é o que a torna tão atraente para os leitores ocidentais. Mas, ironicamente, a política de sua escrita é o que mais pode nos confundir. (FISHBURN, 1995, p. 52. Tradução nossa.)³²

A literatura pós-colonial de Buchi Emecheta foi concebida em memórias que se fundem num *continuum*, ao longo da história, onde a experiência feminina foi poetizada em um lugar de protagonismo. Como coloca Ezeibo (1996), em sua escrita, Emecheta não apenas explora o impacto negativo da cultura tradicional e o efeito da imposição do colonialismo às mulheres, mas também mostra como essas mulheres reagem e lutam contra o sexismo e o racismo, trazendo a perspectiva feminina como nunca antes na história do romance africano.

Emecheta encontrou em sua experiência de vida, sua cultura e sua ancestralidade, o molde necessário para esboçar seus trabalhos. Embora tenha escrito apenas uma autobiografia, seguramente, em sua narrativa, os caminhos de suas personagens cruzam os seus. Ao sabermos um pouco da trajetória de Buchi Emecheta, torna-se improvável não a reconhecer em suas heroínas. A leitura de suas histórias, aqui e ali, traz sons, paisagens, lutas, vivências e atitudes que se fundem e nos remetem ao universo e à figura de coragem da escritora.

Viver inteiramente da escrita é uma existência precária e o dinheiro é sempre curto, mas com uma gestão e planejamento cuidadosos descobri que poderia manter a minha cabeça e a da minha família, através da graça de Deus, acima da água.³³ (EMECHETA, 1986, p. 229. Trad. nossa).

³² The apparent conventionality or simplicity of her plots, therefore, should not blind us to the fact that her work celebrates a plurality of protest. Nor should we be misled by the objectivity she is capable of bringing to her writing as a trained sociologist. She may give us a factually accurate account of what it is like to be an African woman, but having suffered herself, she obviously has a psychological stake in the fates of her heroines. She is, in short, clearly a political writer. Her politics, of course, are what make her so appealing to Western readers. But ironically enough, the politics of her writing are what can most confuse us.

³³ Living entirely off writing is a precarious existence and money is always short, but with careful management, and planning I found I could keep my head and those of my family, through God's grace, above water.

Ler as histórias de personagens como *Kehinde*, entre tantas outras é, de certa forma, ler a história de Buchi Emecheta. É, indubitavelmente, ler a história da mulher nigeriana que, assim como tantas outras, carrega a experiência do colonialismo. Mais do que isso, os textos de Emecheta são relatos de vidas de mulheres. E, através de uma literatura que, por fim, dribla os limites fronteiriços de sua terra de origem, trazem, segundo Umeh (1996), transformação social.

2.4.2 *Kehinde*

Ao iniciar sua autobiografia, Emecheta explica que se concentrará nos pequenos acontecimentos que a formaram como escritora, pois, os episódios os quais havia vivido intensamente estão em muitos de seus livros. Seus primeiros romances deram conta dos seus primeiros vinte anos de vida. E durante a segunda metade de sua produção, aos quarenta e poucos anos, dedicou-se ao período em que encontrou, na Inglaterra, o seu lar.

Quando começou, de fato, sua carreira como escritora, após o divórcio, como conta Fishburn (1995), Buchi Emecheta buscou em sua vida no Reino Unido e seu casamento frustrado, elementos basilares para sua escrita. Estava sozinha, numa sociedade multicultural e longe de “casa”, após ter deixado a Nigéria para construir uma nova vida. Por conta de seu divórcio, vivia afastada de sua comunidade em Londres, daqueles que, assim como ela, eram expatriados nigerianos. Contudo, a vida na diáspora surpreendeu-lhe com aspereza: Emecheta não imaginava deparar-se com o racismo generalizado, enfrentado por ela e sua família num ambiente pós-colonial.

Kehinde, que nas palavras de Christensen (1994), corrobora o *status* de Buchi Emecheta como uma das principais artistas criativas da África, foi um dos últimos romances escritos pela autora. Publicado em 1994, o texto esmiúça diferenças socioculturais entre a sociedade inglesa e a sociedade nigeriana colonial, na segunda metade do século XX, e traz personagens que, em meio a uma série de conflitos, vividos por aqueles que se encontram numa posição de entrelugar, entre mundos distintos, a todo momento, promovem um exercício de autodefinição identitária, em busca da sensação de pertencimento, o que, inevitavelmente, conforme Harris (2018), conferiu novas acepções à caracterização de “lar”. Desta forma, trouxe à tona, a sua problematização como um conceito estanque, referente a um espaço específico e associado à mulher.

A partir do olhar da personagem-título, a prosa de Emecheta testemunha a invisibilidade de sujeitos diaspóricos, colocados à margem pelo racismo sofrido na sociedade londrina, e, principalmente, percorre, e toma como cerne, os diversos dilemas e embates enfrentados por mulheres africanas que se veem marginalizadas em duas culturas.

Com o passar dos capítulos, a autora deixa claro que as vivências de Kehinde espelham a sua própria vida. As linhas ficcionais do romance apresentam uma heroína que, como Emecheta, negocia entre dois territórios distintos. Enquanto isso, vivencia um processo de metamorfose, através de uma nova percepção de si, para além daquela que lhe fora imposta, das funções para as quais estaria predestinada e das expectativas concebidas no *status quo* de gênero de uma sociedade patriarcal.

Gündüz (2014) argumenta que Kehinde, como mulher negra e nigeriana, experiencia uma dupla colonização: a opressão do colonialismo e do patriarcado. Emecheta escreve, nesse sentido, para diluir os preconceitos e a disparidade de direitos, validada por uma premissa de gênero, como uma via para a emancipação feminina. Reverbera a jornada de autoidentificação de uma personagem que, entre tradições igbo e valores ocidentais, mediante uma prática constante de autoconhecimento e reflexão, busca para si, um lugar que acolha sua identidade plena.

A trama desenrola-se de forma não-linear, através de uma narrativa manifestada em inglês *standard*, idioma oficial da Nigéria e quarto idioma da autora. Ele ressoa um emaranhado psicológico de pensamentos, lembranças e visões que acompanham a personagem principal durante sua trajetória em busca de libertação. Todavia, é a partir dos diálogos entre os diferentes personagens que se celebra a riqueza cultural e linguística nos diversos falares, através dos quais se revela uma língua desconstruída, permeada pelos ideais pós-coloniais, que desafiam o cânone ocidental e toda a carga de valores que o padrão de prestígio impõe.

A escrita de Emecheta, mais uma vez, mostra-se atemporal e vale-se do recurso da “oralidade” para trazer uma história grifada pelo hibridismo cultural. Revela referências da etnia igbo, através de seus hábitos, questionamentos, crenças e linguajares. Descreve de maneira quase didática os elementos de sua cultura de origem e mescla suas raízes culturais com a experiência de uma vida numa terra distante daquela que parecia ser sua zona de conforto.

Por muito tempo, Kehinde insiste em reconhecer a Nigéria como “lar”, como aponta Harris (2018), um local de afeto, onde nasceu e recebeu toda a base de sua

formação, um lugar que lhe remete a acolhimento, ao ambiente dos laços afetivos que se delineiam, principalmente, em figuras femininas, como sua irmã, Ifeyinwa, ou a lembrança de sua tia Nnebogo que, de algum modo, personificam a mãe África.

Entretanto, quando deixou a Nigéria, tinha o intuito de formar a sua família, um novo espaço de afeto. E, com o passar dos anos, acreditava ter cumprido o seu propósito. Era a existência deles que, para Kehinde, afigurava um “lar”. Não conseguiria enxergá-lo ali, se não fosse pela família que construiu.

De acordo com Nadaswaran (2012), em uma entrevista, Emecheta afirma que *Kehinde* exprime como as mulheres nigerianas enfrentaram as mudanças entre sistemas culturais diversos e sobreviveram, assim como seus ancestrais sobreviveram à escravidão. Contudo, ao abordar questões de gênero, a narrativa não toma como referência as vivências da personagem principal apenas, parte de múltiplas histórias de mulheres nas duas culturas em questão. E, mostra, portanto, como essas mulheres caminham um percurso de autoafirmação como indivíduo, ao passo que se fortalecem através de uma rede de solidariedade e apoio.

A escrita de Emecheta realça o fato de que as mulheres nigerianas forjam um espaço generoso, ao lidarem com suas preocupações, frente às adversidades que as desafiam em suas vivências. Kehinde, durante sua caminhada, exerce uma forte conexão com outras mulheres. Juntas, constroem zonas de amparo, com o propósito de resistir aos obstáculos que se veem obrigadas a encarar, como mulheres, em um ambiente regulado por homens.

No romance, a autora conta a história da personagem-título, Kehinde, uma mulher nigeriana que mora há 18 anos em Londres com seu marido, Albert Okolo, e seus dois filhos, Joshua, um menino de quatorze anos, e Bimpe, uma menina de onze. Gündüz (2014) observa que o casal chegou à Inglaterra numa época em que era mais fácil para imigrantes conseguirem emprego. Assim sendo, a construção inicial da trama dá conta de apresentar um ambiente de conforto e tranquilidade onde vivem os Okolo.

Aparentemente, estão bem acomodados no estilo de vida londrino e experienciam um modelo de matrimônio em que a mulher tem mais liberdade do que naquele padrão vivido pelas mulheres igbo, na região do Delta do Níger. Sabem que, assim como seus compatriotas exilados, longe de casa, ambos compartilham os mesmos direitos e obrigações da vida doméstica, enquanto um casal. Principalmente, pelo fato de que, ao contrário do que se espera de uma esposa igbo, Kehinde, por já ter trabalhado num banco na Nigéria, consegue a oportunidade de ocupar um cargo num banco na Inglaterra,

posição que lhe proporcionou um salário consideravelmente maior do que o de seu marido, que trabalha como gerente numa loja.

Nesse contexto, Kehinde personifica uma mulher moderna e independente, mas que reconhece seu marido como o chefe da casa, enquanto Albert, envolto em melindres e frustrações, demonstra uma certa dubiedade de comportamento, de acordo com sua conveniência: Usufrui das comodidades da modernidade ocidental, vivida em Londres, e dos valores da tradição Igbo, aprendidos na Nigéria. Assim, fica claro que o casal logo compreendeu que, para fazer a vida dar certo nos limites do espaço diaspórico, era preciso adaptar-se a novas regras, articular posturas e ajustar condescendências.

A narrativa começa num clima de suspense: A família está reunida, durante o jantar, quando Albert demonstra que recebera uma carta de suas irmãs na Nigéria. Neste momento, o desconforto toma conta de Kehinde, diante do impasse trazido pelas notícias. Pois, ela sabia que as cunhadas queriam que o irmão voltasse para casa. Sabia também que, ainda que já estivessem construindo uma vida em Londres há quase duas décadas, essa também era a vontade de Albert. Queria voltar para sua terra natal, esbanjar seu novo estilo de vida e recuperar plenamente os privilégios assegurados por seu *status* de chefe de família, o dono da casa. Queria exercer o poder masculino, forjado sob a ótica dos valores e códigos patriarcais da tradição nigeriana Igbo.

Emecheta, muitas vezes, relutou em sentir-se parte do movimento feminista ocidental. Entretanto, posicionou-se como difusora do feminismo africano. Kehinde, como uma de suas heroínas, no correr de sua escrita, desvenda-se uma feminista africana. Pois, já não consegue mais se enquadrar nos padrões comportamentais tradicionais, não aceita os modelos ideais que dela são esperados, como mulher, na sociedade igbo. Sente-se estranha aos preceitos da estrutura patriarcal de sua comunidade, num constante jogo de lembrança e esquecimento, de como se colocar nas relações tradicionais de gênero, no ambiente cultural onde nasceu.

O embate entre culturas faz-se onipresente no romance de Emecheta. Já no primeiro capítulo, ainda na mesa do jantar, afloram as vozes híbridas, porém, de fato, ocidentalizadas, de Joshua e Bimpe, que nasceram na Inglaterra e vivem lá desde então, são ingleses. Reivindicam alguma importância, em meio à discussão dos pais sobre uma possível mudança para a Nigéria, abrindo espaço para vir à tona o hiato cultural que, escancarado pelos falares, entrecorta a família Okolo. Quando o filho adolescente diz à caçula “Vamos dar o fora daqui. Toda vez que eles falam a língua deles, é porque não

querem a gente por perto.” (p.3. Trad. nossa.)³⁴, Kehinde lança um olhar generoso sobre a busca do filho pela afirmação de sua identidade, entretanto, retruca seus maus modos dizendo “Quem tem culpa, se você não fala a sua língua materna, já que você se recusa a aprender?”. (p.3. Trad. nossa.)³⁵ Prontamente, Joshua responde “Você quer dizer a *sua* língua materna. A minha é inglês. Lembra que você disse que, quando eu nasci, a primeira coisa que você falou foi ‘*Hello Joshua!*’ Então, eu falo a primeira língua que eu ouvi.” (p.3. Tradução nossa.)³⁶.

Kehinde, ao lidar com a sua própria desordem emocional, desenvolve um diálogo interno que se estabelece ao longo do romance, inspira e dá forma à narrativa, através de interlocuções com o espírito de sua irmã gêmea, Taiwo, seu *chi*. Essa é a textura do seu vínculo com a cultura igbo, suas origens e sua ancestralidade, a sabedoria, a voz da consciência, seu espírito, de onde resgata a potência da mulher africana.

Os nomes *Kehinde* e *Taiwo* são populares entre gêmeos na Nigéria. *Kehinde* é um nome próprio de origem iorubá, feminino ou masculino, que significa "o segundo filho dos gêmeos" ou “aquele que vem depois de *Taiwo*”. Embora *Taiwo* seja o primogênito, acredita-se que *Kehinde* seja o gêmeo mais velho. *Taiwo* é também um nome de origem iorubá que significa "o primeiro gêmeo a provar o mundo" ou “aquele que vem antes de *Kehinde*”.

Durante o nascimento das gêmeas, Taiwo nasce sem vida e a mãe não resiste ao parto. Por isso, como, na cultura igbo, a morte de um gêmeo é considerada um sinal de azar, Kehinde, por ter sobrevivido, foi considerada símbolo de mau agouro e enviada para morar com sua tia Nnebogo, que não teve filhos e decidiu cria-la, sozinha, como sua filha, em Lagos, uma comunidade iorubá, onde os gêmeos são considerados transmissores de boa sorte.

Em Lagos, Kehinde recebeu um nome cristão, Jacobina, em homenagem a Jacó, irmão gêmeo Esaú. Segundo Cox (2010), Emecheta utiliza a alegoria de Jacó e Esaú demonstrando que Kehinde é o gêmeo talentoso que consegue superar as adversidades e herda as bênçãos de prosperidade, apesar de ter nascido do mesmo ventre.

Portanto, Kehinde teve o nome de nascença, conforme pontua Harris (2018), a primeira marca identitária de todo indivíduo, trocado por outro. E, sendo assim, desde o

³⁴ Let’s get out of here. Whenever they speak their language, it means they don’t want us around

³⁵ Whose fault is it that you don’t speak your mother tongue when you refuse to learn?

³⁶ You mean your mother tongue. Mine is English. Remember you said that when I was born, the first thing you said to me was, “Hello Joshua!” So I speak the first language I heard.

nascimento, sua vida é marcada por deslocamentos e rupturas. A troca de seu nome, de um nome tradicional de sua cultura primeira para um nome católico, simboliza o processo diaspórico, transcultural, vivenciado pela protagonista. No nome está inscrita a questão do pós-colonialismo, enquanto um processo de luta contra as violências colonialistas de várias ordens.

Após a perda da mãe biológica e da irmã gêmea, ela é afastada da vida familiar em Ibusa. E, distante, perde o contato com a família por anos. Viveu um longo período desconhecendo os fatos que circundaram sua origem. Até que, aos onze anos, descobre as reais condições de seu nascimento e volta para a sua família em Socoto, no norte da Nigéria. Em seguida, porém, ela é enviada a um internato católico. Anos depois, ao concluir seus estudos, aos 18 anos, deixa a Nigéria e vai para Londres para casar e começar uma nova vida com Albert.

Diante da notícia da carta, Kehinde sente-se resistente, pois, percebe que não gostaria de ir embora, afinal, está adaptada à vida que pode conquistar, sendo mulher, em Londres, e por saber que não terá as mesmas oportunidades em Lagos. Acredita que voltar para a Nigéria significa deixar também a certa independência da qual parece desfrutar na capital inglesa. Além disso, e principalmente, por ter descoberto que está grávida. No entanto, Albert está decidido a não permitir que estraguem seus planos. Alega que precisa voltar por conta do *boom* de petróleo na Nigéria, o que insere, inclusive, o início da narrativa neste momento da história, coloca para o leitor, o tempo, na década de 1970.

A terceira gravidez de Kehinde torna-se um empecilho para a viagem deles. Contudo, Albert havia feito sua escolha de viver uma nova vida na Nigéria. Ressentia a aura de autonomia e modernidade da qual Kehinde desfrutava na sociedade inglesa. Queria sentir-se importante novamente, como um homem africano na sociedade africana, reerguer o seu orgulho ferido.

Entretanto, a notícia da gravidez estragou tudo. Uma sirene da polícia entrecortou seus pensamentos e o fez questionar-se se era correto avançar numa tamanha velocidade. Poderiam acabar matando alguém inocente. Revirou-se de um lado para o outro pensando nisso. (EMECHETA, 1994, p.7. Tradução nossa.)³⁷

³⁷ But the news of pregnancy had spoilt all that. A police siren tore into his thoughts, and set him wondering whether it was right to drive at such high speed. They could end up killing an innocent somebody. He turned this way and that way, wondering about it.

Para Albert, de acordo com a lógica tradicional, o dever de sua esposa é segui-lo. Então, ainda que indo de encontro aos seus princípios cristãos, pois, assim como Kehinde, tivera uma formação católica, e mesmo contrariando, também, os costumes e crenças da comunidade igbo, obriga-a a fazer escolhas dolorosas, sem considerar a sua opinião a respeito. Albert insiste para que ela faça um aborto. E assim, como se espera de uma boa mulher nigeriana, Kehinde acata a decisão de seu marido de voltar “para casa”, mesmo que prefira ficar em Londres, onde já vive há quase duas décadas. Nos momentos seguintes, dado aos últimos acontecimentos, Kehinde perdura num estado de angústia constante. Sente-se confusa e questiona seus próprios desejos, sob a interferência da voz de Taiwo, que a aconselha a não seguir em frente com a decisão do marido.

O aborto perturba definitivamente uma possível conexão entre as expectativas do casal. Daí por diante, o distanciamento de suas visões e comportamentos sublinha o principal conflito que delinea a história dos personagens na trama: São sujeitos híbridos, que coexistem num entrelugar, um universo de interseção, inevitável a todos aqueles que se vivem dispersos, em diáspora, numa posição de movimento, e passíveis de transformação, num novo território, para além dos limites dos caminhos já trilhados. Por isso, lidam com um misto de apegos aos valores que trouxeram, até então, e o despertar para a aquisição de novas concepções, que parecem, no momento, fazer sentido.

Albert vai para a Nigéria com os dois filhos e Kehinde permanece em Londres sob o pretexto de vender a casa deles. Após um período de, aproximadamente, dois anos, Kehinde deixa de receber notícias da família e, sentindo-se solitária, resolve viajar para encontrá-los. Assim, prova que não pode tolerar um marido indiferente, nem a possibilidade de dividir a casa com outras mulheres.

Ao chegar em Lagos, encontrou uma paisagem muito diferente daquela que havia guardado em sua memória. A transformação com a qual o petróleo presenteou a cidade, causou-lhe espanto. Todavia, não lhe impressionou tanto quanto a figura de Albert, que a aguardava no aeroporto. Sentiu-se atraída por aquele homem, reluzindo confiança. Parecia muito pouco com o Albert desbotado com quem viveu na capital inglesa por tanto tempo.

Ele parecia mais imponente do que o Albert de Londres, em um *agbada* de renda branca esvoaçante e uma touca combinando. Sua pele estava mais escura e brilhante, e ele exalava uma nova confiança. As mulheres sabiam que o país

fazia isso com seus homens. Não havia dúvida, Albert estava completamente em casa. (EMECHETA, p.66. Tradução nossa.)³⁸

Ao chegarem na casa da família de Albert, Kehinde deparou-se com a realidade, o saldo dos dois anos anteriores, durante os quais fez sacrifícios, sentindo-se solitária, incompleta: Não estava mais em casa. No decorrer do período em que ficou em Londres, enquanto o marido deveria buscar um emprego e uma nova residência para eles em Lagos, Albert realizou o seu desejo de casar-se novamente. Ele, claramente, readaptou-se à vida igbo, de privilégios patriarcais, dos quais não dispunha no Reino Unido. Kehinde encontrou seu marido casado com Rike, sua segunda esposa, uma professora universitária, *Phd*, jovem, bem mais nova do que ela. Rike e Albert já tinham um filho e esperavam o segundo.

(...) Kehinde estava saindo do carro quando sua atenção foi desviada para a porta principal da casa. Ficou pasma com o que via à sua frente. Uma mulher grávida, muito bonita, sofisticada e jovem, carregando um bebê no quadril esquerdo, parada na porta, vestindo o mesmo tecido de renda branca de Albert. Seu cabelo, puxado para trás e trançado na última tendência de cesto invertido, fazia seu rosto parecer mais estreito, de modo que sua barriga inchada era como um distintivo de feminilidade em contraste com sua magreza. Ela examinou Kehinde com insolência, sorrindo de forma suave e sem entusiasmo. Ela não tentou vir e ajudar a descarregar as malas. Kehinde assimilou tudo, como um filme em câmera lenta. (EMECHETA, 1994, p.68. Tradução nossa.)³⁹

Ao voltar para a Nigéria, Kehinde sente-se arremessada numa realidade na qual não se reconhece: Passa a ser “a esposa sênior de um homem nigeriano de sucesso” (p. 73. Trad. nossa.)⁴⁰, a quem não pode mais chamar pelo nome, deve referir-se a ele como “nosso” marido ou pai de Joshua. Não conversa mais com Albert. Vê-se obrigada a pagar uma multa às cunhadas, tutoras da moral e dos bons costumes igbo, por recusar-se a ajoelhar para pegar o dinheiro da manutenção da casa, dado pelo marido, pela primeira vez, após 17 anos.

³⁸ He looked more imposing than the London Albert, in flowing white lace agbada and matching skull cap. His skin was darker and glossier, and he exuded a new confidence. Women knew the country did this to their men. There was no doubt about it, Albert was thoroughly at home.

³⁹ Kehinde was manoeuvring herself out of the car when her attention was diverted to the main door of the house. She was dumbstruck at the sight in front of her. A very beautiful, sophisticated, young, pregnant woman, with a baby on her left hip, stood in the doorway, wearing the same white lace material as Albert. Her hair, drawn back and plaited in the latest upside-down-basket style, made her face look narrower, so that her swollen belly was like a badge of womanhood in contrast to her leanness. She scrutinised Kehinde insolently, smiling in a mild and unenthusiastic way. She did not attempt to come and help with the unpacking. Kehinde took it all in, like a film in slow motion.

⁴⁰ You are the senior wife of a successful Nigerian man.

Em meio a tantas surpresas e decepções, para desespero ainda maior de Kehinde, Rike dá à luz a um menino. A protagonista, tem a sua identidade chacoalhada, ao lembrar que, como mãe, não pode garantir a vida do próprio filho. A partir desse trauma, Kehinde dá início a um exercício contínuo de abstração e elaboração do seu próprio eu, sua individualidade íntegra, para além dos seus papéis de mãe e esposa, no sentido de validar-se como mulher.

Finalmente, percebeu que aquele homem, com quem fora casada por tantos anos era, na verdade, apenas a imagem de um vislumbre. Parece que, pela primeira vez, conseguiu enxergar com clareza o lado mais sombrio de Albert, o seu egoísmo e a sua ambição latente, desenvolvidos sob o resguardo da tradição patriarcal.

Por conseguinte, Kehinde recusa a poligamia e o distanciamento de Albert. Entende que merece ser valorizada e não consegue se adequar àquele universo. Então, rejeita a nova vida que lhe é imposta, ousa transgredir os códigos das relações de gênero na estrutura social igbo e parte em uma nova jornada diaspórica para, enfim, encontrar o seu “lar”. Ignora a opinião de Albert, ou de qualquer outra pessoa, e decide deixar a Nigéria, novamente, e voltar para a Inglaterra. Desta vez, um lugar que ela reconhece para onde voltar. Como Christensen (1994) coloca, Kehinde tinha alternativas, entretanto, Londres foi a opção que fez sentido para ela, a sua escolha. Finalmente, sentia-se capaz.

Emecheta, ao longo de sua vida e carreira, tomou como premissa e advogou pela educação como uma ferramenta crucial para o empoderamento feminino. Paradoxalmente, trouxe Rike para o enredo. A segunda esposa de Albert, mesmo carregando atributos socialmente valorizados, sendo jovem e bonita, e tendo um trabalho na universidade, podendo ser independente e responsável por suas escolhas, prefere entregar as rédeas de sua vida a um homem, chefe de família. Vê em Albert a segurança com a qual deve contar em seu destino, prescrito para as mulheres de sua comunidade. Então, aceita um casamento poligâmico, como o único meio de estabilidade e ascensão social, em congruência com o sistema de valores tradicionais de sua cultura, e com o estilo de vida que dela é esperado. Isto porque, de fato, a autora faz questão de trazer para a sua obra uma pluralidade de mulheres que, de alguma forma, subvertem ou reforçam os valores patriarcais. Deste modo, como argumenta Harris (2018), o romance apresenta uma gama diversa de experiências femininas para exemplificar as questões de gênero, tanto no ambiente diaspórico quanto no ambiente pátrio.

No aeroporto, Ifeyinwa, o único parente presente para a despedida, chorava copiosamente, por amor, tentando convencer Kehinde a ficar e adaptar-se, alegando

sentir-se envergonhada pelo ato de rebeldia da irmã mais nova, diante da opinião alheia. No entanto, após ter protestado com veemência, em seguida, revela que gostaria de poder acompanhar Kehinde. A vida de Ify é muito diferente da vida da irmã: rodeada de pobreza, muitos filhos e um marido abusivo e poligâmico. Ao findar suas reclamações, deixa transparecer que representa o papel de irmã mais velha e zela pela tradição para sobreviver, e não sucumbir, frente às suas próprias lutas.

Já cansada, Kehinde tenta explicar sua verdade à irmã. Naquele momento, conseguia perceber nela a saudade e “a alma encurralada no verniz da tradição” (p.105. Tradução nossa.).

(...) Eu nunca vivi numa família poligâmica antes, exceto, quando eu vim lhe visitar, e eu já não tinha contato com você antes de sair da Nigéria. Eu só conheci tia Nnebogo e, depois, o convento. Albert foi criado em uma família poligâmica, assim como você. Eu não quero que a gente volte a falar disso agora. Joshua e Bimpe entendem. Tente ver as coisas com os meus olhos. Eu prometo te ajudar financeiramente, sempre que eu puder. Sem Albert em Londres, eu vou estar livre para decidir o que fazer com o meu dinheiro. (EMECHETA, 1994, p.105. Tradução nossa.).⁴¹

Kehinde foi recebida por uma Londres fria, porém, ensolarada. Enquanto saía do táxi, não encontrou novidades, percebeu que tudo ali parecia intacto. Ao entrar na casa, reconheceu o seu “lar” nas palavras de Taiwo, após doze meses da ausência de seu *chi*: “Lar, doce lar!” (p.108. Trad. nossa) Era o seu íntimo falando mais alto. Afinal, não enxergou, necessariamente, a sua casa, no terreno ou nas paredes a sua volta. Sentiu-se em casa. Ainda assim, Kehinde relutou, tentou enganar-se, dizendo ser a Nigéria, a sua casa. Mas, Taiwo insistiu esclarecendo que nós é que fazemos as nossas próprias escolhas, ao longo da trajetória, e não há porque se envergonhar. Por outro lado, Kehinde alegou, em favor de sua “essência” igbo, que naquele país, somente as pessoas doidas falavam com o seu *chi*.

Sentiu a frieza londrina, pois ainda não havia fechado a porta. Encorajada por Taiwo, saiu e arrancou a placa, colocada na frente de casa, que mal conseguia ficar em pé com a força do vento. “Esta casa não está à venda,” (p.108. Trad. nossa)⁴²

⁴¹ I had never lived in a polygamous family before, except when I came to visit you, and I was already estranged from you before I left Nigeria. I knew only Aunty Nnebogo and then the convent. Albert was raised in a polygamous family and so were you. I don't want us to go through all this again now. Joshua and Bimpe understand. Try to look at things through my eyes. I promise to help you financially whenever I can. Being without Albert in London means I will be free to decide what to do with my money.

⁴² This house is not for sale.

declarou. “Esta casa é minha.” (p.108. Trad. nossa)⁴³. Estava ciente do quanto havia trabalhado para consegui-la.

Em Lagos, Albert conquista novas esposas e tem outros filhos. Em Londres, Kehinde busca educação ocidental e independência financeira, entra para a faculdade e trabalha para sustentar-se como camareira num hotel, até que consegue um emprego em tempo integral, como assistente social. Desta forma, alcança uma percepção de sua individualidade. Livra-se dos fardos sociais prescritos pelas normas de comportamento da sua comunidade de origem. No entanto, não se desvincula da cultura igbo. Preserva sua identidade africana, ao encontrar respaldo na presença de Taiwo, que lhe oferece a coragem para viver sob suas próprias regras.

Assim como as outras protagonistas de Buchi Emecheta, Kehinde manifesta a tenacidade das mulheres nigerianas e reverbera a vida da escritora de maneira quase autobiográfica. O décimo nono capítulo começa com uma carta de Bimpe para a mãe. Na carta, a caçula demonstra surpresa e parabeniza Kehinde que, graças à sua determinação, conseguiu um diploma universitário em pouco mais de três anos. Ao buscar uma educação ocidental e uma certificação acadêmica, Kehinde ecoa a trajetória de Emecheta, assim como uma de suas causas primordiais, a educação como a principal via de acesso à autorrealização da mulher. Fica claro no romance, que a decisão de Kehinde a ajuda a pavimentar um novo caminho de vida para crescer e, consciente de sua subjetividade feminina, manifestar sua real identidade.

Em Londres Kehinde encontra o amor de Gibson, um homem caribenho. Através do romance dos dois, Emecheta mostra a cultura da diáspora africana, que cria um lugar para homens e mulheres de todo o Atlântico. Sizemore (1996) lembra que, deste modo, em *Kehinde*, uma mulher pode encontrar segurança e independência, não apenas em uma rede de amigas, mas na cidade onde escolheu viver.

Tempos depois, quando Joshua volta à Inglaterra, orientado por seu pai e munido de reivindicações, encontra uma mãe mais segura de si e realizada, fazendo questão de deixar claro que ela é a dona da casa, embora possa ser dele algum dia. Kehinde diz ao filho, com convicção, que já havia devotado grande parte de sua vida ao papel de mãe, quando os filhos ainda precisavam dela, mas, agora, estavam crescidos. E, por isso, usou da audácia de uma mulher resoluto, que para por um ponto final no assunto, diz: “Eu não tenho mais energia para carregar os fardos alheios.” (p.139. Trad. nossa.)⁴⁴

⁴³ This house is mine.

⁴⁴ I just don't have the energy to be the carrier of everybody's burdens anymore.

Ao apresentar uma narrativa que seleciona como fio condutor a metamorfose vivida por Kehinde, Emecheta exprime a força e a capacidade de autotransformação da mulher igbo e salienta que, entre oportunidades e contradições, há a possibilidade de um futuro benfazejo para a mulher nigeriana.

Cox (2010) afirma que Kehinde, como outras protagonistas de Emecheta, luta por sua autonomia. Ao revelar seus descontentamentos e enfrentar suas batalhas, abre espaço para a mulher guerreira que carrega em si. De fato, as heroínas de Emecheta pagam um preço por suas escolhas. Mas seus esforços valem a pena. Seus sacrifícios, em algum momento, de alguma forma, são recompensados. Por fim, resgatam o direito de serem elas mesmas e decidirem se serão mães ou filhas, se viverão sob os valores da cultura original ou da cultura ocidental, ou se definirão sua própria identidade, a partir do melhor de cada.

Kehinde, assim como Emecheta, entregou-se à possibilidade de uma nova vida na diáspora. Confiou que ali seria possível encontrar o seu lugar de fala e findar sua busca por um local para onde voltar. Segundo Sizemore (1996), tornaram-se imigrantes, verdadeiras londrinas, feministas, habitantes de uma cidade cosmopolita. E são os acontecimentos, entre os altos e baixos, de suas vidas cotidianas, que conduzem o novo romance urbano.

O livro termina quando, após uma discussão com o filho, Kehinde serve-se de uma xícara de chá. Bebe toda a doçura daquela infusão como se o prazer fosse possível. Saboreia o aconchego na boca e sente-se completamente aquecida. Está satisfeita em ser responsável pela própria vida, como mulher, africana, e onde escolheu estar: Tem sua própria casa, um diploma, um novo trabalho, um maior círculo de amigas e um novo relacionamento. “Reivindicar o meu direito não me torna menos mãe, nem menos mulher. No máximo, me torna mais humana”, (p.141. Trad. nossa.)⁴⁵ murmura a Taiwo, e declara: “Agora, somos uma.” (p.141. Trad. nossa.)⁴⁶ Está inteira. E esta é a sua história de libertação.

⁴⁵ Claiming my right does not make me less of a mother, not less of a woman. If anything, it makes me more human.

⁴⁶ Now we are one.

3 O PROJETO DE TRADUÇÃO EM PRÁTICA

Uma tradução sempre toma outro texto como ponto de partida. Portanto, há uma relação inegável entre os textos, fonte e meta. Todavia, Toury (1995) aponta que a literatura figura primordialmente como uma instituição cultural e afirma que, raramente, duas culturas distintas concordarão plenamente. Sendo assim, como o próprio teórico observa mais adiante, em traduções ocorrem formas linguísticas que dificilmente calham em enunciados na língua-alvo. Isto porque, de acordo com Toury (1995), traduções são expressões intencionais e não encontram correspondências diretas de desempenho na língua-alvo. Ou seja, não há a possibilidade de homofonia perfeita entre o texto de partida e a tradução, assim como não há “leitor ideal.”

Por conseguinte, segundo Tymoczko (1999), o tradutor divide o escopo de seu ofício com o escritor pós-colonial, onde um tem um texto, porém, o outro tem o metatexto da própria cultura. Em sua prática, um tradutor tem diante de si um texto com elementos culturais e linguísticos que lhe são dados e que, normalmente, carregam fatores particularmente problemáticos para o público receptor. O fazer tradutório não se resume a uma prática automática. Traduções demandam a tarefa de reconstrução de um texto. Octávio Paz (2009) observa que o texto de partida não ressurgem por completo na língua-alvo, mas está sempre presente, ainda que nas entrelinhas. Para o teórico, uma tradução, na verdade, implica uma transformação literária da fonte.

De acordo com Meschonnic (2006), não há uma separação entre os diversos registros discursivos. Propõe, portanto, uma nova visão a respeito do fazer literário que coloca a unidade linguística como resultante de um contínuo discursivo, elaborado a partir de diferentes categorias rítmicas (lírica, crítica, polêmica e teórica), e através da oposição entre a teoria do signo e a teoria do ritmo. O sujeito delinea-se no discurso como próprio e na relação com o Outro. Ou seja, a identidade constrói-se também pela alteridade, e vice-versa.

Desde o início desta pesquisa, foi descartada a possibilidade de uma busca na língua-alvo por equivalentes à língua-fonte. Entendemos o quão problemático seria a eleição de, por exemplo, dialetos populares, ou regionalismos, do português brasileiro para substituir diretamente as línguas dos personagens.

(...) pois nenhuma cultura pode ser representada completamente em qualquer texto literário, assim como nenhum texto fonte pode ser totalmente representado em uma tradução. A seletividade é essencial para a construção de

qualquer obra literária, especialmente quando o público-alvo inclui leitores que não estão familiarizados com o assunto cultural. (TYMOCZKO, 1999, p.23)⁴⁷.

Buscamos, contudo, investigar nuances que caracterizam as línguas e os sistemas culturais envolvidos no processo tradutório em questão, a fim de encontrarmos inspirações para embasar as nossas escolhas tradutórias. Caso contrário, incorreríamos no equívoco de descaracterizar os personagens. Acreditamos que um tradutor é, antes de tudo, um pesquisador.

Conforme já mencionado neste trabalho, há uma presença direta da literatura oral no romance africano. Assim como no texto-fonte, os grifos de fala na tradução pós-colonial trazem um semblante de oralidade versada em características gerais de *pidgins*, isto é, a simplificação das estruturas gramaticais, e que podem funcionar como uma orientação ao tradutor. O código linguístico que alinhava o diálogo entre Kehinde e Moriammo no segundo capítulo de *Kehinde* (1994), por exemplo, diverge bastante da norma culta do inglês, assim como, nesta proposta de tradução, diverge bastante da norma culta do português brasileiro. Em ambos os textos a conversa flui sob um viés de coloquialidade.

Através da literatura, temos a oportunidade de conhecer o Outro, ampliar os nossos próprios limites em construção, reconhecer aquilo que nos diferencia e o que nos une. Venuti (1998) chama a atenção para o fato de que a prática tradutória formula identidades culturais a partir do poder que a tradução exerce na construção de representações de culturas estrangeiras, ao passo que discute o uso das estratégias de domesticação e ou estrangeirização no processo tradutório.

Venuti (1995), ao ponderar sobre a “Invisibilidade do Tradutor” (“*The Translator’s Invisibility*”), critica as práticas tradicionais de traduções domesticadoras, com conseqüente apagamento cultural, e advoga por uma tradução estrangeirizante.

De acordo com Berman (2002), as características do sujeito estrangeiro devem ser mantidas na tradução. Venuti (1998) direciona um olhar bastante crítico a traduções que apresentam um forte caráter assimilativo de textos literários estrangeiros aos valores dominantes locais, eliminando o ar de estrangeiridade. Entretanto, reconhece que, em se tratando de uma atividade que envolve línguas diferentes, a domesticação do texto

⁴⁷ for no culture can be represented completely in any literary text, just as no source text can be fully represented in a translation. Selectivity is essential to the construction of any piece of literature, particularly when the intended audience includes readers who are unfamiliar with the cultural subject.

estrangeiro, em algum momento, será inevitável. Por uma prática ética da tradução, a partir de Berman, Venuti propõe que “a escolha de estratégias depende do período, gênero e estilo do texto estrangeiro em relação à literatura doméstica e aos públicos leitores para os quais a tradução é escrita.” (VENUTI, 2019, p. 34. Trad. Trad. L. Pelegrin, *et al.*).

Não há dúvidas de que esta é uma questão fundamental para o tradutor que lida com o texto pós-colonial: Até que ponto, os elementos linguísticos e culturais de um texto de partida devem ser domesticados ou estrangeirizados. Conforme Tymoczko (1999) pondera, durante o processo tradutório sempre haverá acréscimos e omissões, assim como perdas e ganhos. Mas, cabe ao tradutor, independentemente do quão habilidoso seja, a todo instante, fazer escolhas.

3.1 KEHINDE E A CELEBRAÇÃO DOS FALARES NUM ESPAÇO MULTICULTURAL

3.1.1 A Tradução do Capítulo 1⁴⁸

O capítulo 1 figura como um bloco de apresentação. Nele, como já mencionado anteriormente neste trabalho, Emecheta delinea para o leitor o ambiente onde vivem os Okolo: Kehinde Okolo, a protagonista, Albert Okolo, seu marido, e os dois filhos do casal, Joshua e Bimpe, a caçula. Os pais saíram da Nigéria em busca de uma nova vida na diáspora. Os filhos são ingleses. Os quatro moram em Londres, num espaço onde diferenças culturais conversam através de uma norma que não se distancia do padrão urbano inglês, portanto não causa estranhamento. No decorrer do capítulo, as identidades emergem a partir de questionamentos de valores e diferenças culturais entre pais e filhos.

Intitulado em inglês como “*The Letter*”, que traduzimos literalmente como “A Carta”, para o português do Brasil, o primeiro capítulo de *Kehinde* mostra, inicialmente, um momento de interação familiar, no horário do jantar e, posteriormente, mostra o casal, Kehinde e Albert. Em meio a esses dois momentos de interação, um ponto de tensão vivido pela família Okolo na cena inicial será ponto de partida para que Kehinde busque seu caminho de transformação.

⁴⁸ KEHINDE, 1994, p. 1-7.

Vejam os seguintes comentários sobre o capítulo 1 de *Kehinde* e alguns comentários a respeito:

The Letter

Albert picked up the letter. He gently lowered himself into the chair by the table. His hands were steady and controlled. On opening the letter, he laughed out loud. His family looked up, surprised, as Albert was a highly disciplined man who seldom allowed himself the luxury of a natural laughter. Something ominous curled inside Kehinde's stomach. She had seen the back of the letter. It could come from only one source – Albert's sisters in Nigeria. Albert allowed himself a girlish giggle. His children, Bimpe and Joshua, stopped eating their tea. They looked at each other, shrugged and then smiled. Albert, who was not unaware of their impatience, prolonged and savored the suspense.

'Who is it from?' asked Joshua, fourteen, scooping a spoon of baked beans into his mouth. He could not stand the exclusion any longer.

'It's a letter from Aunt Selina and Aunt Mary. They want me to return home.'

'They want you to return home? What of us?' Kehinde asked, bringing in a pot

A Carta

Albert pegou a carta. Arriou, sem pressa, seu corpo sobre a cadeira próxima à mesa. Suas mãos estavam firmes e contidas. Ao abrir a carta, deu uma risada estrondosa. Sua família olhou, surpresa, uma vez que Albert era um homem extremamente comedido, que, raramente, se permitia o luxo de uma gargalhada espontânea. Um calafrio agourento serpenteou no estômago de Kehinde. Ela já tinha visto o verso da carta. O remetente não poderia ser outro – as irmãs de Albert na Nigéria. Albert permitiu-se um risinho ameninado. Seus filhos, Bimpe e Joshua, pararam de tomar o chá. Entreolharam-se, encolheram os ombros e sorriram. Albert, que sabia o quão impacientes eram seus filhos, prolongou o sabor do suspense.

"De quem é?" perguntou Joshua, de catorze anos, colocando uma colherada de feijão na boca. Ele não poderia aguentar a exclusão por mais tempo.

"É uma carta de tia Selina e tia Mary. Elas querem que eu volte p'ra casa."

"Elas querem que você volte p'ra casa? E nós?" Kehinde perguntou, trazendo um bule de chá. "Elas já vêm insinuando isso faz tempo. Agora, elas tiveram coragem de

of tea. ‘They have been hinting at it for a very long time, now they’ve got the courage to spell it out. Return home, return home indeed! They keep forgetting that you left Nigeria a young bachelor and that now you have wife and kids. Return home, just like that, enh?’

‘You know what home people are like. When they say “you”, they mean all of us!’ Albert explained in a voice so low and conciliatory that it was almost a whisper.

‘Don’t we count then?’ Bimpe piped in.

‘Will you keep quiet please, young lady! I happen to be talking to your mother.’

‘She is right though,’ Kehinde said as she sat down heavily in her kitchen chair, feeling suddenly tired and virtually useless. An eel of suspicion wriggled in the pit of her belly.

Theirs was a typical East London mid-terrace house with a small living room. Attached to the poky kitchen was a pantry, now converted into a dining room which was so small that when the family sat at their meal there was little room to move. There was another large room at the back, with a glass door opening into a small, untended garden. It was a room in which they could have eaten in comfort, a room the estate agent

falar às claras. Volte p’ra casa, volte p’ra casa logo, vá! Elas continuam esquecendo que você saiu da Nigéria um rapaz solteiro, mas, agora, você tem mulher e filhos. Volte p’ra casa, simples assim, hein?”

“Você sabe como é família. Quando dizem ‘você’, estão se referindo a todos nós!” Albert explicou numa voz tão suave e conciliatória, quase um sussurro.

“E a gente não conta?” Esganiçou Bimpe.

“Quieta mocinha! Eu estou falando com sua mãe.”

“Mas, ela está certa,” disse Kehinde enquanto se sentava lentamente sobre a cadeira da cozinha, sentindo-se cansada e completamente inútil. Uma enguia de suspeita revirou-lhe pelo pé da barriga.

Moravam numa típica casa de *East London*, com dois andares e uma pequena sala de estar. Junto à minúscula cozinha, havia uma despensa, agora, transformada em sala de jantar. Era tão pequena que, quando a família se reunia para as refeições, sobrava pouco espaço para se movimentar. Havia uma sala grande ao fundo com uma porta de vidro que dava para um pequeno e mal cuidado jardim. Era uma sala na qual eles poderiam comer confortavelmente. Segundo o corretor de imóveis, “o salão da manhã”. Mas, os Okolos chamavam-no de “o quarto grande”. Kehinde e Albert dormiam nele. O que fariam com um “salão

described as the morning room, but which the Okolos called the big bedroom. Kehinde and Albert slept there. What would they be doing with a morning room or a lounge, when they already had a living room in front and a pantry that served as kitchen/ diner? Their arrangement saved into two bedrooms upstairs. They sublet one on a permanent basis, and the other one, occasionally to bring in that extra pound or two. Whenever there were visitors from home they asked the temporary tenant, who was usually a student, to move.

Albert suspected that this was not the appropriate time to pursue the letter. He stuffed it into his shirt pocket, nonchalantly, putting on a big show for his watching family, to demonstrate that he did not care very much for what his sisters had to say. This had the desired effect. Kehinde sighed deeply and turned her attention from her husband to her kids.

Albert and Kehinde ate their ground rice and egusi soup. The children had recently started to complain about the monotony of having ground rice and soup every evening so once in a while, like tonight, to stem further argument, Kehinde would heat some baked beans and serve them on toast with a little salad

da manhã” ou uma sala de descanso, quando já tinham uma sala de estar na frente e uma despensa que servia de cozinha/ sala de jantar? A arrumação que fizeram disponibilizou dois quartos no andar de cima. Um, eles alugavam permanentemente e o outro, eventualmente, para fazer um dinheiro extra. E sempre que recebiam visitas da Nigéria, pediam ao inquilino temporário, geralmente, um estudante, que se mudasse.

Albert suspeitou que aquele não era o momento apropriado para prosseguir com o assunto da carta. Socou-a no bolso da camisa, com ares de indiferença, exibindo um grande número para a família que o assistia, para demonstrar que ele não se importava muito com o que suas irmãs tinham a dizer. E conseguiu. Kehinde deu um suspiro profundo e desviou sua atenção de seu marido para seus filhos.

Albert e Kehinde comeram seu arroz com sopa de *egusi*. As crianças, recentemente, tinham começado a se queixar da sem-gracice de se ter arroz e sopa todas as noites. Então, de vez em quando, assim como hoje, para evitar mais discussão, Kehinde cozinhava feijão para servir com torradas e uma pequena salada de alface e tomates. Os pais achavam aquela comida horrível, mas os filhos sabiam o que queriam. Adoravam aquilo, apesar da simplicidade.

of lettuce and tomatoes. The parents thought it was an awful meal, but the children knew what they wanted. They loved it, despite its plainness.

After satisfying herself that the family were tucking into their tea happily, Kehinde went on in a hurt tone. ‘They did not even bother to ask how we are.’ This was the right time to talk about her hurt at being regarded as a nonperson by her sister-in-law. ‘All they know is come home, send money, come home. What is in Nigeria anyway? Are we not happy here? They just want a chance to nose into the way we live. Come home!’

‘Well, they did ask how we all are. And they say there is an oil boom in Nigeria, and that one can actually pick work up in the streets. Nigeria needs us. The government says so. Even the Europeans are leaving their countries and rushing to Nigeria. My sisters are thinking of our own good, you know.’

‘Leave the white people out of it. Everybody knows they always rush to any place that has cooked yams ready for them to eat.’ Kehinde replied tightly in Igbo.

Joshua looked at his sister. ‘Let’s get out of here. Whenever they speak their language, it means they don’t want us around.’

Satisfeita ao ver sua família reunida alegremente para o chá, Kehinde continuou num tom de mágoa. “Elas nem sequer se dão ao trabalho de perguntar como estamos.” Este era o momento certo de falar sobre sua ferida por ter sido sempre desconsiderada pela cunhada. Tudo que elas sabem dizer é ‘venha p’ra casa’, ‘mande dinheiro’, ‘venha p’ra casa’. O que é que tem na Nigéria, por acaso? Não estamos felizes aqui? Elas só querem uma chance p’ra meter o nariz na nossa vida. Vá p’ra casa!”

“Bem, na verdade, elas perguntaram como todos nós estamos. E disseram que está tendo um *boom* de petróleo na Nigéria, e que tem trabalho a rodo. A Nigéria precisa da gente. O governo está dizendo. Até mesmo os europeus estão saindo dos países deles e correndo p’ra Nigéria. Minhas irmãs estão pensando no nosso próprio bem, ora”

“Deixe os brancos fora disso. Todo mundo sabe que eles sempre correm p’ra qualquer lugar que tenha inhames cozidos prontos p’ra eles comerem.” Kehinde respondeu de maneira firme em igbo.

Joshua olhou para a irmã caçula. “Vamos dar o fora daqui. Toda vez que eles falam a língua deles, é porque não querem a gente por perto.”

Kehinde, who was always indulgent towards her son, ignored his rudeness, which she rationalised as the normal behaviour of a fourteen-year-old boy establishing his identity. She simply laughed and ventured, ‘Whose fault is it that you don’t speak your mother tongue when you refuse to learn?’

‘You mean *your* mother tongue. Mine is English. Remember you said that when I was born, the first thing you said to me was, “Hello Joshua!” So I speak the first language I heard.’

Kehinde started clearing away the tea things. Bimpe got up to help, squeezing in between chairs. Joshua, feeling left out, marched noisily out of the room, and soon after the sound of the television came through the wall.

It was Albert who noticed it was late and that the children were still watching television. It was always a battle to get them to go to bed; Joshua wanted to stay up and see the end of the football match, arguing that he was fourteen and all his friends at school would be talking about the match the next day. ‘I’ll look a fool, Dad, if I can’t put in a word, just because you didn’t let me stay up to watch. Think of it, Dad!’

Kehinde, sempre indulgente para com o filho, ignorou sua rudeza por considerá-la um comportamento normal para um garoto de catorze anos, estabelecendo sua identidade. Ela, simplesmente, sorriu e jogou, “Quem tem culpa, se você não fala a sua língua materna, já que você se recusa a aprender?”

“Você quer dizer a *sua* língua materna. A minha é inglês. Lembra que você disse que, quando eu nasci, a primeira coisa que você falou foi ‘Hello Joshua!’ Então, eu falo a primeira língua que eu ouvi.”

Kehinde começou a tirar a mesa do chá. Bimpe levantou-se para ajudá-la, passando espremida por entre as cadeiras. Joshua, sentindo-se posto de escanteio, saiu da cozinha batendo os pés e, logo em seguida, pode-se ouvir o som da televisão através da parede.

Foi Albert quem percebeu que já era tarde e que as crianças ainda estavam assistindo à televisão. Era sempre uma batalha fazer com que eles fossem para a cama; Joshua queria ficar acordado e ver o final da partida de futebol, argumentando que ele tinha catorze anos e que todos os seus amigos da escola falaria sobre o jogo no dia seguinte. “Eu vou parecer um goiaba, meu pai, se eu não puder dizer nada, só porque você não me deixou ficar acordado p’ra assistir. Pense nisso!”

Bimpe joined in, insisting that at eleven, she was practically a teenager too, and should not have to go to bed at nine o'clock, her agreed bed-time.

Albert swore under his breath, his face contorted in an effort to control himself. Both children were yelling like army sergeants. Albert walked deliberately to the television and switched it off. 'To bed, both of you. When I was your age, I didn't even have television. Off to bed.' The authoritative tone finally had an effect. Silence descended, and the two children slunk off to bed without saying good night.

Kehinde was already half asleep when Albert came into their bedroom. The quiet was a relief after the scene in the front room. 'Early to bed?' It's only ten o'clock,' Albert commented, as he changed into his pyjamas.

'I keep telling you that I don't feel well. I haven't felt well for some time now. I was suspicious, so I went to the doctor this morning.'

'Suspicious of what?' Albert asked in a low and tremulous voice.

'I'm pregnant.'

'What? Pregnant? Kehinde, please sit up and look at me. What are you talking about?

Bimpe fez coro ao irmão, insistindo que, aos onze, ela era, praticamente, uma adolescente também e não deveria ir para a cama às nove horas, seu horário de dormir, conforme combinado.

Albert disse uns dois ou três palavrões em voz baixa. Um esforço para manter-se controlado contorceu-lhe o rosto. Seus dois filhos bradavam como sargentos do exército. Albert caminhou deliberadamente em direção à televisão e desligou-a. "P'ra cama, os dois. Quando eu tinha a idade de vocês, nem televisão tinha. P'ra cama, agora!" O tom autoritário, finalmente, fez efeito. O silêncio imperou e os meninos saíram de fininho sem dar boa noite.

Kehinde já estava quase dormindo quando Albert entrou no quarto. O silêncio era um alívio, depois da cena na sala. "Cedo na cama? São só dez horas," disse Albert enquanto vestia o pijama.

"Eu tenho dito a você que não ando sentindo bem. Já não venho sentindo bem há algum tempo. Eu estava desconfiada, então, fui ao médico hoje de manhã."

"Desconfiada de quê? Qualé o pó?" perguntou Albert com a voz baixa e trêmula.

"Eu tô grávida."

"O quê? Grávida? Kehinde, por favor, levante, sente aqui, olhe bem pra mim. Do que é que você está falando?"

‘I know how you must be feeling, especially now your sisters have suddenly realized they have a brother. Now you earn enough money, own a house...’

‘*We* own a house,’ Albert said quickly. He was not unaware of the legal status of a wife here in Britain. In Nigeria, the home belonged to the man, even if the woman spent her entire life keeping it in order. She could never ask her husband to leave the house, as was done here. But Albert did not want trouble, so for the sake of peace he said, ‘Our house.’

In fact, Albert was only being realistic, since Kehinde earned more than he did. It was because of her position in the bank that they had been able to get a mortgage. But a good wife was not supposed to remind her husband of such things. When Kehinde said ‘your house’, she was playing the role of the ‘good’ Nigerian woman. Conversely, when he said ‘our house’, he was being careful not to upset her. After almost sixteen years of marriage, they played this game without thinking.

‘I didn’t get pregnant on purpose to thwart your going home plans.’ Kehinde wanted a real show down, but this time Albert refused to play.

“Eu sei como você deve estar sentindo, ainda mais agora que suas irmãs, da noite pro dia, perceberam que têm um irmão. Agora que você está ganhando bem, tem uma casa própria...”

“*Nós* temos uma casa,” Albert apressou-se em dizer. Estava plenamente consciente do status legal de uma esposa na Inglaterra. Na Nigéria, a casa pertencia ao homem, mesmo que a mulher passasse toda sua vida mantendo-a em ordem. Ela nunca poderia pedir a seu marido que saísse de casa, como fazem por aqui. Mas, Albert não queria problema. Então, em nome da paz, disse “Nossa casa.”

De fato, Albert estava apenas sendo realista, uma vez que Kehinde ganhava mais do que ele. Foi por causa da posição dela no banco que eles conseguiram a hipoteca do imóvel. Entretanto, uma boa esposa não deveria lembrar ao marido tais coisas. Quando Kehinde disse “sua casa”, estava cumprindo o papel da “boa” mulher nigeriana. Por outro lado, Albert, quando disse “nossa casa”, estava tendo o cuidado de não a irritar. Após quase dezesseis anos de casamento, eles já estavam acostumados a esse jogo.

“Eu não engravidei de propósito p’ra contrariar seus planos de voltar p’ra casa.” Kehinde estava disposta a colocar tudo em pratos limpos, mas, desta vez, Albert não estava disposto a levar esse assunto a diante.

‘Going home plans? You make it sound as if I’ve been planning for it secretly.’

Albert, undressing in slow motion, regarded Kehinde as if she were an alien being, rather than the woman he’d lived with for fifteen years. Why become pregnant at this time of all times! He sat on the edge of the bed, his head bowed. Groping for comfort, he remembered how, when the children were little and they all slept in one room, they used to say their prayers together. When did they stop? He supposed the children must have grown out of it, and now he and Kehinde, despite their Catholic upbringing, no longer prayed either. Evidently conversion had not been able to eradicate their parents’ long-held traditional beliefs. They both came from polygamous families – his father had two wives, Kehinde’s three. The Irish priests, not knowing which way to turn, had baptized them all, seeing it as a chance to save these ‘lost souls’ for Christ. Abruptly, Albert’s thought returned to the present.

‘How did it happen? I thought I’d been careful,’ he asked aloud.

‘How am I know, enh? I always warn you not to bother me when I am asleep. Haven’t I been warning you that it could happen? When you wanted to come

“Planos de voltar p’ra casa? Você fala como se eu viesse planejando tudo na surdina.”

Albert despiu-se em câmera lenta. Kehinde, diante de seus olhos, era um ser estranho, e não a mulher com quem já vivia há quinze anos. Por que ficar grávida a essa altura do campeonato? Cabisbaixo, sentou-se na beirada da cama. Em busca de consolo, lembrou-se de quando as crianças eram pequenas, como os quatro dormiam em um mesmo quarto e costumavam rezar juntos. Quando tudo aquilo se perdera? Percebeu que as crianças cresceram sem o hábito da oração e, agora, ele e Kehinde, apesar da educação católica que receberam, já não rezavam tanto. Obviamente, a conversão não fora capaz de aniquilar tão antigas crenças, tradicionalmente transmitidas por seus pais. Ambos vieram de famílias poligâmicas – Seu pai tinha duas esposas e o pai de Kehinde, três. Os padres irlandeses, na dúvida, batizaram todos eles, como uma chance de salvar aquelas “almas perdidas” para Cristo. Abruptamente, o pensamento de Albert foi trazido de volta ao presente.

“Com’é que isso aconteceu? Eu achei que tivesse tomando cuidado,” perguntou em voz alta.

“Mas, com’é qu’eu vou saber, hein? Eu estou sempre falando p’ra você não incomodar depois qu’eu já peguei no sono. Eu não já tinha te avisado que isso poderia

inside me earlier on in our marriage, you used to be so nice. You took the trouble to wake me up with love. Now you're always impatient. You grip my breasts from behind as if you're going to force yourself on me, and before I know what you're about, you're done. I don't even know if you're using any protection, or not. So I hope you're not doing like some Nigerian men and suggesting it's *my* fault.'

Albert ignored her complaints about his sexual methods, but was curious to find out what she meant by her reference to Nigerian men.

'Are you the only one who doesn't know about the latest method of blackmailing women submissiveness?' she retorted. 'They say: "You are not carrying my child," and the woman ends up spending time and money to prove that the child really *is* his.'

Albert chuckled in spite of himself. Yes, he knew of a few instances. A tough woman could be brought to heel by a husband claiming that the child she was carrying was not his, and then forgiving her all the same. She would never be able to hold up her head among his people. Very few would believe the woman's side of the story, and a woman who dared to suggest a blood test to clear her name

acontecer? "Quando você queria transar comigo no início do nosso casamento, você era tão gentil. Você tinha o cuidado de me acordar com amor, me dengando. Agora, você está sempre impaciente. Você agarra meus peitos por trás, vem se enfiando em mim, e antes que eu me dê conta do que você quer, já era. Eu nem sei se você está usando proteção, ou não. Eu espero que você não esteja fazendo como uns homens lá na Nigéria, insinuando que a culpa é *minha*."

Albert ignorou as queixas de Kehinde a respeito de seus métodos sexuais, mas ficou curioso para saber o que ela quis dizer quando fez referência a homens nigerianos.

"Então, você é o único que não sabe como é que estão fazendo agora p'ra encabrestar as mulheres?" retrucou. "Eles dizem: 'Eu é que não sou o pai desse menino que você tem na barriga!' E a mulher termina gastando tempo e dinheiro p'ra provar que o filho *é* dele mesmo."

Albert riu sem querer. Sim, ele tinha conhecimento de alguns casos. Uma mulher difícil poderia ser posta nos eixos por um marido que alegasse que o filho que ela carregava não fosse dele e, depois, a perdoasse, fazendo com que tudo continuasse do mesmo jeito. Ela, jamais, poderia erguer a cabeça diante da família e dos amigos dele novamente. Pouquíssimos acreditariam em sua versão da história, e se

was considered presumptuous. Yes, a neat blackmail.

Albert turned off the bedside lamp and sat in the dark, considering. He had already made the decision to return home. It was only a matter of when. After eighteen years, he pined for sunshine, freedom, easy friendship, warmth. If he could get Kehinde on his side, winning the children over would be easy. He wanted to go home and show off his new life style, his material success. He would be able to build houses, to be someone. Nigeria was booming, and he wanted to join the party. Now this hiccough. What to do, enh?

Albert was a thin, wiry man of forty. Kehinde, who had never been thin, was now, at thirty-five and after the births of two children and years of eating takeaway fish and chips, comfortably plump. Albert liked her that way. He found thin women unsatisfying. What was a man expected to fondle at night, when there was a gale outside? Give him a plump African woman with a heavy backside, like Kehinde. He looked in her direction. ‘What are we going to do, enh?’

‘You asking me what you are going to do? Are you no longer the head of the family? Bimpe is almost twelve after all.

ela ousasse sugerir um exame de paternidade para limpar seu nome, seria considerada insolente. Sim, uma chantagem clara.

Albert desligou o abajur e sentou-se no escuro, pensativo. Já tinha decidido voltar para casa. Só faltava decidir quando. Após dezoito anos, ansiava a luz do sol, a liberdade, as amizades e o calor humano. Se conseguisse fazer com que Kehinde ficasse ao seu lado, ganharia facilmente o apoio das crianças. Ele queria voltar para casa e ostentar sua glória material. Poderia construir casas, ser alguém. A Nigéria estava prosperando e ele queria ser parte da festa. Mas, com os últimos acontecimentos, seus planos poderiam ir por água abaixo. E agora, hein?

Albert era um homem magro e forte de quarenta anos. Kehinde que nunca fora magra, agora, com trinta e cinco, após o nascimento de dois filhos e anos comendo *fish and chips* para viagem, estava bem rechonchuda. Albert gostava dela assim. Para ele, mulheres magras eram insatisfatórias. O que poderia um homem querer acariciar à noite quando havia um vendaval lá fora? Dê a ele uma africana carnuda, da bunda grande, como Kehinde. Ele olhou em sua direção. “O que é que a gente vai fazer, hein?”

“Você está perguntando p’ra mim o que nós vamos fazer? Por acaso, não é você o

She is not too young to have a brother or a sister, or is she?’ Kehinde was aware that she could talk to her husband less formally than women like her sister, Ifeyinwa, who were in more traditional marriages. She related to Albert as a friend, a compatriot, a confidant. This was one of the reasons for the uneasiness she had felt earlier that evening, when Albert was reading the letter from home.

Albert’s heart sank. ‘Kehinde, what of your promotion?’ And we’ve only just recovered from the last lot of child minders.” Kehinde was intransigent.

‘So, what do you want me to do? Our people believe that people are more valuable than money.’

‘I know all that. But our people never lived in London, where parents have to pay a great part of their wages to nannies to look after their babies.’

Kehinde sucked her teeth and turned her face to the wall, pulling the bed clothes to her side. Giving up, Albert got into bed. He did not complain about the bed clothes. It was too late for an altercation, but he lay rigid for a long time. He had planned to calm her about the letter by making love to her in that particular way she favoured. He would have stroked her legs, working his hands up gradually until his fingers were inside her body. With his other hand, he would

chefe da família? Afinal de contas, Bimpe já tem quase doze anos. Ela já não é mais tão nova p’ra ter um irmãozinho caçula, ou é?” Kehinde sabia que tinha liberdade suficiente para falar com seu marido, com menos formalidade do que outras mulheres que, como sua irmã, Ifeyinwa, tinham casamentos mais tradicionais. Relacionava-se com Albert como uma amiga, uma compatriota, uma confidente. Este era um dos motivos da inquietude que sentira naquela noite, enquanto Albert lia a carta das irmãs.

O coração de Albert esmoreceu. “Kehinde, e sua promoção? E logo agora que, finalmente, conseguimos nos recuperar da última leva de babás.” Kehinde estava impaciente.

“Então, o que é que você quer que eu faça? Nossa gente acredita que pessoas valem mais do que dinheiro.”

“Eu sei de tudo isso. Mas, eles nunca moraram em Londres, onde os pais têm que entregar parte dos seus salários a babás p’ra que elas tomem conta de seus filhos”.

Kehinde deu um muxoxo e virou o rosto para a parede, puxando a coberta para seu lado. Dando-se por vencido, Albert resolveu deitar-se. Não fez queixas a respeito da coberta, estava muito tarde para uma discussão. Mas, ficou ali, teso, por um bom tempo. Tinha planejado acalmá-la em relação à carta fazendo um denego do jeito

have played *koto* with her nipples. Her breasts were warm, full and cushiony. She would have gasped and the night would have begun. And then, while carried away, she would have agreed that going home was not only a good idea, but the best and only plan for them.

But the news of pregnancy had spoiled all that. A police siren tore into his thoughts, and set him wondering whether it was right to drive at such high speed. They could end up killing an innocent somebody. He turned this way and that way, wondering about it.

que ela mais gostava. Acariciaria suas pernas, deslizaria suas mãos, gradativamente, até que seus dedos penetrassem seu corpo. Com a outra mão, faria *koto* com seus mamilos. Seus seios eram cálidos, volumosos e aconchegantes. Ela daria um gemido ofegante e, assim, a noite teria começado. E depois, enquanto envolvida, ela concordaria que voltar para casa seria, não apenas uma boa ideia, mas, a melhor e única opção para eles.

Mas a notícia de gravidez estragou tudo. Uma sirene da polícia entrecortou seus pensamentos e o fez questionar-se se era correto avançar numa tamanha velocidade. Poderiam acabar matando alguém inocente. Revirou-se de um lado para o outro pensando nisso.

No trecho “*Something omnious **curled** inside Kehinde’s stomach.*” (linha 9), no texto de partida, fizemos uma escolha estilística ao traduzirmos como “Um calafrio agourento **serpenteou** no estômago de Kehinde” (linha 9), pela palavra “serpente” como parte do verbo. Assim como, o trecho “*Albert allowed himself a **girlish** giggle.*” (linhas 13-14), traduzimos para “Albert permitiu-se um risinho **ameninado**” (linha 13), que traz a palavra “menina” no adjetivo “ameninado,” assim como a palavra “girl” (“menina”) no adjetivo “*girlish*”. Contudo, o termo “*girlish*”, da língua inglesa, traz o sentido literal “de menina”, “feminino(a)”, ao passo que o termo “ameninado”, no português brasileiro, significa “infantil”. E, por isso, de certa forma, modulamos o termo, por considerá-lo, inclusive, bastante apropriado para o texto em português, mantendo, entretanto, a mesma conotação que carrega no texto de partida.

Pode-se perceber, durante a leitura deste capítulo, que a escrita de Emecheta nos oferece aspectos tanto da cultura nigeriana quanto britânica. O trecho “*An **eel** of suspicion wriggled in the pit of her belly*” (linhas 49-50), que traduzimos como “Uma **enguia** de

suspeita revirou-lhe pelo pé da barriga” (linhas 45-46) deve causar certo estranhamento para o leitor brasileiro, já que enguia não é um peixe muito popular no Brasil, mas, em contrapartida, é, tradicionalmente, consumido na Inglaterra, mais precisamente, na região leste de Londres.

Nas nuances da escrita de Emecheta, sua narrativa faz emergir o hibridismo cultural que se revela, também, através dos alimentos, a exemplo de feijão com torradas, que não é uma refeição apreciada no Brasil, mas, tipicamente londrina, assim como sopa de semente de abóbora, que, também, não é popular no Brasil, mas, muito consumida na Nigéria. No trecho, “*Albert and Kehinde ate their ground rice and egusi soup.*” (linhas 85-86), que traduzimos como “Albert e Kehinde comeram seu arroz com sopa de *egusi*.” (linhas 83-84) A sopa de *egusi* (semente de abóbora) é popular na Nigéria. No texto-fonte a palavra “*egusi*” não foi traduzida nem explicada. Decidimos deixá-la da mesma forma na tradução. Assim como “*fish and chips*” (peixe com fritas), um prato tipicamente inglês, em “*Kehinde, who had never been thin, was now, at thirty-five and after the births of two children and years of eating takeaway **fish and chips**, comfortably plump*”. (linhas 310-314) que, ao traduzirmos para “Kehinde que nunca fora magra, agora, com trinta e cinco, após o nascimento de dois filhos e anos comendo **fish and chips** para viagem, estava bem rechonchuda.” (linhas 306-310), mantivemos o nome do prato sem tradução ou explicação. Acreditamos, inclusive, que ele seja mais conhecido do que sopa de *egusi* no Brasil. Optamos por manter certos itens lexicais sem tradução em nome de uma posição de não apagamento dos sujeitos que representados no texto. Outro exemplo de item lexical não traduzido, nem no texto de partida nem na tradução, foi “*koto*” que aparece no trecho “*With his other hand, he would have played **koto** with her nipples*” (57-58), que traduzimos para “Com a outra mão, fazia **koto** com seus mamilos” (linhas 55-56).

No trecho “*The children had recently started to complain about the **monotony** of having ground rice and soup every evening.*” (linhas 86-89), que traduzimos como “As crianças, recentemente, tinham começado a se queixar da **sem-gracice** de se ter arroz e sopa todas as noites.” (linhas 84-86), O texto deixa claro que os filhos, Joshua e Bimpe, nascidos na Inglaterra, principalmente agora, que estavam chegando à adolescência, apreciavam mais uma refeição da culinária tradicional inglesa, feijão com torradas e salada, enquanto os pais tinham o paladar satisfeito em ter arroz e sopa para o jantar de todas as noites. Para esta passagem, preferimos traduzir “*monotony*” como “sem-gracice” por soar como um termo mais adequado à opinião dos mais jovens e pelo uso de “sem-”

na composição do vocábulo “sem-gracice”. Posteriormente, essa construção com “sem-” para formar palavras compostas será repetida, o que figura, muitas vezes, como estratégia característica do texto pós-colonial.

Em seguida, o texto mostra como, para agradar os filhos, Kehinde preparava, para eles, uma comida de sua preferência. No trecho “(...) *so once in a while, like tonight, to stem further argument, Kehinde would heat some baked beans and serve them on toast with a little salad of lettuce and tomatoes.*” (linhas 89-93), que traduzimos como “Então, de vez em quando, assim como nesta noite, para evitar mais discussão, Kehinde cozinhava feijão para servir com torradas e uma pequena salada de alface e tomates” (linhas 87-90). Em contraste, “*The parents thought it was an awful meal, but the children knew what they wanted. They loved it, despite its plainness.*” (linhas 93-96), que traduzimos como “Os pais achavam aquela comida horrível, mas os filhos sabiam o que queriam. Adoravam aquilo, apesar da simplicidade.” (linhas 90-93). Interessante como Emecheta deixa notar que na Inglaterra, ainda no século passado, há mais espaço para o choque gerações, os filhos, à medida que crescem, parecem ter mais liberdade do que teriam na Nigéria, sentem-se confortáveis em questionar por seus “direitos”, na tentativa de fazer valer suas vontades.

Traduzimos “regarded as a nonperson” em “*This was the right time to talk about her hurt at being **regarded as a nonperson** by her sister-in-law.*” (101-103), no texto-fonte, para “desconsiderada” em “Este era o momento certo de falar sobre sua ferida por ter sido sempre **desconsiderada** pela cunhada.” (98-100), no texto de chegada, porque foi a opção que nos soou como mais plausível para o texto em português do Brasil, diante do contexto da fala.

Como não há indício, de fato, para o leitor brasileiro, da época em que a narrativa se passa, então decidimos incluir na tradução, de forma moderada, algumas gírias e expressões antigas, principalmente, dos anos 60 e 70. Um dos exemplos está na fala do jovem Joshua, preocupado com a opinião dos colegas a seu respeito. Afinal, já não é mais uma criança, quando diz: “*I’ll look a fool I’ll look a **fool**, Dad, if I can’t put in a word, just because you didn’t let me stay up to watch. Think of it, Dad!*” (linhas 151-154), no texto de partida que traduzimos como “Eu vou parecer um **goiaba**, meu pai, se eu não puder dizer nada, só porque você não me deixou ficar acordado p’ra assistir. Pense nisso!” (linhas 152-155). A palavra “goiaba” na gíria, em português brasileiro, já significou “**bobo**.”, que corresponde literalmente ao sentido da palavra “**fool**” em inglês.

Outro exemplo do uso de gírias antigas na nossa tradução do texto de Kehinde (1994) para o português brasileiro está na fala de Albert Okolo, durante a conversa entre o casal após o jantar, já no quarto, se preparando para deitar. Quando ele diz a Kehinde “*‘Suspicious of what?’ Albert asked in a low and tremulous voice.*” (linha 180), que traduzimos como “Desconfiada de quê? **Qualé o pó?**” (linha 181). Acrescentamos a pergunta “Qualé o pó?”, que já foi uma expressão muito popular no Brasil e que até hoje ainda pode ser ouvida em tom de brincadeira. A gíria significava “Qual é o problema?”. Desta forma, a tradução além de marcar o tempo da narrativa, traz maior informalidade para a conversa entre o casal. Afinal, até então, Kehinde ainda acreditava que tinha uma relação de amizade, compatriotismo e confiança com o marido.

Utilizamos a mesma estratégia na tradução de “*When you wanted to come inside me earlier on in our marriage, you used to be so nice. You took the trouble to wake me up with love.*” (linhas 254-257), para “Quando você queria **transar** comigo no início do nosso casamento, você era tão gentil. Você tinha o cuidado de me acordar com amor, me **dengando**” (linhas 247-250). Utilizamos o verbo “transar”, que passou a ser utilizado no Brasil como gíria, significando “fazer sexo”, a partir dos anos 70. Nesta passagem também incluímos o verbo “dengando.” Pois, assim como em outros momentos da tradução, dos quais falaremos posteriormente, vimos uma oportunidade para inserir no texto-meta um vocábulo popular no Brasil, construído a partir da palavra “**dengo**”, de origem etimológica africana, como mostra Nei Lopes (2012, p.104). Utilizamos, ainda, a palavra “dengo” no trecho “*He had planned to calm her about the letter by making love to her in that particular way she favoured.*” (linhas 352-354), traduzido como “Tinha planejado acalmá-la em relação à carta **fazendo um dengo** do jeito que ela mais gostava.” (linhas 350-352).

Ainda nesse sentido de gerar uma esfera de informalidade durante o diálogo entre o casal Okolo, empregamos expressões populares no português brasileiro, tanto nas falas quanto na narrativa, a exemplo dos trechos a seguir. O trecho “*Kehinde wanted a real show down, but this time Albert refused to play.*” (linhas 2015-216), ao traduzirmos para “Kehinde estava disposta **a colocar tudo em pratos limpos**, mas, desta vez, Albert não estava disposto a levar esse assunto a diante.” (linhas 2018-219), assim como o trecho “*Going home plans? You make it sound as if I’ve been planning for it secretly.*” (linhas 2017-219), quando traduzimos para “Planos de voltar p’ra casa? Você fala como se eu viesse planejando tudo **na surdina**.” (linhas 2021-223). O advérbio “secretly”, em inglês, significa “secretamente”, em português. Portanto, neste caso, consideramos a expressão

“na surdina” ainda mais apropriada para o contexto, já que, apesar de também significar “secretamente”, traz um sentido mais específico de “fazer às escondidas”, carrega uma certa malícia. Outro exemplo de expressão popular no Brasil está na tradução de “*Why become pregnant at this time of all times!*” (linhas 224-225), que traduzimos como “Por que ficar grávida **a essa altura do campeonato?**” (linhas 227-228). Inserimos, também, uma expressão popular no Brasil ao traduzirmos “*Now this hiccough. What to do enh?*” (linhas 307-308) para “Mas, com os últimos acontecimentos, seus planos poderiam **ir por água abaixo**. E agora, hein?” (linhas 306-309).

Ao longo de toda a tradução, nos diálogos, utilizamos apóstrofos para marcar a aglutinação de palavras e a elisão, supressão de fonemas, como estratégia estilística de estrangeirização. Ao fazermos esta opção, decidimos por acreditar que, visualmente, causa certo estranhamento para o leitor brasileiro, já que, hoje em dia, o apóstrofo não é tão utilizado no português do Brasil, salvo poucas exceções. Outra razão pela qual optamos pelo uso do apóstrofo foi o fato dele ser bastante utilizado na língua inglesa, principalmente, em contextos informais. E, também, para, em muitos momentos, reproduzir a sonoridade do português falado no Brasil, dando assim, um ar de coloquialidade e naturalidade aos diálogos. Contudo, buscamos não exagerar no uso do apóstrofo para não trazer para o texto um verniz do português arcaico. Como podemos perceber em exemplos no trecho a seguir: “Mas, **com’ é qu’ eu** vou saber, hein? Eu estou sempre falando **p’ra** você não incomodar depois **qu’ eu** já peguei no sono. Eu não já tinha te avisado que isso poderia acontecer?” (linhas 250-254).

Algumas palavras foram utilizadas na tradução por serem palavras conhecidas no português do Brasil e que têm origem etimológica africana. Incluímos a palavra “caçula” (LOPES, p.60) na recriação do trecho “*Joshua looked at his sister.*” (linha 121) que traduzimos para “Joshua olhou para a irmã **caçula**” (linha 120), assim como a partir do trecho “*She is not too young to have a brother or a sister, or is she?*” (linhas 325-326) traduzido para “Ela já não é mais tão nova p’ra ter um irmãozinho **caçula**, ou é?” (linhas 321-323). Outro exemplo de palavra de origem etimológica africana foi “bunda.” (LOPES, p.54), inserida na tradução de “*Give him a plump African woman with a heavy backside, like Kehinde.*” (linhas 315-316) reescrito como “Dê a ele uma africana carnuda, da **bunda** grande, como Kehinde” (linhas 315-316). E ainda, o vocábulo “muxoxo” (LOPES, p.187) que inserimos no trecho “Kehinde deu um **muxoxo** e virou o rosto para a parede, puxando a coberta para seu lado.” (linhas 45-47), para a recriação de “*Kehinde*

sucked her teeth and turned her face to the wall, pulling the bed clothes to her side.” (linhas 46-48).

3.1.2 A Tradução do capítulo 2⁴⁹

O capítulo 2 figura como um dos mais desafiadores, se não o mais desafiador, para a tradução de *Kehinde* (1994), diante do volume de material linguístico, claramente versado para causar estranhamento ao leitor, pelo intuito de subverter o padrão e incitar uma consciência sobre dissonâncias culturais. Nele, a autora utiliza-se, principalmente, das estratégias da literatura pós-colonial no para criar um constructo linguístico que dá expressão a caracterização dos personagens.

Intitulado em inglês como “*Kehinde and Moriammo*”, que traduzimos como “Kehinde e Moriammo” para o português do Brasil, o segundo capítulo do livro resume-se a um momento de interação entre as duas amigas. O ritmo da conversa é marcado por uma linguagem compartilhada entre Kehinde e Moriammo, cunhada na estampa do vernáculo nigeriano, que se distancia progressivamente do inglês considerado *standard*, e que garante uma camada de verossimilhança à oralidade subjetiva dos personagens. Para tanto, Buchi Emecheta lança mão de um constructo linguístico, forjado a partir de uma base lexical inglesa, entremeada por vocábulos igbo e iorubá, e uma sintaxe estilizada que ilustram a representação do uso de uma língua não-padrão.

A passagem tem início quando Kehinde e sua amiga Moriammo estão saindo do banco onde trabalham, durante o horário de almoço, em direção à lanchonete *Wimpey* mais próxima. Ou seja, neste momento, estão deixando um ambiente de trabalho, relativamente formal, em Londres, onde a comunicação é feita através de uma norma urbana mais próxima do inglês considerado padrão. Justamente por isso, por estarem saindo de um ambiente de trabalho, formal, e em Londres, o diálogo, iniciado sem causar maiores estranhamentos ao leitor, gradativamente, dá lugar a uma conversa marcada por um discurso híbrido que, segundo Bandia (2008, p. 9.), atua como “uma língua cultural intermediária que, de fato, reflete a real condição do discurso pós-colonial africano.”

⁴⁹ KEHINDE, 1994, p. 8-12.

Segundo Zabus (2007), a escrita de Buchi Emecheta escolhe pela ibonização do inglês e a manipulação simultânea da tradição feminina de performance ifo nos seus romances (...):

Embora a linguagem do pós-patriarcado não seja linguisticamente tangível até agora, as escritoras africanas tentaram se reconectar com o 'língua materna': ou seja, a língua da 'cultura mãe', e desenvolver algum tipo de 'impressão de voz' dentro de um sistema que negava o acesso de suas irmãs à alfabetização funcional. Alternativamente, elas criaram estratégias linguísticas que tentam nomear e falar o indizível. A linguagem do pós-patriarcado na África (Ocidental) seria incipiente se as minorias sexuais não estivessem ocupadas forjando uma linguagem literária que capte sua dissidência sexual, entre línguas, num texto que não ousa falar seu nome. Estes são os novos paradigmas contra os quais os futuros usos da linguagem serão aferidos no texto pós-colonial e sobre o qual os futuros palimpsestos serão inscritos (ZABUS, 2007, p. xviii e xix)⁵⁰.

Para a realização da tradução de um trecho como este em análise, foi preciso elegeer algumas premissas que funcionassem como ponto de partida e auxiliassem as escolhas tradutórias durante o processo: (1) Há uma relação inegável entre o texto-fonte e o texto-alvo; (2) Não é possível representar plenamente a cultura-fonte; (3) O diálogo, que se desenvolve no capítulo 2 do texto-fonte, não pode ser considerado autêntico, é resultado de uma elaboração criativa da autora; (4) Os códigos linguísticos utilizados no texto pós-colonial têm função estilística e, segundo Chantal Zabus (2007), representam indicadores do status social dos personagens e sua associação com uma subcultura urbana; (5) O texto de *Kehinde* foi construído em congruência com princípios que direcionam a escrita pós-colonial. (6) As línguas utilizadas pelos personagens ocupam uma posição central na estratégia da autora ao caracterizá-los.

Em seguida, buscou-se responder como esses parâmetros poderiam ser reescritos em português do Brasil e quais estratégias de tradução seriam utilizadas para tal. E, a partir de então, fazer escolhas. Analisar o perfil dos personagens, as balizas socioculturais e as marcas deixadas pelo tempo no qual a narrativa se insere. Diante desta análise, inevitavelmente, surgiu mais um questionamento a ser respondido durante todo o processo tradutório: Quais alternativas a língua portuguesa do Brasil nos oferece para a reescrita da literatura do texto-fonte?

⁵⁰ Although the language of post-patriarchy is not linguistically tangible as yet, African women writers have tried to reconnect with the 'mother tongue': i.e., the tongue of the 'mother-culture', and develop some sort of 'voice-print' within a system that denied their sisters access to functional literacy. Alternatively, they have come up with linguistic strategies that attempt to name and speak the unspeakable. The language of post-patriarchy in (West) Africa would be inchoate if sexual minorities were not busy forging a literary language that captures their sexual dissidence, between tongues, in a text that dares not speak its name. These are the new paradigms against which future uses of language will be gauged in the postcolonial text and upon which future palimpsests will be inscribed.

Interessante notar que, através da linguagem, é possível perceber que as duas amigas tiveram formações educacionais diferentes. Kehinde, ao longo da narrativa modula sua fala para mais ou menos próxima do padrão, a depender do contexto. São de comunidades diferentes. Moriammo é mulçumana, Kehinde frequentou escola missionária. Portanto, preferem usar uma *interlíngua* nesse espaço de amizade e descontração que dividem.

Diante do exposto, vejamos como foi traduzido o capítulo 2 de *Kehinde* (1994) e alguns comentários a respeito:

Capítulo 2 - Extrato 1

Kehinde and Moriammo

Despite the sunshine, there was a chill in the air, causing Kehinde and her friend to pull their Marks and Spencers raincoats closer to their bodies.

‘This new bank building is overheated, *abi*?’ Kehinde observed.

‘It’s better than being cold,’ Moriammo responded.

‘I’m not complaining.’ The two women, who worked together in the bank in Crouch End, walked briskly to the local Wimpy bar, just a block away. They ordered beef burgers and coffee.

‘Can you count the number of times we’ve been here over the past ten years or so?’ Moriammo asked idly, biting into her food. They had to eat quickly as it was Friday, and they had to dash and do the shopping during the lunch break.

Kehinde e Moriammo

Apesar do sol, havia uma frieza no ar, fazendo com que Kehinde e sua amiga puxassem suas capas de chuva da *Marks and Spencers* para mais perto do corpo.

“Esse novo prédio do banco é quente de mais, *abi*?” Kehinde observou.

“É melhor do que ficar com frio,” Moriammo respondeu.

“Eu não estou reclamando.” As duas mulheres, que trabalhavam juntas na agência em *Crouch End*, caminharam depressa para o *Wimpy* do bairro, a lanchonete ficava a apenas um quarteirão de distância. Pediram hambúrgueres e café amargo.

“Você consegue contar o número de vezes que nós estivemos aqui nos últimos dez anos ou mais?” Moriammo perguntou, indolente, abocanhando sua comida. Elas tinham que comer depressa

Kehinde did not feel like hurrying. She was taking tiny sips of coffee.

Moriammo watched her for a while and said with the mouth full, ‘Eh, today na Friday. We get plenty shopping to do. Why you dey chop small, small, like *oyinbo*?’

‘Not be only *oyinbos* wey they chop small, small. In fact, sef, dem chop so so fast too. You never see those women wey dey sell cabbage for market chop?’

They both laughed, but the laughter stopped abruptly, as if on cue.

já que era Sexta-feira, e elas tinham que correr para fazer o mercado durante o intervalo de almoço. Kehinde não estava com pressa. Ela estava tomando seu café em pequenos goles.

Moriammo observou-a por um tempo e disse com a boca cheia, “Eh, hoje é Sexta-feira. Tem mundimercado p’ra fazer. Por que você tá beliscando tikin, tikin, que nem *oyinbo*?”

“Não é só *oyinbos* que belisca tikin, tikin. Na verdade... *sef!* Eis belisca tão tão rapo também... E cê nunca vê beliscar, aquelas mulheres que eis se amarram, reluta, p’ra gastar ni repoi ni mercado?”

Ambas riram, mas o riso parou abruptamente, como se em transmissão de pensamento.

No que tange as decisões tradutórias feitas durante a recriação do segundo capítulo, alguns vocábulos, palavras das línguas nativas, como “*abi*” (“não é?” ou “né?”), “*oyinbo (s)*” (“pessoa(s) branca(s)”), que aparecem no texto de partida sob as estratégias de mudança de código (*code-switching*) e *palavras não traduzidas*, foram mantidas sem tradução ou explicação, assim como no corpo do texto-fonte. Entretanto, muitas delas figuram um glossário que se encontra no final do livro, e que também foi traduzido. No entanto, algumas palavras como “*sef*” (utilizada no inglês nigeriano padrão para ênfase ou pergunta retórica com irritação ou impaciência), não foram traduzidas ou explicadas de forma alguma. Na tradução “*sef*” foi incluída no glossário. Além disso, acrescentamos um ponto de exclamação, logo após o vocábulo, para oferecer ao leitor brasileiro uma maior fluidez de entendimento, diante dos significados que “*sef*” exprime.

Nesse segundo capítulo, há uma passagem que não faz parte do diálogo em si, mas também pode causar certo estranhamento. No texto-fonte, o trecho “*They ordered beef*

burgers and coffee”, traduzido como “Pediram hambúrgueres e café amargo”, exemplifica que a criatividade de Emecheta serve-se do jogo de palavras para encontrar maestria.

O uso do termo “*beef burger*” na língua inglesa é possível, mas não é muito comum. Quando se fala em “*hamburger*” ou, simplesmente, “*burger*”, já se subentende o hambúrguer de carne bovina (*beef burger*). Assim como no português do Brasil, quando se pensa em hambúrguer, imagina-se que ele é feito de carne bovina. Afinal, considera-se que esta é a receita “original”, mundialmente conhecida. Portanto, é comum que “*burgers*”, “*hamburgers*” ou “hambúrgueres” sejam identificados quando feitos a partir de outros ingredientes, que não sejam carne bovina, por exemplo, “*chicken burger*” ou “hambúrguer de frango”.

Por outro lado, a palavra “*beef*” em inglês, além de significar “carne bovina”, também significa “queixa”, “desentendimento”, “insatisfação”, “reclamação”, ou, ainda, o verbo “reclamar”. Por isso, nota-se que Emecheta brinca com a polifonia das palavras para, neste caso, dar o tom da conversa que virá a seguir. Entretanto, no português brasileiro, esse sentido se perde. Então, numa tentativa de manter um possível estranhamento através do jogo de significados, vimos no “café amargo” a possibilidade de fazer valer a nossa escolha.

Desta forma, temos a oportunidade de antecipar o tom da conversa que se seguirá e se mostrará permeada por sentimentos de azedume, certa acidez, angústia... Todos envolvidos num tom de amargura. Interessante notar que, neste caso, o estranhamento pode não ser imediato, pois, parece comum que, no Brasil, as pessoas associem o “café amargo” ao café sem adição de açúcar. Por fim, a possibilidade de Kehinde estar tomando um café amargo no início da narrativa, no momento em que seus problemas se delineiam, contrasta com o ato final do livro, em que a protagonista adoça e bebe um chá quente em sua casa em Londres.

Outro termo que exigiu uma maior atenção durante a escrita tradutória foi o verbo “*to chop*”. No inglês padrão, o verbo “*to chop*” tem vários significados. Vamos nos ater aos principais, àqueles que figuram como verbos: “picar”, “cortar”, “capinar”, “enxadar”. No inglês nigeriano (*Nigerian English*), a palavra “*chop*” tem como seu significado mais usual o verbo “comer”, mas também pode ter o mesmo significado do verbo gastar (“*to spend*”), “consumir” (“*to consume*”), ou ainda, “desperdiçar” (“*to waste*”).

Este trecho foi bastante desafiador. A princípio, a palavra “*chop*” poderia ser utilizada apenas como “gastar”, já que as duas amigas estão falando sobre as compras do

mercado, que costumam fazer nas sextas-feiras. Entretanto, com um olhar um pouco mais cuidadoso, pode-se perceber que nele, mais uma vez, Emecheta faz questão de brincar com as palavras e explorar diferentes possibilidades oferecidas por um mesmo vocábulo, ao mesmo tempo. Sendo assim, entendemos que o verbo “*to chop*” é utilizado no diálogo em questão, tanto no sentido de “comer” quanto no sentido de “gastar”. Portanto, para a tradução de “*chop*” optamos por utilizar, a princípio, o verbo “beliscar”, que no português do Brasil também pode abarcar sentidos distintos, e que se aplicam aos contextos da conversa.

Nesse momento da narrativa, é mostrado que, por conta do mercado de sexta-feira, Moriammo, ao contrário de Kehinde, apressa-se em comer, enche a boca de comida, observa a amiga e pergunta, “*Why you dey chop small, small, like oyinbo?*”, que traduzimos como “Por que você tá beliscando tikin, tikin, que nem *oyinbo*?”. A ação da pergunta no texto-fonte, “*dey chop*”, é formada pelo verbo “*dey*” (“*to be*” em inglês padrão, e “ser” ou “estar”, em português padrão.), auxiliando o verbo “*chop*”. Na tradução, mantivemos o verbo “estar” enquanto, para a tradução de “*chop*”, escolhemos o verbo “beliscar”, que pode significar “comer uma porção mínima.” No entanto, ao contrário, da ocorrência verbal no texto-fonte que não apresenta uma marca de variação temporal, como geralmente ocorre em línguas de contato, preferimos utilizar “beliscando” ao invés de “beliscar”, para deixar claro para o leitor o que acontece na cena, no momento da fala.

Na sequência, Kehinde responde à amiga, “*Not be only oyinbos wey they chop small, small. In fact, sef, dem chop so so fast too. You never see those women wey dey sell cabbage for market chop?*”, que traduzimos como “Não é só *oyinbos* que belisca tikin, tikin. Na verdade... *sef!* Eis belisca tão tão rapo também... E cê nunca vê beliscar, aquelas mulheres que eis se amarra, reluta, p’ra gastar ni repoi ni mercado?” Acrescentamos reticências para indicar para os leitores certa incompletude e mudança nos pensamentos de Kehinde. A princípio, ela responde a Moriammo sobre o ato de comer pouco. Depois, redireciona o pensamento para o tema do mercado.

A partir de então, imaginamos o verbo “beliscar”, que significa “apertar com a unha com a ponta dos dedos” ou “tirar com os dedos pequena porção de (alimento)”, para falar sobre o ato de comprar pouco, pegar pouca coisa para comprar, no sentido de gastar pouco. Em seguida, incluímos a expressão coloquial “se amarrar”, a partir do verbo “amarrar”, que cobre sentidos distintos, e o verbo “relutar” como forma de explicação

para o leitor. Isto porque a palavra “*sell*” em inglês significa “vender”, mas também pode significar “um comprador difícil, relutante.”

A repetição de palavras para ênfase é uma característica bastante presente no texto pós-colonial como parte da representação do vernáculo. No trecho apresentado, vemos a repetição de “*small, small*”, que decidimos traduzir como “*tikin, tikin*”. Ao invés de utilizar uma forma característica da língua portuguesa pelo uso do sufixo de diminutivo, e que não ocorre na língua inglesa, preferimos criar “*tikin*” como uma forma estilizada de “*tiquinho*.”

Pode-se observar que nas falas Kehinde e Moriammo, em alguns momentos, não há realização de concordância de gênero e/ ou número. Por entendermos que são características de línguas de contato, a simplificação das estruturas, e que são menos marcadas na língua inglesa do que na língua portuguesa. Contudo essas ocorrências não acontecem de forma categórica, pois, são características variáveis no português falado no Brasil, de acordo com o perfil sociocultural do falante. Às vezes são realizadas de forma inconsciente. Entretanto, sem dúvidas, estes são aspectos da língua que, quando apresentados no texto ao leitor, causarão certo estranhamento pois, a depender do nível de escolaridade formal, há, de imediato, uma comparação com a versão culta da norma.

Outro ponto no texto de partida a ser comentado é a preposição “*for*” (“por”, “para”) da língua inglesa que, de forma recorrente, aparece em lugar da preposição “*in*” (“em”, no português brasileiro). Optamos pela substituição da preposição “em” por “ni”, que é recorrente em formas não-padrão da língua portuguesa no Brasil. Desta forma, a fala “*for market*”, no texto de partida, foi traduzida como “ni mercado” no texto-meta, ao invés de “no mercado”, suprimindo, inclusive, o artigo implícito. Assim como na fonte, grande parte dos artigos não foram realizados nas falas dos personagens na tradução. Teóricos como Lucchesi e Baxter (1997) discutem teorias que circundam a origem do uso de “ni” como preposição em variantes do português popular do Brasil e esteiam-se na influência do contato entre línguas africanas para a formação do português brasileiro. Entretanto, reconhecemos que tais teorias foram extremamente inspiradoras, porém, não foram decisivas para a nossa escolha.

Ao longo da tradução, também, utilizamos como estratégia a aglutinação, junção, ou a elisão de palavras, supressão de sílabas ou letras para formar novos itens lexicais, geralmente, privilegiando a sonoridade que a oralidade evoca. Sendo assim, traduzimos “*plenty shopping*” (“muitas compras”) como “**mundimercado**”, pela aglutinação das palavras “mundo de mercado”, significando “muitas compras para fazer no mercado”;

reduzimos a palavra proparoxíttona “rápido” para “**rapo**”, como tradução de “*fast*”, no contexto apresentado; também suprimimos o dígrafo “-lh” e, em seguida, decidimos suprimir também a vogal final “o” da palavra “repolho”, como tradução de “*cabbage*”, resultando na forma lexical “**repoi**”.

Ademais, grafamos o pronome “eles” como “**eis**”, ao longo do diálogo, como uma marca de interferência da oralidade.

Capítulo 2 - Extrato 2

Kehinde and Moriammo

Moriammo, with her dark brown eyes that were always edged with black *tiro*, peered closely at Kehinde.

‘What is the matter? *Abi*, you done quarrel with Alby?’

‘Oh, I no know, Moriammo. I don tell am say, I pregnant.’

‘Hm, him no happy? These our men just wan we get belly every time.

‘I beg stop-o, Moriammo. Your voice dey give me headache!’

Moriammo became thoughtful, chewing slowly and not saying anything for a while. Kehinde had been snappy all morning, whereas Kehinde and Albert should be happy that there was going to be another baby. After all, Bimpe was almost twelve now.

Kehinde pushed her beef burger away and said, ‘Sorry-o, Moriammo. Only say, sometimes I no understand that man I marry. He dey worry more for my job here for bank than for the *pikin*. And to

Kehinde e Moriammo

Moriammo, com seus olhos castanhos escuros, sempre delineados com *tiro* preto, olhou atentamente para Kehinde.

“Qual é o problema? você procurou briga com Alby, *abi*?”

“Ah, nunsei, Moriammo. Eu fui contar p’ra ele, digo, eu grávida.”

“Hum, ele nada de feliz? Esses nossos homens só faz a gente pegar barriga toda hora.”

“Eu imploro pare-o, Moriammo. Sua voz dolore-me a cabeça!”

Moriammo ficou pensativa, ruminando lentamente, sem dizer uma palavra por um tempo. Kehinde passara a manhã toda mal-humorada, quando Kehinde e Albert deveriam estar felizes pois teriam outro bebê. Afinal, Bimpe já estava com quase doze anos.

Kehinde colocou o seu café de lado e disse, “Desculpe-o, Moriammo. Só digo, às vezes eu num entendo esse homem qu’eu casei. Ele agonia mais por meu

make matters worse, him sisters write from home say make we return. Dem say money plenty for Lagos, and jobs dey go for two for half a penny.'

'Well, dat not be bad thing, *abi*? I wan go home too. My trouble be say Tunde no get qualification at all at all. Dat man, him no get no experience in anything except to write ticket for Nigeria Airways counter.'

They laughed again.

trabalho aqui ni banco do que por *pikin*. E p'ra piorar, as irmãs dele escreve de casa tentando fazer a gente voltar. Eis dizem que dinheiro amunda ni Lagos, e emprego tem de sobra."

"Bem, né nada mal, *abi*? Eu quero ir p'ra casa também. Meu problema é, digo, Tunde não tem qualificação nenhuma nenhuma. Aquele homi, num tem experiência ni nada só se for p'ra emitir passagem no balcão da *Nigeria Airways*.

Elas riram novamente.

Considerando que o diálogo apresentado, escrito por Buchi Emecheta nesse segundo extrato do capítulo 2 performa como um constructo linguístico, aspiramos lançar mão de certa criatividade para a criação de palavras, através de processos de formação lexical. Para tanto, verbalizamos substantivos, ao criarmos, por exemplo, o verbo "**dolorir**", a partir do substantivo "dor" e com sentido diferente do verbo "doer", no trecho "Sua voz **dolore-me** a cabeça!", nossa tradução para "*Your voice dey give me headache!*". Esta passagem, pela presença do verbo "estar" ("*dey*"), pensamos, inicialmente, em traduzir como "Sua voz está dolorindo minha cabeça!", utilizando outra forma do verbo criado. Mas, por fim, optamos por "dolore-me." Da mesma forma, para o trecho, "*He dey worry more for my job here for bank than for the pikin*", que traduzimos como "Ele **agonia** mais por meu trabalho aqui ni banco do que por *pikin*", criamos um verbo ao transformarmos o substantivo "agonia" na terceira pessoa do que seria o verbo "agoniar". Criamos ainda o verbo "amundar" para traduzir "*plenty*", que já havíamos traduzido como "mundo" no sentido de "muito" na expressão "mundimercado". E traduzimos o trecho, "*Dem say money plenty for Lagos, and jobs dey go for two for half a penny*" para "Eis dizem que dinheiro **amunda** ni Lagos, e emprego tem de sobra."

A palavra **tiro** que permanece não traduzida no corpo texto-fonte, assim como no corpo do texto-meta, está traduzida no glossário no final do romance e significa "*Kohl*" (antigo tipo de delineador para a maquiagem dos olhos).

Capítulo 2 - Extrato 3

Kehinde and Moriammo

Him be good man, though. They fit transfer him to home branch, you know Moriammo. Dem say our Naira almost be the same as pound. The value just dey rise every day.

‘I know, I dey see am every day for exchange rate table. But why you and Alby careless so, ‘specially as he no sure if him want any more *pikin*? Shame on you both. Dis na England, abi you done forget? Here two *pikin* dey fine.

‘Boh, go siddown my friend. You wan tell me say you and Tunde no dey do the tin for night again? Go siddown, boh. Who you dey deceive? Me? Wetin worry me be my promotion here. The smile disappeared from Kehinde’s face. ‘If I born this *pikin*, I go take almost one year off work. Boh, all this *wahala*!’

‘Na wa-o. After all the *wahala* wey you go through before dem ’gree promise to give you promotion. This trouble, na wa! We women no dey win anything for this world! I tink say Alby right to worry about it though. But, hmm, you go get the promotion. I dey sure.’

Kehinde e Moriammo

“Mas, ele ser bom homem. Eis capazem transferir ele p’ra filial de lá, você sabe Moriammo. Eis dizem que nosso Naira tá quase mesmo que libra. O valor tá só crescendo todia.”

“Sei, tô vendo ele todia ni tabela de taxa de câmbio. Mas por que você e Alby descuidaram tanto, ainda mais se ele não tava certo que queria *pikin*? Vocês dois deveriam se envergonhar. Aqui é Inglaterra, *abi*? Esqueceu? Aqui dois *pikin* tá bom.”

“Aff, peralá minha amiga. Cê quer me contar, digo, você e Tunde nuntão fazendo as coisas de noite de novo? Peralá. Quem você está enganando? A mim? Minha promoção aqui que me preocupa”. O sorriso desapareceu do rosto de Kehinde. “Se eu botar esse *pikin* ni mundo, vou tirar quase um ano de folga do trabalho. Aff, todo esse *wahala*!”

“Na wa-o! Não posso acreditar! Depois de todo o *wahala* que você passou que eis a’sentiru sua promoção. É de lascar o cano, sem condições, *na wa*! Nós mulheres não estamos ganhando nada nesse mundo! Mas eu penso, digo, Alby está certo de se preocupar. Mas,

‘Where I go get the promotion, enh? Where? Here or for Nigeria? *Abi*, you done deaf now? I tell you say, Albert’s sisters write say make we come home.’

‘So wetin wan do? Tanda here when Alby stay at home? You go let him stay home alone among those Nigerian acadas? **You no know say those young overeducated women dey thirst for been-to men as small baby they thirst for suck?** I no dey-o! make you think twice, my friend.’

‘My Alby not be like that. Him different. I fit swear with my life for him,’ Kehinde defended her husband. And she felt she was speaking the truth, since Albert had never given her cause to worry about unfaithfulness.

‘Kehinde, I beg, wake up-o; make you just wake up.’

‘Wetin you mean Moriammo? I tell you say Alby no be like that.’

Their attention was diverted by the entrance of two young women with six young children between them. The children looked pinched and deprived; the mothers harassed. It was not the first time Kehinde and Moriammo had seen them.

hum, você vai ter sua promoção. Tenho convicção.”

“Nonde que eu vou ganhar promoção, hein? Nonde? Aqui ou p’ra Nigéria? Resolveu fazer ouvidos de mercador agora, *abi*? Eu tô falando p’ra você, digo, as irmãs de Albert escreveram, digo, p’ra fazer a gente voltar p’ra casa.”

“Então o que cê quer fazer? Serelepear aqui enquanto Alby fikin casa? Cê vai deixa ele fikin casa, sozinho perto daqueles *acadas* nigerianas? Cê nunca viu, digo, aqueles menina superestudada do balacobaco sedentando homem feito como bebezins que sedentam por leite de mãe? Nunsei! Pense duas vezes, minha amiga.”

“Meu Alby não é assim. Ele é diferente. Eu posso jurar por minha vida,” Kehinde defendeu seu marido. Acreditava estar falando a verdade, já que Albert nunca lhe dera motivos para se preocupar com infidelidade.

“Kehinde, eu imploro, acorde-o, acorde logo.”

“Que cê quer dizer Moriammo? Eu garanto, digo, Alby num é assim.”

A atenção delas foi desviada pela entrada de duas jovens com seis filhos pequenos entre elas. As crianças pareciam tristonhas e carentes, as mães exauridas. Não foi a primeira vez que Kehinde e Moriammo as viram.

‘These ones na **one-parent family**. **Homeless**, too,’ Moriammo commented.

‘Ah, how you know that? They just be ordinary women with unemployed husbands.’

Moriammo shook her head. ‘No, I heard them talk the other day. Dem dey lie for that bed and breakfast place up Crouch Hill. Allah! I no understand why some women fit allow themselves to be trapped in such a situation. Why dem no get jobs, even if na ordinary cleaning?’

“Essas são famílias **sem-pai**. **Sem-teto**, também”, Moriammo comentou.

“Ah, como você sabe? Elas são apenas mulheres comuns com maridos desempregados.”

Moriammo balançou a cabeça. “Não, eu ouviu elas falar n’outro dia. Eis ficam naquela pensão, *bed & breakfast*, ni Crouch Hill. Allah! Não entendo por que algumas mulheres se permitem ficar presas nessa situação. Por que eles não arranjam trabalho, mesmo que seja uma faxina?”

Na passagem acima, verbalizamos adjetivos ao criarmos o verbo “serelepear” a partir do adjetivo “serelepe”, assim como criamos uma forma verbal a partir do adjetivo “capaz” e significando “ser capaz de” no trecho “Eis **capazem** transferir ele p’ra filial de lá, cê sabe Moriammo”, nossa tradução para “*They fit transfer him to home branch, you know Moriammo*”, onde “*fit*”, de forma incomum no padrão inglês, significa “poder”, “ser capaz”. Verbalizamos também o adjetivo “sedento” para a forma verbal “sedentar”, de duas formas no trecho “Cê nunca viu, digo, aqueles menina superestudada, do balacobaco, sapeca, **sedentando** homens feitos como bebezinhos que **sedentam** por leite de mãe?”

Mais uma vez, aglutinamos palavrando para formar novos itens lexicais como em “peralá” (“espera lá”), nuntão,” (“não estão), “fikin” (Versão estilizada de “ficar em casa.”); “superestudada” (como um adjetivo formado pelas palavras super + estudada). Palavras como “*pikin*” (criança”) e “*whalala*” (“problema”) não foram traduzidas no corpo de ambos os textos, fonte e meta, mas encontram-se no glossário do livro.

No trecho “Essas são famílias sem-pai. Sem-teto, também”, Moriammo comentou”,. nossa tradução para ‘These ones na one-parent family. Homeless, too,’ Moriammo commented”, assim como “one-parent” no texto-fonte, “sem-pai” performa como um adjetivo no texto-alvo, assim como sem-teto, garantindo, inclusive, a estratégia de repetição, comum no texto pós-colonial.

Capítulo 2 - Extrato 4

Kehinde and Moriammo

A thoughtful pause followed, during which two black women, well established in their jobs and in their homes, scrutinized the two younger women.

‘And dis be dem country too. I think they just lazy,’ whispered Moriammo, who could only see that the women were white. ‘You know Tunde’s cousin, Abeke, she dey read to be a sociologist. She don tell me say some of these women just get pikin, so the government go give them flat. Look that one, wetin she won do with three pikin when she self still be one?’

‘Well this story done get K-leg, as we say for Eko. Boh my sister, make we dey go, we get shopping to do,’ said Kehinde. ‘I didn’t touch this food. I wonder, would they be offended if I gave it to them?’

Moriammo shrugged her shoulders. She put on her coat and patted her hair into place, making sure she did not look at the young women and their families. ‘Make you try, now they fit only say no. women like them, no dey have racial prejudice. They can’t afford it.’

Kehinde e Moriammo

Seguiu-se uma pausa silenciosa, durante a qual duas mulheres pretas, bem estabelecidas em seus empregos e em seus lares, escrutinaram as duas mulheres mais jovens.

“E esse é país delas também. Eu penso que elas são é molenga,” cochichou Moriammo, que só conseguia enxergar que as mulheres eram brancas. “Cê sabe a prima de Tunde, Abeke, ela estuda p’ra ser socioga. Eis que me disse a mim, digo, algumas dessas mulheres só arranjam *pikin*, aí governo dá casa p’ra elas. Olh’ali, aquela com três *pikin*! *Pikin*, ela mesma, com três *pikin*!”

“Bem, como a gente diz ni Eko, essa história já tá uma *K-leg*, uma lenga-lenga. Vamos, minha irmã, vamoino, a gente tem mercado p’ra fazer,” disse Kehinde. “Eu nem toquei nessa comida. Será que elas ficariam ofendidas se eu oferecesse a elas?”

Moriammo encolheu os ombros. Vestiu o casaco e ajeitou os cabelos, certificando-se de não olhar para aquelas jovens e suas famílias. “Tente, agora eis só podem no máximo dizer não. Mulheres como elas não têm preconceito

Kehinde got up. With unsure steps she walked to the older of the two women. She whispered, ‘I ordered food, but I haven’t touched it. I don’t feel hungry, I’m expecting a baby you see, still very early. I’m going through the sickness stage.’

‘Are yer? I know all about it. Ta very much. Jodiiiiii, bring that plate over. The lady gave it to us.’

‘The beef burgers and all? Corrr!’ cried five-year-old Jodi, as he dashed towards the table at which Kehinde and Moriammo had been eating. He was so unabashed that everybody laughed.

‘You done do your Christian act for the day,’ commented Moriammo, as they walked away. ‘Poor kid. Must be hard though, raising kids in this town with no husband.’ The child’s naturalness had apparently touched her heart.

‘Yes, and no home. Well, we work hard for what we have. I don’t have much sympathy for them. Some women choose a life like that to prove how tough they can be.’

‘Come on, Kehinde, no sane woman go choose such a life. Na just by mistake or hard luck. Not everybody get good luck for this world, you know.’

‘I tell you, I have seen such a woman. She’s a townwoman of ours. She has six

racial. Elas não têm bufunfa p’ra bancar.”

Kehinde levantou-se. A passos tímidos, caminhou até a mais velha das duas mulheres. E cochichou, “Eu pedi esta comida, mas nem toquei nela. Eu não estou com fome, estou esperando um bebê, ainda no início. Estou na fase dos enjoos.”

“Você tá? Eu sei tudo sobre isso. Brigada mesmo. Jodiiiiii, traga esse prato aqui. A senhora nos deu comida.”

“Os hambúrgueres e tudo? U-hu!” gritou Jodi, de cinco anos, enquanto corria em direção à mesa à qual Kehinde e Moriammo tinham estado. Ele estava tão sem-vergonha que todos riram.

“Fez sua ação cristã do dia,” comentou Moriammo, enquanto elas saiam. “Pobre garota. Deve ser difícil criar filhos nesta cidade sem marido.” A naturalidade da criança aparentemente tocou seu coração. “Sim, e sem-lar. Bem, a gente trabalha duro pelo que a gente tem. Eu não tenho muita empatia por elas. Algumas mulheres escolhem uma vida assim p’ra provar o quão duronas podem ser.”

“Peralá, Kehinde, nenhuma mulher de sã consciência vai escolher uma vida assim. Só se for por engano ou azar. Não é todo mundo que tem sorte nesse mundo, cê sabe.”

kids. She said her husband beat her, so she left him. Of course, the man disappeared. The woman now lives in a council flat – one of those dangerous and filthy ones. What annoys Alby is that she noises any little success she has, as if we all cared. The other day, she gave a party because she had bought a sewing machine. Imagine!’

Moriammo laughed. ‘Well, *oyibos* do that too. I’ve seen it in *Fiddler on the Roof*. The young couple invited the whole village because they had bought a new sewing machine. They called it a new arrival.’

“O Moriammo, be serious. Alby no dey allow me to associate with such women. We no get anything in common!”

‘But dat women get heart-o. Six *pikin!* *Allah Baba!*’

‘And she is so well educated too. She would have known better

‘Maybe too much book bad for women. Tunde don dey say so often. If she no be so much *acada*, she for don stay for her children at least. Now the husband dey enjoy. And when the children don grow finish, them go forgive them papa. Allah, please lend a hand to the women of the world.

‘Exactly, that’s what I been dey say. Monkey they work, baboon dey chop.’

“Eu digo a você, eu conheço uma mulher assim. Ela é de nosso bairro. Ela tem seis fiu. Ela disse que o marido batia nela, aí, ela deixou ele. Claro que o homi desapareceu. A mulher agora mora num *council flat* – um daqueles prédios perigosos e imundos para pessoas de baixa renda. O que irrita Alby é que ela alardeia toda e qualquer coisa que consegue, como se todos nós nos importássemos. Outro dia ela deu uma festa porque tinha comprado uma máquina de costura. Imagine!”

Moriammo riu. “Bem, *oyibos* fazem isso também. Eu assisti ni ‘*Fiddler on the Roof*’. O jovem casal convidou toda a vila porque tinham comprado uma máquina de costura nova. Chamaram de uma aquisição recém-chegada.”

“Oh Moriammo, sério. Alby não permite que eu ande com esse tipo de mulher. Nós não temos nada em comum!”

“Mas essa mulher tem coração-o. Seis *pikin!* *Allah Baba!*”

“E ela é tão bem instruída também. Deveria entender mais

“Talvez muito livro seja ruim p’ras mulheres. Tunde ele dizia isso todaora. Se ela não é tão tão *acada*, ela ficou com os fiu pelo menos. Agora, os marido tão é aproveitando. E quando os fiu adultece,

‘Wetin be im name self, this your townswoman? Just curious.

‘Her name na Mrs. Elikwu – Mary Elikwu,’ Kehinde spat.

‘Allah, lend a hand. Una women too stubborn, self. Six pikin, no be joke-o.

By the door, Moriammo, laid a hand on Kehinde’s shoulder and confided in a low tone. ‘You know I go try make another child. You never know, maybe I get lucky and have a man-child this time after two girls.’

‘Moriammo, you be copy cat.’

‘I know. Better than being jealous.’

‘You tink say Tunde go gree?’

‘I go make am gree. By force!’

They laughed helplessly as they crossed the road and entered the big supermarket in front of the clock tower. Moriammo took two wire baskets from the stack by the automatic doors and gave one to Kehinde.

‘Thank you, my friend.’

‘Any time,’ said Moriammo, in a voice like a song.

eis perdoa papaizin. Allah, por favor, estenda a mão às mulheres do mundo.

“Exatamente, isso que eu digo, macaco trabai, babuíno come.”

“Qual mesmo o nome da mulher do seu bairro? Só curiosidade.”

“O nome dela é Sra. Elikwu – Mary Elikwu,” Kehinde debochou.

“Allah, dá uma mão. Uma mulher muito cabeça dura, ela. Seis pikin, né brincadeira-o.”

Próximo à porta, Moriammo, colocou a mão sobre o ombro de Kehinde e confidenciou baixinho. “Cê sabe eu vou tentar outro filho. Nunca se sabe, talvez eu tenha sorte e ganhe um varão dessa vez depois de duas meninas.”

“Moriammo, oc’er imitona.”

“Eu sei. Melhor do que ser ciumenta.”

“Cê acha, digo, Tunde vai aceitar?”

“Eu vou fazer ele aceitar. A força!”

Elas riram sem parar enquanto atravessavam a rua e entravam no grande supermercado em frente à *clock tower*. Moriammo pegou duas cestas de arame da pilha próxima às portas automáticas e deu uma a Kehinde.

“Obrigada, minha amiga.”

“Sempre,” disse Moriammo, numa voz que soava como uma canção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação, propôs a feitura de uma tradução comentada inédita de parte do livro *Kehinde* (1994) da autora nigeriana Buchi Emecheta para o português brasileiro, com o intuito de contribuir, de alguma maneira, para os Estudos da Tradução em geral, sobretudo, os estudos da tradução de literatura pós-colonial. E desta forma, fomentar a presença de uma pluralidade de vozes na esfera dos estudos da tradução literária e no polissistema literário brasileiro.

A escolha do romance *Kehinde* (1994) como *corpus* desta pesquisa foi motivada pela trajetória de sua autora, Buchi Emecheta, sua escrita criativa e sensível, e pelo caráter social e político da obra. Consideramos também a necessidade de mais traduções de obras oriundas de sistemas não-hegemônicos, para uma crescente inserção e circulação de tais obras no mercado literário brasileiro, além de uma maior investigação a respeito da tradução de literatura pós-colonial no Brasil. Entretanto, é inegável a influência que nos incentivou pela possibilidade de traduzirmos um romance de uma escritora nigeriana, um texto tão desafiador para o tradutor e, ainda, inédito em português brasileiro.

Acreditamos que através das literaturas africanas anglófonas, escritoras e escritores como Buchi Emecheta, e tantos outros, revelam a cultura africana vivenciada, cunhada na experiência do pós-colonialismo. E, através da tradução, este conhecimento pode ser difundido para o público brasileiro.

Portanto, ao assumirmos a tarefa de reconstruir o texto de *Kehinde* (1994) em português do Brasil, ao longo do processo tradutório e descritivo, servimo-nos de grandes desafios que nos exigiram, sem dúvidas, um envolvimento bastante criterioso. Desta forma, realizamos uma série de leituras que foram cruciais para a formulação do nosso embasamento teórico durante a investigação feita, e através das quais direcionamos o nosso trabalho. Contudo, findamos esta dissertação, imbuídos da certeza de termos concluído uma tarefa extremamente gratificante. Ademais, propomo-nos, então, a revisitar o caminho trilhado durante este trabalho para que possamos refletir a respeito da tarefa realizada.

A pesquisa desenvolveu-se num âmbito descritivo. Para tanto, apresentamos no primeiro capítulo os teóricos e as teorias da Tradução que embasaram o nosso trabalho e as nossas escolhas. Discorreremos sobre a Teoria dos Polissistemas, de Itamar Even-Zohar (1939-), e os estudos descritivos propostos por Toury (1942-2016), e também as

contribuições trazidas para os estudos descritivos por teóricos de extrema relevância como Lefevere (1945-1996), Lambert (1941-) e Holmes (1924 -1986). Tais teóricos, conforme supracitado, não apenas redirecionaram, como mapearam os caminhos da tradução enquanto disciplina acadêmica, desvendaram o pensamento científico sobre tradução, aliando uma base teórica bastante fundamentada à uma prática constante.

Juntos, os teóricos polissistêmicos e descritivistas chegaram a um valioso lastro teórico que respalda a pesquisa teórica e prática em tradução e, desta forma, possibilitaram um melhor entendimento acerca do processo tradutório. Não há dúvidas de que “a química funcionou”. Acreditamos, de fato, que o valor do legado construído por tais teóricos é imensurável e que ainda há muito a ser feito em Estudos de Tradução a partir de seus trabalhos.

Por conseguinte, ao desenvolvermos o segundo capítulo, tendo em vista a relevância dos ambientes culturais no processo tradutório, reivindicada pelas teorias polissistêmicas e descritivistas, refletimos sobre a teoria pós-colonial e a tradução de literatura pós-colonial, a partir de expressivos teóricos como Bill Ashcroft, Gareth Griffiths, Helen Tiffin, Susan Bassnet, Tejaswini Niranjana, Gayatri C. Spivak, Homi Bhabha, Jane Tutikian, entre outros. Para tanto, primeiramente, apresentamos o caminho percorrido pela língua inglesa até sua implementação na Nigéria, abordamos o papel e a atuação da evangelização missionária durante esse percurso. Em seguida, analisamos o contexto em que surgiu a literatura pós-colonial, subvertendo os padrões de valores hegemônicos e elucidando, portanto, as multiplicidades culturais que compõem o panorama mundial. Trouxemos, ainda, outras questões, como a ética na Tradução e o papel do tradutor enquanto mediador de culturas, de extrema relevância para o tradutor e para a prática de tradução de literatura pós-colonial. Nesse sentido, abordamos o conceito de “tradução cultural”, elaborado por Pym (2017), sob uma perspectiva de interesse nos sujeitos.

Para Emecheta (1986), “Escrever pode ser uma prática terapêutica e autobiográfica, ainda mais, porque proporciona uma visão caleidoscópica da vida de alguém.”⁵¹ (EMECHETA, 1986, p. 3. Trad. nossa). Nesse sentido, a partir de sua escrita autobiográfica e de trabalhos de Katherine Fishburn, Susan Arndt, Theodora A. Ezeibo, Marie Umeh, Christine W. Sizemore, Tom Spencer-Walters e Shalini Nadaswaran, entre outros, direcionamos o texto para a vida e a obra de Buchi Emecheta (1944 – 2017),

⁵¹ Writing can be therapeutic and auto biographical writing even more or so, as it affords one a kaleidoscope view of one’s life

considerada a mais profícua escritora da segunda geração literária nigeriana. Discorremos sobre os diferentes espaços socioculturais e contextos de vida que atravessou, os deslocamentos que vivenciou, e suas lutas, muitas vezes, para não sucumbir. Exaltamos sua escrita, construída a partir de uma perspectiva de multiculturalismo e hibridismo. Ademais, discutimos como a relação intrínseca da romancista e suas personagens ecoa sua defesa pela emancipação da mulher nigeriana e como busca levar ao leitor traços identitários de seu contexto cultural. Afirmamos sua trajetória como contadora de histórias e acadêmica de prestígio, e destacamos a relevância de seu legado. E seguida, discorremos sobre o livro *Kehinde* (1994), escrito por Emecheta e que compõe o *corpus* desta pesquisa.

O terceiro capítulo dá conta da prática tradutória deste trabalho. Nele, consta a tradução comentada, partindo do modelo descritivo proposto por Toury (1995), através do qual apresentamos a descrição de escolhas feitas e soluções utilizadas durante do processo tradutório de *Kehinde* (1994) para o português do Brasil, de aspectos linguísticos e culturais, presentes no texto-fonte, de Buchi Emecheta, considerando sua relevância no contexto cultural receptor.

Escolhemos trabalhar com os dois primeiros capítulos da obra eleita como objeto de estudo desta dissertação. Optamos por realizar a tradução de tais capítulos de *Kehinde* (1994), pela riqueza de detalhes que a escrita de Emecheta traz já nos dois primeiros capítulos e, conseqüentemente, desafios para o tradutor. E, por acreditarmos que, também por serem os capítulos iniciais, representam a base para futuros outros trabalhos.

Nomeamos os trechos que abrigam tais traduções como “A tradução do capítulo 1” e “A tradução do capítulo 2”, assim como nomeamos o presente trabalho como “A tradução da literatura pós-colonial de *Kehinde* de Buchi Emecheta para o português brasileiro”. Não fizemos essas escolhas por oferecermos uma tradução definitiva, mas um trabalho de tradução e análise descritiva que lida com os diferentes aspectos que circundam o fazer tradutório do texto em questão.

Para este projeto de tradução, lidamos com um material bastante desafiador. Trabalhamos com um texto denso sob uma perspectiva cultural e linguística, com muitas informações a serem reescritas. Portanto, precisamos fazer uma série de escolhas tradutórias durante o processo, o que, certamente, nos exigiu leituras diversas para dar conta dos contextos históricos e socioculturais envolvidos, pois, lidamos com uma escrita mediada pelo hibridismo cultural. Em *Kehinde* (1994), o discurso pós-colonial, claramente, é desenvolvido no sentido de expor diferenças culturais. A narrativa de

Emecheta, através de marcas estilísticas, delinea personagens e faz emergir as diferentes identidades em movimento.

Desta forma, primeiramente, foi preciso analisar o texto de partida de forma criteriosa, reconhecer as estratégias utilizadas pela autora e identificar quem são os sujeitos envolvidos nas cenas, posto que, como uma das decisões primeiras, optamos pelo não apagamento dos sujeitos.

Entendemos que, ao traduzirmos um texto pós-colonial, assumimos um compromisso com o Outro. Justamente porque entendemos também a tradução como um veículo de conhecimento, ao qual o público leitor tem a oportunidade de acesso. Inclusive, porque entendemos que o conhecimento que adquirimos a respeito do Outro também nos constrói.

Sendo assim, acreditamos que em congruência com a escrita de Emecheta, ao reconstruirmos o seu texto, optamos por mais estratégias de estrangeirização do que de domesticação e buscamos manter as estratégias da literatura pós-colonial presentes no texto. Entretanto, buscamos equilibrá-las no sentido de racionalizar o impacto das nossas decisões sobre o público leitor.

Muitas escolhas durante o processo tradutória são também intuitivas. É inegável que o tradutor, ao traduzir, traz em sua bagagem, um conhecimento prévio acumulado, todavia, para além da pesquisa acadêmica, são vivências e memórias que compõem a identidade do tradutor e individualizam a sua prática. Entretanto, um não exclui o outro.

Arrojo (1992) discute a tradução conforme a imagem do palimpsesto. Aponta que o texto traduzido não reproduz na íntegra um conjunto de elementos estáveis pois, segundo a autora, só podemos ter acesso a um texto através de uma leitura ou interpretação. E tal atividade interpretativa é concebida pela história pessoal, social e coletiva do tradutor/leitor.

Mediante nossa prática tradutória, ao recriarmos o texto de *Kehinde* (1994) para o português brasileiro, deparamo-nos com uma série escolhas tradutórias bastante. Contudo, acreditamos que, a princípio, apenas uma ampla pesquisa relacionada pode nos garantir um direcionamento. Justamente por isso, mencionamos a importância do tradutor como um pesquisador.

À medida que cresce o interesse por literaturas africanas no Brasil, desejamos que seja consolidada a importância do conhecimento de suas culturas no ambiente receptor brasileiro. Esperamos que, de alguma forma, essa dissertação possa colaborar com futuras traduções e futuros trabalhos de pesquisa acadêmica em Estudos da Tradução,

principalmente, no âmbito da tradução de literatura pós-colonial. Desta maneira, desejamos, ainda, poder promover visibilidade sobre o trabalho de Buchi Emecheta, tendo em vista a relevância de sua obra. Esperamos que este trabalho possa figurar como uma forma de divulgação da história da escritora, sua trajetória e seu legado. Confiamos que, pessoalmente, este configura o primeiro passo de uma jornada.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Trad. Julia Romeu. Companhia das Letras, 2019.
- ADICHIE, Chimamanda. *The Danger of a single story*. YouTube, 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&t=617s>
- ANCHIETA, Amarílis; PEREIRA, Fernanda A. Escritores nigerianos no Brasil: tradução de um sistema em formação. In: PEREIRA, Germana Henriques (Org.). **História da Tradução: ensaios de teoria, crítica e tradução literária**. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 197-214, 2015.
- ANCHIETA, Amarílis Macedo Lima Lopes de Anchieta. **Tongue-tied: traduzindo os contos em guerra de Chinua Achebe**. (Mestrado em Estudos da Tradução). Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2014, 194 f. Dissertação de mestrado em Estudos da Tradução, Brasília, 2014.
- ARNDT, Susan. *Buchi Emecheta and the Tradition of Ifo: Continuation and “Writing back”*. In: UMEH, Marie (ed.) *Emerging Perspectives on Buchi Emecheta*. Trenton: Africa World Press, Inc. 1996. p. 27-56.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. São Paulo: Ática, 1992.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *Key Concepts in Postcolonial Studies*. London: Routledge, 1998.
- ASHCROFT, Bill; GRIFFINS, Gareth; TIFFIN, Helen. **The Empire Writes Back**. London/ New York: Routledge, 2002.
- BANDIA, Paul. **O conceito bermaniano de “estrangeiro” sob o prisma da tradução pós-colonial**. *Belas Infieis*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 205-221, 2020. Trad. por: Andressa F. Oliveira, Maria Angélica Deângeli. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/28143/25089>
- BANDIA, Paul. *Translation as Reparation. Writing and Translation in Postcolonial Africa*. New York: St Jerome Publishing, 2008.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. 3. ed. Campinas, SP: Editora Pontes, 2020.
- BASSNETT, Susan. *Translation*. New York: Routledge, 2014a.
- BASSNETT, Susan. *Translation Studies*. 4th ed. New York: Routledge, 2014b.

- BASSNETT, Susan; LEFEVERE, André (Ed.). *Translation–History–Culture. A Sourcebook*. London and New York: Routledge, 1992.
- BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. *Post-Colonial Translation: Theory and Practice*. London: Routledge, 1999.
- BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro**. Trad. M. E. Pereira Chanut, São Paulo: EDUSC (original 1984) 2002.
- BERRIAN, Brenda F., “*Her Ancestor’s Voice: The Ibeji Transcendence of Duality in Buchi Emecheta’s Kehinde*,” In: Marie Umeh (ed.), *Emerging Perspectives on Buchi Emecheta*. New Jersey: Africa World Press, 1996.
- BHABHA, Homi. O local da cultura. Trad.: Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BOAHEN, Albert Adu. **História geral da África. VII: África sob dominação colonial, 1880-1935**. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010.
- BOEHMER, Elleke. **Colonial and postcolonial literature: migrant metaphors**. 2ª ed. Oxford: OUP, 2005.
- Bosi A. **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. 2a ed. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2003.
- CHRISTENSEN, Matthew J. Emecheta, Buchi. *Kehinde*. Ufahamu: A Journal of African Studies, 22(3) 1994. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/2dc494hz>
- COX, Margareth A. Buchi Emecheta: Re-Imaging the African Feminine Self. In: PANDURANG, Mala; BARTELS, Anke (ed.). *African women novelists: re-imaging gender*. New Delhi: Pencraft International, 2010.
- DE SOUZA, Emerson Santos; DE OLIVEIRA, Josane Moreira; DE ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes. **Minha mãe mora ni Feira: O uso da preposição ni no Brasil e sua relação com as línguas africanas**. Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura, 2016.
- EMECHETA, Buchi. *Head above Water*. Londres/ Nigéria: Heinemann, 1986.
- EMECHETA, Buchi. *Kehinde*. Long Grove: Waveland Press, Inc., 1994.
- EMENNYONU, Ernest N. *Technique and language in Buchi Emecheta’s The Bride Price, the Slave Girl, and The Joys of Motherhood*. In: UMEH, Marie (ed.) *Emerging Perspectives on Buchi Emecheta*. Trenton: Africa World Press, Inc. 1996. p. 252-278.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. *Polysystem Studies*. Poetics Today: International Journal for Theory and Analysis of Literature and Communication, v. 11, n. 1, 1990.

- EVEN-ZOHAR, Itamar. *The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem*. In: Venuti, Lawrence (ed.). **The Translation Studies Reader**, New York: Routledge, 4^a ed. pp. 191-196, 2021.
- EZEIBO, Theodora Acachi. *Tradition and the African Female Writer: The Example of Buchi Emecheta*. In: UMEH, Marie (ed.) **Emerging Perspectives on Buchi Emecheta**. Trenton: Africa World Press, Inc. p. 5-25.1996.
- FERREIRA, A.M.A. “Traduzir-se po-eticamente”. *Aletria (UFMG)*, v. 30, p.43-64, 2020.
- FISHBURN, Katherine. **Reading Buchi Emecheta: Cross-Cultural Conversations**. Westport: Greenwood, 1995.
- GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. Trad: Marcos Malvezzi. 2^a ed. rev. São Paulo: Madras, 2009.
- GENTZLER, Edwin. **Contemporary translation theories**. London/ New York: Routledge, 1993.
- GLISSANT, Édouard. *Poetics of relation*. University of Michigan Press, 1997.
- GÜNDÜZ, E. *Kehinde: Floundering between Two Opposite Worlds*. *Cankaya University Journal of Humanities and Social Sciences* 11 (2014): 65-74
- HARRIS, Leila. **Kehinde, de Buchi Emecheta: o Lar na diáspora, a diáspora como lar**. In: *Revista Libretos*, p. 7-21, 2018.
- HAWLEY, John C., *Coming to Terms: Buchi Emecheta’s Kehinde and the Birth of a Nation*, In: Marie Umeh (ed.) **Emerging Perspectives on Buchi Emecheta**. New Jersey: África World Press, 1996.
- HERMANS, Theo (ed.). *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translations*. New York: Routledge, 2014.
- HERMANS, Theo (ed.). Introduction: Translation Studies and a New Paradigm. In: *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translations*. Londres: Crom Helm, 1985.
- HERMANS, Theo. Introduction: Translation Studies and a New Paradigm. In: *The Manipulation of Literature: Studies in Literary Translations*. New York: St. Martin’s Press, 1985.
- HERMANS, Theo. *Translation in Systems: Descriptive and System-oriented Approaches Explained*. Manchester: St. Jerome Publisher, 1999.
- HOLMES, James S. *The name and nature of translation studies*. **Translated! Papers on literary translation and translation studies**, v. 2, p. 67-80, 1972.

- HUGGAN, Graham. *Post-coloniality*. In: KNOTT, Kim; MCLOUGHLIN, Seán (ed.). *Diasporas: Concepts, intersections, identities*. Londres/ Nova York: Zed Books, p. 55-58. 2010.
- IGBOANUSI, Herbert. *Igbo English in the Nigerian novel*. Ibadan: Enicrownfit Publishers, 2002.
- JAMES, Adeola. Buchi Emecheta. James, Adeola: *In their own voices, African women writers talk*, London, p. 35-45, 1990.
- KNOTT, Kim; MCLOUGHLIN Seán (ed.). *Diasporas: Concepts, intersections, identities*. Londres/ Nova York: Zed Books. 2010
- KODJO, Edem e CHANAIWA, David. Pan-africanismo e libertação In: MAZRUI, Ali (ed.) **História Geral da África VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, p. 897-924, 2010
- LACOSTE, Yves (Org.); RAJAGOPALAN, Kanavillil. **A geopolítica do inglês**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- LAMBERT, José; VAN GORP, Hendrik. *On describing translations*. In: HERMANS, Theo (ed.). *The manipulation of literature: studies in literary translation*. New York: Routledge Revivals. 2014. p. 42-53.
- LEFEVERE, André. **Tradução, reescrita e manipulação da fama literária**. Bauru: Edusc, 2007.
- LEFEVERE, André. *Why waste our time on rewrites?* In: HERMANS, Theo (ed.). *The manipulation of literature: studies in literary translation*. New York: Routledge Revivals. 2014, p. 215-43.
- LOPES, Nei. **Bantos, malês e identidade negra**. 4ª Edição Revisada e Ampliada. Autêntica, 2021.
- LOPES, Nei. **Novo dicionário banto do Brasil**. 2ª Edição Revisada e Ampliada. Pallas, 2020.
- LUCCHESI, D. BAXTER, A. A relevância dos processos de pidginização e crioulização na formação da língua portuguesa no Brasil. **Revista Estudos Linguísticos e Literários**, n. 19, mar. 1997.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Orgs.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- MARTINS, Márcia Amaral Peixoto. *Descriptive translation studies: uma revisão crítica*. **Gragoatá**. Niterói, n.13, p. 33-49, 2. sem. 2002.

- MAZRUI, Ali (Ed.) **História Geral da África VIII: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010
- MILTON, John. **Tradução: Teoria e Prática**. Martins Fontes: 1998.
- MESCHONNIC, Henri. **Linguagem: ritmo e vida**. Tradução de Cristiano Florentino. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2006.
- MESCHONNIC, Henri. **Poética do traduzir**. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- MUNDAY, Jeremy. **Introducing Translation Theories**. London/New York: Routledge, 2016. ISSN 1799-2591 Theory and Practice in Language Studies, Vol. 12, No. 9, pp. 1703-1710, September 2022 DOI: <https://doi.org/10.17507/tpis.1209.01>
- NADASWARAN, Shalini. *The Legacy of Buchi Emecheta in Nigerian Women's Fiction*. **International Journal of Science and Humanity**. 2/2 (March 2012).
- NIRANJANA, Tejaswini. *Siting translation: history, post-structuralism and the colonial context*. Berkeley: University of California Press, 1992.
- OGUNDELE, Oladipo J. *A Conversation with Dr. Buchi Emecheta*. In: **Emerging Perspectives on Buchi Emecheta**, p. 445-56, 1996.
- OHAETO, Ezenwa. *Tropes of Survival: Protest and Affirmation in Buchi Emecheta's Autobiography, Head Above Water*. In: UMEH, Marie (ed.) **Emerging Perspectives on Buchi Emecheta**. Trenton: Africa World Press, Inc. p. 348-365.1996.
- OKOME, Onookome. **Obituary: Buchi Emecheta (1944–2017)**. 2017. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0021989407078575> . Acesso em: 19 de novembro de 2022.
- ONWORDI, Sylvester. *Remembering my mother Buchi Emecheta, 1944-2017*. **The New Statesman**. Londres: 2017. Disponível em: <https://www.newstatesman.com/culture/2017/01/remembering-my-mother-buchi-emecheta-1944-2017> . Acesso em: 10 de novembro de 2022.
- PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade**. Tradução: Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/ UFGM, 2009.
- PEREIRA, Fernanda A.; ANCHIETA, Amarílis. Escritores Nigerianos no Brasil: Tradução de um Sistema Literário em Formação. In: SOUSA, Germana H. P. (Org). **História da Tradução: ensaios de teoria crítica e tradução literária**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 197-213. v. 1.
- PYM, Anthony. **Explorando teorias da tradução**. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

- RAJAGOPALAN, Kanavillil. *Linguistics and the myth of nativity: Comments on the controversy over 'new/ non-native Englishes'*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1996.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.
- RHYS-TAYLOR, Alex. *Food and multiculture: A sensory ethnography of East London*. Routledge, 2020.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Editora Nova Fronteira, 1984.
- SAID, Edward. *Culture and imperialism*. Nova York: Knopf, 1993.
- SAID, Edward. *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Trad.: Sandra Nitri. São Paulo. Aderaldo & Rothschild, 2008
- SÉBILLE-LOPEZ, P. Os britânicos e a língua inglesa na África em geral e na Nigéria em particular. LACOSTE, Y. RAJAAGOPALAN, K. [orgs.] *A Geopolítica do Inglês*. São Paulo: Parábola, 2005.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio “**Eu é um outro**”: a tradução como criação do próprio e encontro festivo. *Revista Santa Barbara Portuguese Studies*, University of California Santa Barbara, Vol 3 **Theory and practice of Translation in the Portuguese Speaking World**, 2019. Disponível em: https://sbps.spanport.ucsb.edu/sites/default/files/sitefiles/10_Seligmann.pdf
- SELIGMANN-SILVA. **Decolonial, des-outrização**: imaginando uma política pós-nacional e instituidora de novas subjetividades (1ª parte). 3 de junho de 2020. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/opiniao/decolonial-des-outrizacao-imaginando-uma-politica-pos-nacional-e-instituidora-de-novas-subjetividades-parte-1/> (Acesso agosto 2020).
- SIZEMORE, Christine W., “*The London Novels of Buchi Emecheta*,” In: Marie Umeh (ed.), *Emerging Perspectives on Buchi Emecheta* (New Jersey: Africa World Press, 1996).
- SNELL-HORNBY, Mary. *Translation studies: an integrated approach*. Amsterdã e Filadélfia: John Benjamins, 1998.
- SPENCER-WALTERS, Tom. *Orality and Patriarchal Dominance in Buchi Emecheta's The Slave Girl*. In: UMEH, Marie (ed.) *Emerging Perspectives on Buchi Emecheta*. Trenton: África World Press, Inc. 1996. p. 125-140.

- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- STEINER, Tina. *Translated people, translated texts*. Manchester e Linderhook: Routledge, 2009.
- THIONG'O, Ngugi wa. *Decolonising the mind: the politics of language in African literature*. Londres: Heinemann, 1986.
- TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and beyond*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins, 1995.
- TOURY, Gideon. *Descriptive Translation Studies and beyond (Revised Edition)*. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins, 2012.
- TUTIKIAN, Jane. **Inquietos olhares: A construção do processo de identidade nacional nas obras de Lídia Jorge e Orlanda Amarílis**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.
- TYMOCZKO, Maria. 'Post-colonial writing and literary translation.' In: BASSNETT, Susan; TRIVEDI, Harish. (org.). *Post-colonial translation: theory and practice*. Londres: Routledge, 1999.
- TYNIANOV, Yuri. **Permanent Evolution: Selected Essays on Literature, Theory and Film**. Tradução e edição: Ainsley Morse e Philip Redko. Academic Studies Press, 2019. 2019.
- UMEH, Marie (ed.) *Emerging Perspectives on Buchi Emecheta*. Trenton: África World Press, Inc. 1996
- UMEH, Marie. *Igbo Women and Culture*. New Jersey: Africa World Press, 1996.
- VENUTI, Lawrence. *The scandals of translation: towards an ethics of difference*. London: Routledge, 1992.
- VENUTI, Lawrence. *Rethinking translation - discourse, subjectivity, ideology*. Londres: Routledge. 1992.
- VENUTI, Lawrence. *The translator's invisibility: a history of translation*. London: Routledge, 1995.
- VENUTI, Lawrence. **Escândalos da tradução**. Trad. L. Pelegrin, L Marcelino Villela, M. Dias Esqueda, V. Biondo. São Paulo: Editora UNESP, 2019.
- VENUTI, Lawrence. *The scandals of translation: Towards an ethics of difference*. Routledge, 1998.
- VENUTI, Lawrence (ed.). *The Translation studies reader*. London: Routledge, 2000.

VIEIRA, Else Ribeiro Pires (Org.). Teorizando e contextualizando a tradução. Belo Horizonte: Curso de pós-graduação em estudos linguísticos da FALE/UFMG, 1996.

ZABUS, Chantal J. *The African Palimpsest: indigenization of language in the West African europhone novel*. New York: Rodopi, 2007.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. Ubu Editora LTDA - ME. 2018. Cap. 1 e 2.